



UDESC

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOECONÔMICAS – ESAG
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**FREDERICO SCHUBERT E
ORQUESTRA DE CONCERTOS DE
ERECHIM: MÚSICA DE
CONCERTO EM ERECHIM ENTRE
1950 E 1968**

GLEISON JULIANO WOJCIEKOWSKI

FLORIANÓPOLIS, 2017

GLEISON JULIANO WOJCIEKOWSKI

**FREDERICO SCHUBERT E ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM:
MÚSICA DE CONCERTO EM ERECHIM ENTRE 1950 E 1968**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Música.

Orientação: Prof.º Dr.º Marcos Tadeu Holler

FLORIANÓPOLIS

2017

W847f Wojciekowski, Gleison Juliano
Frederico Schubert e orquestra de concertos de Erechim: música de concerto em Erechim entre 1950 e 1968 / Gleison Juliano Wojciekowski. - 2017.
119 p. il.; 29 cm

Orientador: Marcos Tadeu Holler
Bibliografia: p. 91-95
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2017.

1. Concerto – História. 2. Concertos – Erechim. 3. Frederico Schubert. I. Holler, Marcos Tadeu. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

CDD: 785.609 - 20.ed.

GLEISON JULIANO WOJCIEKOWSKI

FREDERICO SCHUBERT E ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM:

• **MÚSICA DE CONCERTO EM ERECHIM ENTRE 1950 E 1968**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Artes da UDESC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Música, área de concentração Musicologia/Etnomusicologia.

Banca Examinadora:

Orientador:



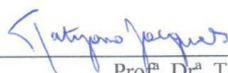
Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro:



Prof. Dr. Christian Storch
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro:



Prof.ª Dr.ª Tatyana Jacques
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Florianópolis, 24 de Março de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Marcos Holler, por uma orientação presente e generosa, a qual foi decisiva na elaboração deste trabalho.

Aos professores do PPGMUS/UEDESC com quem tive a oportunidade de aprender muito, em especial aos membros da banca avaliadora com suas maravilhosas contribuições, Tatyana Jacques, Christian Storch e Luís Fernando Hering Coelho.

Aos músicos Paulo Kameneff, César Kreische, Rudolfo Krüger, César Stanisçuaski e Ubiraja Augusto Domingues Palhano pelas entrevistas e atenção destinado a minha pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado, que em nome de Luiz Fernando Spessatto agradeço a parceria de todo esse período, nas diversas discussões acadêmicas e principalmente a colaboração mútua nos trabalhos de pesquisa.

Ao meu amigo Cássio Lucas da Universidade Regional Integrada, pela ajuda e correção de alguns textos.

Aos meus colegas da Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel, meus alunos, bem como aos integrantes da Orquestra Belas Artes pelo apoio e compreensão nesse período de estudos.

A Academia Erechinense de Letras, pelo convívio sempre enriquecedor.

Aos meus pais Ireno e Igenes Wojciekowski, irmão Gleimar Josef Wojciekowski, sobrinho Gabriel Wojciekowski pelo carinho e compreensão em todos os momentos que estive ausente.

A minha amada esposa Monalise Cristina Studzinski Wojciekowski, pelo amor incondicional, apoio e incentivo, não somente neste trabalho, mas por toda vida.

RESUMO

O papel da Orquestra de Concertos de Erechim durante o período em que o maestro austríaco Frederico Schubert esteve frente ao grupo, promovendo a música de concerto, buscava além de mero entretenimento, um caráter formativo em relação à sociedade erexinense, visando construir valores tradicionais da cultura europeia. O objetivo de um determinado grupo da sociedade erexinense era a imitação do gosto, modismos e hábitos burgueses europeus, ou seja, buscava uma construção correlata, ainda que fantasiosa, do que entendia ser os mais importantes centros culturais da sociedade ocidental. A escolha do repertório da OCE pelo maestro Frederico Schubert, bem como suas diversas ações, frente à orquestra tinha o intuito de moldar a sociedade erexinense.

Palavras-chave: Erechim. Frederico Schubert. Música de concerto. Campanha de Nacionalização. Ensino de música.

ABSTRACT

The role of the Erechim Concert Orchestra during the period in which the Austrian conductor Frederico Schubert was ahead of the group, promoting a concert music, he sought, besides mere entertainment, a formative character in relation to the *erexinense* society, aiming to build traditional values of the European culture. The aim of a certain group of the *erexinense* society was the imitation of European bourgeois taste, habits and fashion, that is, he sought a correlative, albeit fanciful, construction which he understood to be the most important cultural centers of the Western society. The choice of the repertoire of the ECO by conductor Frederico Schubert, as well as his actions ahead of the orchestra, had the intention of shaping the *erexinense* society.

Keywords: Erechim. Frederico Schubert. Concert music. Nationalization Campaign. Teaching music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antigo Centro Cultural 25 de Julho em 1959.....	44
Figura 2 - Martin Moron	47
Figura 3 - Banda do Jaral	48
Figura 4 - Arthur Carl Eugen Krüger com a Filarmônica de Berlim, 1899	55
Figura 5 - Residência da família Krüger em Barro, 1928	58
Figura 6 - Casa de Comércio de Dominik Kreische.....	59
Figura 7 - Orquestra da família Kreische 1918	61
Figura 8 - Oswaldo Elemar Engel	63
Figura 9 - Frederico Schubert.....	65
Figura 10 - Primeira apresentação da OCE em 1950	68
Figura 11 - Apresentação da Orquestra Infantil no Clube Atlântico em 14/08/1959.....	69
Figura 12 - Primeira apresentação da Sociedade Banda de Música em 1951	72
Figura 13 - Banda Municipal no Guia Geral do Município de Erechim 1958.....	73
Figura 14 - OCE na Revista de Erechim 195	78
Figura 15 - OCE no Guia Geral do Município de Erechim 1958.....	79
Figura 16 - Musicistas em 1956	81
Figura 17 - Primeira apresentação da pianista Rosemari Niederberger em 1959	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
1.2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2	FORMAÇÃO HISTÓRICA DE ERECHIM	25
2.1	O PERÍODO PRÉ-COLONIZAÇÃO	25
2.2	A COLÔNIA DE ERECHIM, IMPRENSA E A FERROVIA	28
2.3	O POSITIVISMO NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DE ERECHIM	33
3	FORMAÇÃO MUSICAL DE ERECHIM E AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS ..	37
3.1	FORMAÇÃO CULTURAL DE ERECHIM	37
3.1.1	Os imigrantes	40
3.2	A MÚSICA EM ERECHIM ANTES DA CHEGADA DE SCHUBERT	46
3.2.1	Arthur Carl Eugen Krüger	54
3.2.2	Affonso Krüger	57
3.2.3	Ricardo Kreische	59
3.2.4	Oswaldo Elemar Engel	62
4	FREDERICO SCHUBERT UM CATALIZADOR CULTURAL	65
4.1	FORMAÇÃO EUROPEIA E MIGRAÇÃO	65
4.2	A ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM	66
4.3	FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BANDA DE MÚSICA DE ERECHIM.....	71
4.4	OUTROS GRUPOS MUSICAIS	74
5	ASPECTOS SOCIAIS	75
5.1	A IMPRENSA.....	75
5.2	O PAPEL DA MULHER	80
5.3	O REPERTÓRIO	83
5.4	OS CLUBES, TEATROS E CINEMAS	85
6	CONSIDERAÇÕES	87
	REFERÊNCIAS	91
	APÊNDICE A - INFORMAÇÕES SOBRE MÚSICA NAS FONTES	
	DOCUMENTAIS	97
	APÊNDICE B - Lista do Repertório	103
	ANEXO A - Recorte de jornal de fonte desconhecida	113
	ANEXO B - Ofício 12/75	115
	ANEXO C - Reportagem Correio do Povo – OCE na Assembleia Legislativa	117
	ANEXO D - LISTA DAS MÚSICAS OCE, 1968	119

1 INTRODUÇÃO

A vivência profissional e, antes de tudo, a convivência familiar com músicos têm me permitido identificar várias questões relacionadas à prática musical em Erechim, especialmente sobre a Orquestra de Concertos de Erechim (OCE) e Sociedade Banda de Música de Erechim, mais conhecida como Banda Municipal. Esses fatores somados ao estudo acadêmico, despertaram em mim o interesse pelo estudo do referido tema, que iniciei em minha pesquisa durante o mestrado em história, e que resultou em um livro já publicado.

Frederico (Fritz, como consta no livro de atas da OCE) Schubert, nasceu em 16 de fevereiro de 1901 em Viena (Áustria), e faleceu em Resende, no estado do Rio de Janeiro, em agosto de 1978. Em sua cidade natal, Schubert cursou a academia de música, onde estudou principalmente o violino, instrumento o qual passou a trabalhar em diversos grupos, tendo inclusive tocado na Orquestra Filarmônica de Viena, sob a batuta de Arturo Toscanini (KRÜGER, 1997).

O período de tempo a ser estudado coincide com o momento em que o maestro Frederico Schubert esteve à frente da OCE, desde a sua fundação em 10 de junho de 1950, até a sua saída em 1968 quando o maestro Alfonso Krüger assumiu os trabalhos.

Além do maestro outros atores tiveram participação no processo histórico, como por exemplo, o violoncelista alemão Arthur Krüger, os violinistas Ricardo Kreische e Paulo Kameneff, e o pianista Oswaldo Engel. Dessa forma a construção histórica da comunidade musical da região foi marcada pela presença dos imigrantes europeus, onde não só diversos atores, mas também diversas culturas interagem num território com influência positivista.

Dos 37 membros fundadores da sociedade que constam no livro de atas, é possível identificar 22 sobrenomes de origem germânica (alemães e austríacos), 12 de origem italiana, além de um tcheco, um russo e um israelita.

Juntamente com outras sociedades musicais da cidade como o Conservatório Francisco Manuel (e posteriormente com Escola de Belas Artes Oswaldo Engel), a Orquestra de Concertos de Erechim ajudava a moldar a educação, o comportamento e o gosto de uma determinada camada da sociedade, e buscava incentivar o gosto pela música europeia.

Como diversos centros urbanos da época, é possível observar que a sociedade buscava uma imitação dos gostos, modos e hábitos burgueses europeus, num sentido que o “nível cultural” mais “elevado” pertence àquele grupo consumidor da cultura sinfônica europeia, sendo aquele que consome outro tipo de arte estaria em um nível cultural inferior.

Da mesma forma, o fato de as datas históricas nacionais citadas terem tamanho destaque reflete a influência positivista na formação da cidade, onde a ordem era mantida cultuando sua história e na busca do progresso sem rupturas em busca de um estágio social mais “civilizado”.

Como objetivos gerais, este trabalho busca compreender o papel da Orquestra de Concertos de Erechim e a atuação do maestro Frederico na sociedade erexinense de 1950 e 1968, como reflexo e/ou agentes da perpetuação de uma cultura europeia, como sinônimo de uma cultura elevada.

Além disso, este trabalho procura evidenciar os mecanismos utilizados pela OCE no período entre 1950 a 1968 quando o maestro Frederico Schubert estava na sua direção, e teve sua atuação voltada para a formação e para a divulgação da música de origem europeia, e também averiguar como a escolha do repertório da OCE era recebido pela sociedade erexinense, além de verificar como Frederico Schubert era visto pelos outros atores da OCE e da sociedade erexinense.

A cidade de Erechim, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul, apesar de bastante jovem (tornou-se município em 30 de abril de 1918, quando Arthur Carl Eugen Krüger tocava na solenidade de instalação do município), contou ao longo deste seu primeiro século com o desenvolvimento de diversos grupos e sociedades musicais que ajudaram a construir a sua identidade sonora e social. Apesar disso, a pesquisa musicológica sobre a região é praticamente inexistente.

A região do Alto Uruguai tem uma produção musical desde a sua colonização, encontramos a formação de grupos musicais anteriores ainda na década de 1920 e muitos destes grupos cessariam suas atividades durante a II Guerra Mundial, mas podemos observar ainda hoje em atividade grupos que se formaram no início da década de 1950, como por exemplo a Orquestra de Concertos de Erechim, ao mesmo tempo se observa que são raras as pesquisas históricas com o referente tema, e inexistentes as pesquisas musicológicas.

Outro ponto importante é a construção da identidade cultural da cidade, para que se reconheça como tal sem perder a sua memória musical, visto que com a ausência de pesquisas na área, juntamente com a falta de preservação de acervos (para não dizer a própria falta de acervos) a sociedade vem dia após dia esquecendo sua própria história bem como seus atores.

Foram utilizados nesta pesquisa livros de atas da Orquestra de Concertos de Erechim e Sociedade Banda de Música de Erechim, que se encontram em posse das respectivas sociedades musicais, além de jornais, fotos, partituras, programas de concertos.

Além disso, foram pesquisadas mais fontes no Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font, como os jornais *Voz Regional (ex-Voz da Serra)*, *Diário da Manhã*, *Jornal Bom Dia*, *Revista de Erechim*. Mesmo não havendo um departamento ligado à música, existe boa parte da coleção dos jornais e revista citados.

O Arquivo Municipal Juarez Miguel Illa Font foi criado pela Lei nº 1.717, em 18 de novembro de 1980, e tem como objetivo resgatar, guardar, conservar e divulgar a história de Erechim, além de buscar uma maior conscientização sobre a importância do documento histórico e o trabalho pelo acesso à informação. Órgão público do município de Erechim, conta em seu acervo com um vasto documental sobre a história de Erechim e da Região do Alto Uruguai, como fotos, documentos e diversas publicações como a *Revista de Erechim* e *A Voz da Serra*.

O acervo é bem organizado e catalogado, contando com três funcionários que auxiliam na localização dos itens. O local divide suas instalações com a Biblioteca Pública Municipal Gladstone Osório Mársico, mas conta com um ambiente próprio para leitura e pesquisa.

Encontra-se em seu acervo a coleção incompleta da *Revista de Erechim* desde 1951 até 1968, além de programas dos concertos da Orquestra de Concertos de Erechim.

O Instituto Estevam Carraro leva o nome do primeiro agente do Correio em Erechim, que instalou uma tipografia em 1929, tendo fundado em 26 de outubro do mesmo ano o jornal *O Boavistense*, que teve o nome mudado para *A Voz da Serra* e posteriormente para *A Voz Regional*, e ainda *Voz* que continua em atividade até os dias atuais.

Neste acervo encontra-se a única coleção completa conhecida de todos os jornais do fundador (*O Boavistense*, *A Voz da Serra* e *Voz Regional*), que abrange desde o período de sua fundação até os dias atuais, incluindo obviamente o período pesquisado. Em contato com o diretor, não foi possível ter acesso a este acervo, devido a problemas financeiros e de manutenção, e o mesmo encontra-se encaixotado.

Rudolfo Affonso Krüger, bisneto do imigrante e violoncelista alemão Arthur Carl Eugen Krüger, é professor de violino na Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel e spalla na Orquestra de Concertos de Erechim. Reuniu um acervo sobre os músicos de sua família que inclui fotos, programas de concertos, algumas poucas partituras manuscritas e documentos, os quais ficaram disponíveis para a pesquisa e estão guardadas em cinco pastas. Dentre esses itens, existe um recorte de jornal no qual não consta o nome do jornal e nem a data, escrito em alemão e com uma foto onde aparecem Arthur Krüger, Affonso Krüger, Rudolfo A. Krüger e seu irmão Nelson H. Krüger com seus instrumentos; seu texto faz referência aos músicos citados bem como à *Banda Municipal de Erechim* e a *Sinfonie*

Orchester. Encontram-se também em seu acervo os violinos que pertenciam ao seu bisavô Arthur Carl Eugen Krüger, sendo que é possível ler em um deles a inscrição “Joseph Guarerius – IHS” e a data de 1735.

Também foi utilizado o meu próprio acervo, que ao longo dos anos fui recolhendo materiais como: fotografias, gravações, documentos e cópia de documentos de músicos, partituras (inclusive algumas manuscritas), recortes de jornais e revistas. Dentre estes é possível citar uma cópia do manuscrito de Paulo Carlos Moron, o qual foi fornecido pela professora Gládis Helena Wolff, no qual o autor descreve a vida da então colônia de Barro, um distrito de Boa Vista. O documento original pertence ao bisneto do autor, mas encontra-se no Museu de Gaurama. Outro documento importante é a cópia do livro de atas da Orquestra de Concertos de Erechim, o qual foi fornecido pelo então maestro da OCE, Aldo Ademar Hasse. O original encontra-se na sala de ensaios da Orquestra de Concertos de Erechim, localizada junto do Centro Cultural 25 de Julho.

Foram entrevistados os músicos Paulo Kameneff, Cézár Kreische, Rudolfo Krüger, César Stanisçuaski e Ubiraja Augusto Domingues Palhano, pois o primeiro citado é o único fundador ainda vivo da Orquestra de Concertos de Erechim, enquanto Cézár Kreische e Rudolfo Krüger, apesar de não terem sido fundadores, começaram a participar do grupo no final da década de 1950, tocando com o maestro Frederico Schubert. César Stanisçuaski foi um músico que teve como banca da Ordem dos Músicos do Brasil o maestro Frederico Schubert e foi expectador de diversas apresentações. Quanto a Ubirajara Palhano, tocou durante muito tempo com o grupo de Oswaldo Engel, além da Orquestra de Concertos de Erechim. Estas entrevistas são semi-estruturadas, e deram voz aos discursos destes músicos envolvidos de uma forma ou outra com o maestro Frederico Schubert, e estas memórias possibilitam o levantamento de informações sobre o desenvolvimento da Orquestra de Concertos de Erechim, seus atores e principalmente sobre seu maestro.

Com os entrevistados e outros descendentes dos músicos envolvidos foram buscados outros itens como partituras, programas de concertos, fotos e fonogramas. Um possível acervo seria o de Villie Stein, já falecido, que tentou doar este acervo a algumas instituições, porém foi recusado por todas, e atualmente encontra-se em sua antiga casa, mas sem um acesso ou cuidados sistematizados. O senhor Stein foi músico da OCE e construtor de instrumentos, e segundo algumas pessoas teria diversos documentos, fotos e fonogramas relacionados à fundação da orquestra e seu posterior desenvolvimento, porém apesar de não negar acesso ao acervo, os herdeiros nunca disponibilizaram um tempo para que fosse possível a consulta.

Um ponto importante é o fato de no livro de atas da Orquestra de Concertos de Erechim existir uma lacuna entre os anos de 1965 até 1970, pois a ata de número 37 é do dia 10 de junho de 1965, e a ata seguinte de número 38 faz referência ao dia 10 de junho de 1970. Para isso foi necessário uma busca de outras fontes como as entrevistas para elucidar este período, que inclui a saída do maestro Frederico Schubert da sociedade musical.

Também se faz necessária para efeito de comparação uma pequena abordagem do repertório com outros maestros na direção da OCE como Affonso Krüger, Carino Corso, José Carlos Gheller, além de alguns regentes que participaram como convidados como Alfred Siegwald, através de documentos de períodos posteriores ao abordado.

1.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ducatti Neto em seu livro *O grande Erechim e sua história* (1981), traça a trajetória da cidade desde o período da ocupação indígena, passando pelo período de colonização dos imigrantes europeus até o desmembramento dos municípios daquele momento que fora escrito. Nessa obra, seu autor dedica um capítulo sobre a “vida social”, sendo que todo o capítulo ocupa duas páginas do livro, em que descreve a fundação das “sociedades antigas”, os “cinemas”, onde aparece algumas citações sobre a música, em especial sobre os músicos da família Kreische, assunto que retoma logo em seguida dedicando um sub capítulo *A família Kreische e a arte musical*, no qual faz uma pequena citação sobre OCE:

E foi da orquestra da família Kreische que nasceu, há 30 anos, a atual orquestra sinfônica de Erechim, que a 13.9.1980, por ocasião do 1 Festival de Folclore, em comemoração de seus 30 anos de fundação, fez apresentação admirável que deixou emocionados a todos que assistiram o espetáculo (DUCATTI NETO, 1981, p. 157).

O livro *Histórico de Erechim*, de 1979, publicado pelo CESE (Centro de Ensino Superior de Erechim) e da FAPES (Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior), escrito pelo professor Ernesto Cassol, tem uma abordagem histórica positivista. Em seu livro Cassol traz inúmeras tabelas para ilustrar a evolução econômica e demográfica da cidade, além de abordar a “proto-história”, a “evolução administrativa”, e o “ensino-educação” no município, mas não faz nenhuma menção às questões artísticas e musicais.

Costa, no livro *Cinquentenário de Erechim – Álbum Oficial* (1968), traz diversos atores da classe dominante da cidade, seja da indústria, comércio, política, citando diversos termos de exaltação como o “Grande Erechim”, “progresso”, “pujança”, “grandeza”, “potência”, “orgulho” para os homens, sociedades e empresas que “forjam a grandeza de

Erechim”. A obra mostra o valor simbólico da orquestra para a cidade quando o autor afirma que a “Orquestra de Concêrtos de Erechim eleva nossos fóros de cultura”.

O padre Antonio Valentini Neto em sua obra *Dados Históricos da Diocese de Erechim e Região* (2007), traz um apanhado de dados históricos sobre a cidade do ponto de vista da diocese da igreja católica, bem como a transcrição de alguns artigos publicados em jornais locais ao longo do século XX, principalmente das décadas de 20 a 40 quando o padre e político Benjamim Busato (com pseudônimo Chico Tasso) esteve frente à cúria diocesana, porém não foi encontrada nenhuma citação relacionada à música.

Tiago Pereira em sua dissertação *Pela escuta de Heinz Geyer na “Cidade Ressoante”:* *Música e Campanha de Nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945)*, de 2014, aborda as relações entre o citado maestro alemão (1897-1982), suas obras e a sociedade blumenauense no início do século XX. No período político abordado esta a Campanha de Nacionalização adotada pelo presidente Getúlio Vargas, e esta pesquisa busca compreender de qual forma ela teria influenciado a escolha do repertório e as práticas musicais na cidade de Blumenau.

Na dissertação *Sociedade Pró-Música de Curitiba (SPMC): Análise histórico-social da música erudita na capital paranaense (1963-1988)*, de 2010, a musicóloga Melissa Anze utiliza o conceito e o modelo teórico de Magnus Pereira e Norbert Elias de “morigeração cultural, civilização, modernização” para abordar a forma com que a sociedade musical citada atuou em Curitiba. A autora investigou também a própria intelectualidade que dirigiu a entidade no período analisado, constatada como “intelectualidade-tipo”, utilizando conceito de Elizabeth Prosser, e como grupo de “estabelecidos”, segundo modelo de Norbert Elias.

O musicólogo Roberto Fabiano Rossbach, em sua dissertação de mestrado intitulada *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*, de 2008, investiga o papel das sociedades de canto em Blumenau na difusão do movimento da cultural local e suas contribuições para a continuação desta tradição que “se mantém viva até os dias de hoje”. Segundo o autor, apesar do processo de aculturação e assimilação de novos “valores culturais” ocorrido com o contato dos imigrantes alemães com a cultura nacional, muitos elementos se mantiveram inalterados como o “espírito associativo” e o “canto em alemão”.

De minha autoria escrevi, no período de 2010 até 2012, diversos artigos para o caderno *Blitz* do jornal *Diário da Manhã*, este com diferentes edições em três sedes, Erechim, Carazinho e Passo Fundo, porém este caderno cultural estava inserido em ambos os jornais, tendo uma periodicidade semanal. Dessa forma, cada artigo estava ligado à música,

especialmente regional, e boa parte destes textos foram biografias de músicos locais (das cidades de circulação do jornal, à qual além das cidades de sua redação, somam-se também as cidades circundantes), e intercalava com personagens da história da música da região de circulação. Devido à maior proximidade geográfica, e portanto, às fontes de pesquisa, os personagens da região de Erechim foram mais presentes numericamente. Dentre as biografias publicadas de músicos que atuaram em Erechim, podem ser citados Milvo Mattia, Frederico Schubert, Carino Corso, Oswaldo Elemar Engel, Paulo Casarim, Paulo Kameneff, Arnaldo Savegnago, Sérgio Intkar, César Tadeu Stanisquaski, Ireno Wojciekowski, Arthur Carl Eugen Krüger, Aldo Ademar Hasse, Pedro Paulo Mandelli, Yáskara Sperhackle, Carlinhos Steiner, José Carlos Wicteky, Richard Kreische, Naudi Dalpizzolo, Chico Brasil, Reinaldo Centenaro, Enori Chiaparini, Paulo Carlos Moron, Juarez Motta, Amélio Viero, Armando Luiz Matté, Celso Collet, Clóvis Stanisquaski, Luiz Lanfredi, Rochinha, Affonso Krüger e Armando Cassiano de Almeida. Destes músicos citados, diversos teriam tido relações com a Orquestra de Concertos de Erechim, Sociedade Banda de Música de Erechim e/ou o maestro Frederico Schubert. As fontes utilizadas para estes artigos foram entrevistas com familiares, músicos contemporâneos, além de documentos, fotos, programas de concertos e cartazes.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A música e a arte em geral carregam dentro de si muitos elementos extra musicais, elementos sociais, políticos filosóficos, religiosos. Segundo Bourdieu:

[...] as experiências das pessoas são sempre relacionais. A superação daquele modelo narrativo que representa sujeito como um ser único. Provido de unidade, por meio dos pressupostos da interrogação, do descontínuo, conduz à construção da noção de trajetória, como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações (BOURDIEU, 1996, p. 189).

A Orquestra de Concertos de Erechim com sua atuação simbólica dentro da sociedade erexinense influenciava além das questões puramente musicais. Dessa forma, aliado com o conceito de morigeração, também se faz necessário um olhar através da história cultural, a qual tem uma preocupação com o simbólico e com suas interpretações. Símbolos, consistentes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras (BURKE, 2005, p. 10).

O sociólogo alemão Norbert Elias, um seguidor de Weber em certos aspectos, escreveu *O Processo civilizador* em 1939, que é essencialmente uma história cultural, que combina as abordagens da antropologia e da história para estudar as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana (BURKE, 2005, p. 20).

Segundo Burke, a história cultural tem basicamente duas abordagens opostas, mas que se complementam; uma interna, onde o historiador cultural “abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar”; e uma externa, vinculada à ascensão da história cultural que contempla uma “virada cultural mais ampla em termos de ciência política, geografia, economia, psicologia, antropologia, e estudos culturais”. Dessa forma o conceito de “hermenêutica” (que se referia apenas às interpretações da Bíblia) foi ampliado para a interpretação de “artefatos e ações” (2005, p. 8).

A esse respeito, Hegel chamava de “espírito da época” ou “*Zeitgeist*”, segundo o qual se tem uma ideia que o historiador pinta “o retrato de uma época”, subtítulo da obra de G. M. Young, de 1936 (apud BURKE, 2005).

A história cultural poderia ser entendida como uma história do pensamento, ou história das “mentalidades, sensibilidades ou representações coletivas”, mas uma possível solução para a definição de história cultural seria focar não nos objetos de estudo, e sim em seus métodos de estudo (BURKE, 2005).

Aliado a essa abordagem de história cultural, foi utilizado o conceito de morigeração, ou seja, a moderação dos hábitos de viver; cabe salientar aqui que se entende o padrão burguês europeu como modelo. Segundo Pereira (1996, p. 96), tratando-se da formação de um senso comum, é utilizado o conceito de morigeração, o qual busca a:

[...] transformação do indivíduo, seus costumes e atitudes, e portanto das práticas sociais, econômicas e principalmente das manifestações culturais e artísticas, padronizados a uma imitação dos gostos, modismos e hábitos burgueses europeus, ou ainda uma fabricação mais apropriada desta sociedade, correlata àquelas que existiam nos mais importantes centros do mundo ocidental.

A dissertação está organizada em 5 capítulos. A introdução estabelece uma revisão bibliográfica sobre a colonização de Erechim, e a música nesse contexto, em seguida desenvolvendo uma fundamentação teórica.

No segundo capítulo, intitulado Formação histórica de Erechim, será abordado o processo histórico do território do Alto Uruguai, onde está localizada a cidade de Erechim, desde o período anterior à chegada dos imigrantes e o processo colonizador das diversas

nacionalidades. Nesse capítulo também serão abordadas às questões relativas a influência da ferrovia e do positivismo na formação da colônia de Erechim.

No terceiro capítulo, intitulado Formação étnica e musical de Erechim, será realizada uma breve discussão sobre o conceito de cultura, e principalmente o contexto musical da colônia antes da chegada do maestro Frederico Schubert, com os grupos musicais existentes e a biografia de alguns atores de relevância neste contexto e que de alguma forma atuaram também na fundação da Orquestra de Concertos de Erechim.

No quarto capítulo, o foco se dará na chegada de Frederico Schubert à cidade de Erechim, com sua formação musical, e a fundação de grupos musicais, em especial a Orquestra de Concertos de Erechim e a Sociedade Banda de Música de Erechim.

No último capítulo a abordagem será nos aspectos sociais relacionados a Orquestra de Concertos de Erechim através do viés da imprensa, além de buscar o papel da mulher nesse contexto. Nesse capítulo também será abordado o repertório da OCE, e os clubes onde esta orquestra se apresentava.

2 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE ERECHIM

A finalidade deste capítulo é trazer para a discussão o processo de formação histórica do território que hoje é chamado de Erechim, contextualizando aspectos político-administrativos, relações com a construção da estrada de ferro bem como examinar a presença de povos antes da colonização de imigrantes europeus.

2.1 O PERÍODO PRÉ-COLONIZAÇÃO

A história de Erechim se inicia muitos anos antes da colonização. No território do que é hoje o estado do Rio Grande do Sul, há evidências arqueológicas de ocupações humanas desde, no mínimo, seis mil anos atrás. Essas evidências ainda não certificam se estes grupos foram cultivadores, ao que tudo indica teriam sido caçadores e coletores nômades, alguns provavelmente bem sucedidos como tal, já que possuíam vasilhas de cerâmica e habitações fixas, como as casas subterrâneas do planalto (CASSOL, 1979).

Segundo Chiaparini (2012, p. 12), os Tape, Guarani e Jê são considerados os primeiros povoadores do atual território do Rio Grande do Sul, e cerca de 80 mil índios viviam nesse território no início do século XVII, quando os primeiros conquistadores chegaram.

Os Caingangue (kaa = mato + ingáng = morador; ou seja, habitante do mato) são índios de fala do tronco linguístico Jê:

Os Kaingang dos séculos XVII e XVIII, que ainda vivem no Brasil Meridional, designados sob diversos nomes como Socré, ou Shokleng, „Kamé”, Bugres, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tem nos Guaianá, tomados em sentido amplo, os seus ancestrais diretos, sendo integrantes do grupo linguístico Jê (DUCATTI NETTO, 1981, p. 34).

Estes indígenas, no século XIX, estavam confinados à região do Alto Uruguai, para onde foram empurrados pela ação colonizadora dos alemães e italianos, que os expulsaram da região colonial. Antes disso, há indícios de que as matas de Erechim eram habitadas pelos índios Botocudos, pertencentes ao ramo Meridional da família Jê, mas incluídos por Telemaco Moricenes Borba a partir de 1882, ao grupo Caingangue, antigo Guaianá, pertencente ao subgrupo dos Shokleng segundo Metraux, habitantes originários da região. “Com a vinda dos Kaingang para o sul, estes expulsam e tomam conta da região. Isto ocorre nos séculos XVI e XVII, indo (os Botocudos) se estabelecer na zona do Planalto, a leste de Santa Catarina” (BECKER, 1995, p. 34).

Dessa forma, o índio foi um dos elementos formadores da população do território de Erechim antes do início da colonização, mas não o único. Outro elemento populacional foram os descendentes dos bandeirantes paulistas que chegaram ao Rio Grande do Sul no século XVII, que se miscigenaram com os índios Caingangue, dando origem ao caboclo nômade (DUCATTI NETTO, 1981, p. 50).

Rubenich informa que no processo da cata do gado dos séculos XVII e XVIII, de conflitos entre padres e índios, de revolucionários, alguns desses elementos iriam acabar por fixar-se nesse território da região norte do Rio Grande do Sul, provenientes principalmente da Região do Planalto (Passo Fundo). Assim, esse caboclo autóctone seria chamado de posseiro (algumas décadas mais tarde) pela onda “civilizatória” da colonização (RUBENICH, 2002, p. 45).

No final do século XIX o território que hoje é chamado de Erechim passaria a receber mais pessoal antes mesmo de ter início a colonização oficial:

Dessa forma, quando foi proclamada a república, o Sertão de Erechim já era habitado por muitos intrusos, quando um novo fluxo imigratório trouxe para estas matas numerosos fugitivos da sangrenta revolução de 1893, oriundos dos mais diversos pontos do Estado, especialmente das regiões assoladas pelos “maragatos” e “pica-paus”, pois ambos usavam como invariável praxe a matança e o saque de bens do adversário (ILLA FONT, 1983, p. 13).

Segundo Garcez:

[...] desde 1809, quando se verificou a primeira divisão administrativa da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, até a criação do Município de Passo Fundo, em 1857, o território, que formaria o município de Erechim, em 1918, era designado com o nome de Alto Uruguai (1997, p. 51).

O território ao norte de Passo Fundo, designado posteriormente como Sertão do Alto Uruguai, onde hoje está localizado o município de Erechim, foi conquistado somente após a emancipação política e administrativa de Passo Fundo, e sua elevação de freguesia para vila, em 28 de janeiro de 1857. Dentre os motivos que mantiveram por tanto tempo os conquistadores afastados do Alto Uruguai, é possível apontar a floresta fechada e principalmente a resistência dos Caingangue (CHIAPARINI, 2012, p. 25).

A demarcação de terras de Erechim foi iniciada em 1904 com a exploração simultânea do traçado por onde deveria passar a ferrovia, esta concedida inicialmente à companhia belga Cie. Auxiliaire de Chemins de Fer. A construção da ferrovia foi iniciada simultaneamente nas duas pontas, em Marcelino Ramos e na Fazenda Araújo (CASSOL, 1979, p. 27).

Segundo Wilson W. Weber (apud CASSOL, 1979, p. 28), muitos dos extratores de erva-mate que trabalhavam na região eram provenientes do Paraguai e da Argentina, e eram denominados “correntinos”:

Em 1900 a firma Abelardo Marques, que possuía um engenho de erva-mate em Passo Fundo, enviou para esta região uma turma de muitos homens, cerca de quatrocentos, para extração deste produto que era abundante. Chefiava essa caravana heterogênea, composta de homens de todas as raças, mas onde predominava o elemento guarani, um senhor chamado Arthur Escalada, que viera de Xanxerê, Estado de Santa Catarina. Chefiava esta caravana heterogênea, composta de homens de todas as raças, mas onde predominava o elemento guarani do Paraguai, um senhor chamado Artur Escalada, que viera de Xanxerê, Estado de Santa Catarina. Eram numerosos os trabalhadores nômades provenientes daquelas bandas da Argentina pois o povo os englobava na denominação de “correntinos”, isto é, de Corrientes.

Rubens Neis (apud DUCATTI NETTO, 1981, p. 51), em artigo publicado no jornal *Correio do Povo* por ocasião do Cinquentenário do Município de Erechim, em 30 de abril de 1968, escreve sobre os “problemas enfrentados” pelas autoridades do Estado em face da infiltração de foragidos da justiça nas matas do então 7º distrito do município de Passo Fundo:

Diz a tradição que estas matas estavam infestadas de elementos fugidos da polícia que naquelas extensões estavam a salvo da justiça, e levavam o pânico para as regiões circunvizinhas, e para os que se atreviam a penetrar nessas matas. O Governo do Estado via-se diante de uma situação tumultuosa, descrita no Relatório da Diretoria de Terras e Colonização do ano de 1908: por toda a parte do extenso município de Passo Fundo existem terras do domínio do Estado. Nelas acham-se encravadas posses legitimadas e por legitimar, e grande número de intrusos. Todas essas terras são, em regra, de uma fertilidade extraordinária. Depois da Proclamação da República, a invasão dessas tem ido sempre crescendo. Atualmente se está estabelecendo uma corrente de moradores de outros municípios, atraídos pela fertilidade das terras, e estes se tem estabelecido de preferência às margens do Rio do Peixe. Torna-se necessário regularizar o povoamento dessas terras, não consentindo no estabelecimento nelas senão mediante concessão de lotes previamente demarcados.

A Colônia de Erechim está entre as últimas a serem ocupadas no Rio Grande do Sul, a última porção do território a ser incorporada ao processo de produção capitalista. A distância do centro de ocupação e da capital do estado Porto Alegre, assim como o terreno acidentado e de mata fechada estão entre as razões para tal, mas além disso, ou por isso, o local era um refúgio de presidiários perseguidos pela lei, “bandidos perigosos” debandados da Revolução de 1893 (PIRAN, 2001, p. 20).

Em 1909 já havia várias famílias designadas pelo apelido de “Birivas” (estrangeiros em Caingangue), descendentes de bandeirantes, que cruzaram com os índios, e aos quais posteriormente juntaram-se os foragidos da justiça (CASSOL, 1979, p. 127).

Como pode ser observado, os habitantes desse território eram vistos pelo governo do Estado com um estorvo, baseado num preconceito pseudocientífico inerente à política da época. Dessa forma os interesses, direitos, cultura (inclusive a música) foram excluídos do processo de colonização por estarem em um estágio de evolução “inferior”.

2.2 A COLÔNIA DE ERECHIM, IMPRENSA E A FERROVIA

Ducatti Neto (1981) enfatiza que, a partir de 1908, o governo do Estado tomou a decisão de “desbravar” a região através da Diretoria de Terras e Colonização. Nos anos seguintes foi implementada a iniciativa de colonização e como meio de comunicação e transporte o governo do Estado determinou a passagem da estrada de ferro pela região. No ano de 1910 já havia cerca de 50 casas e alguns pontos comerciais e, no ano seguinte, já com a política de colonização em desenvolvimento acelerado, a população atingiu 10 mil habitantes, num total de 103 casas, mais de 2.100 lotes demarcados e quase 2.000 ocupados. Juntaram-se aos caboclos que moravam na região imigrantes poloneses, alemães, italianos e judeus.

Cassol (1979, p. 127) afirma que a região era limitada ao sul pelo município de Passo Fundo e ao norte pelo Rio Uruguai, tendo seu povoamento iniciado em princípios do século XX, mas que em 1893 já havia alguns habitantes. A penetração nesse território aconteceu através do Passo do Goyo-En.

O padre Benjamin Busato em sua *Crônica 1*, sob o pseudônimo de Chico Tasso (TASSO apud CIMA, 2003, p. 42) retratava sempre com especial atenção o processo de colonização de Erechim, citando como seu primeiro morador Joaquin Assunção, natural de Pontão ou de Colônia do Bugre, região próxima a Passo Fundo, onde teria chegado por volta de 1883. Junto com ele veio seu irmão Manoel Ortiz Assunção, que foi o construtor do paiol onde era guardada a erva-mate, a qual posteriormente era transportada para Passo Fundo. Foi esse paiol que deu origem à denominação “Paiol Grande”, dada a Erechim nos primeiros tempos. O primeiro morador conhecido foi Andronico Manoel de Assunção, que em 1898 construiu sua casa em Erechim (CASSOL, 1979, p. 127).

Para melhor entender essas denominações, é necessário saber que o atual município de Erechim passou por diversos nomes: Paiol Grande, até 30 de abril de 1918; Boa Vista, a partir

de 1918 até 7 de setembro de 1922, quando passou a ser Boa Vista do Erechim; José Bonifácio, a partir de um decreto em 5 de abril de 1938 e, finalmente, Erechim, a partir de 1944.

Ducatti Neto (1981, p. 71) afirma que a colonização de Erechim foi “caso único” no Brasil. Criada a Colônia de Erechim em 1908, os trabalhos de fundação da sede tiveram início em julho de 1905; em 1910 recebia os primeiros colonos; em 1913 sua população chegava a 18.000 habitantes e, em 1918 tornou-se um município, cuja “importância econômica iguala a dos mais antigos e ricos do Rio Grande do Sul”.

Segundo Cassol (1979, p. 28), o então presidente do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa, criou a Colônia de Erechim, com sede em Capoeirê, em 6 de outubro de 1908. O ato se insere na política de imigração e colonização que, no período, o governo do Estado implementava. Era uma colonização oficial e planejada, sob a ótica positivista da época, e executada pelo organismo competente, a Inspetoria de Terras. Paralelamente permitia-se também a colonização privada de acordo com a legislação vigente. Podem ser citadas as companhias particulares como a Bretei, a Sertaneja e principalmente a Luce-Rosa e a Jewish Kolonization Association (IKA) como atuantes no processo de colonização da região.

Da mesma forma que defendia a imigração espontânea, os membros da Diretoria de Terras e Colonização que rezavam na cartilha do positivismo, defendia as ideias de que a tarefa de colonizar o solo gaúcho devia ser de exclusiva responsabilidade do Estado. No relatório de 1908, Carlos Torres Gonçalves escreve: “À semelhança do serviço de policiamento e de outros, geralmente reconhecidos hoje como devendo ser realizados pela administração, assim se dá com o serviço de colonização, que, pela sua complexidade, ao Estado deve competir” (GONÇALVES, 1908 apud GRITTI, 2004, p. 126).

Paralelamente ao processo de colonização, o engenheiro Severiano de Souza Almeida começou o processo demarcatório, e coube a ele a administração do novo núcleo. Segundo Cassol (1979, p. 128) e Ducatti Neto (1981, p. 99), a primeira leva de imigrantes alemães, austríacos, poloneses chegou a esse núcleo em 3 de setembro de 1912. A respeito da chegada dos imigrantes a Erechim no início da década de 1910, Cassol escreve:

Entre os imigrantes salientamos o Sr. Henrique Hagers, que trabalhou na estrada de ferro de Rio Bonito até a ponte do Rio Uruguai. Em abril de 1911 ou 1912 chegou a família de Paulo e Elisa Vacchi. Chegaram em 1912, Eugênio Isoton, primeiro sapateiro, Pedro Longo, primeiro seleiro, Bortolo Balvedi, José Bonaldo, Francisco e Angelo Poletto que eram tropeiros e levavam as mudanças dos imigrantes. Entre 1910 e 1912 se fixaram em Erechim 7.500 imigrantes.

Ducatti Neto (1981, p. 99) acrescenta a esta lista o primeiro alfaiate, Augusto Stefanus, cujo filho de mesmo nome viria a ser anos mais tarde, em 1951, co-fundador da Sociedade Banda de Música de Erechim, sob liderança do maestro Frederico Schubert, onde tocava trompete.

Segundo Illa Font (1983), todo planejamento elaborado para a execução do projeto Colônia de Erechim contava com a colonização europeia. A partir de 1911, a colonização tornou-se cada vez mais difícil. O panorama político da Europa enuviava-se celeremente. Nos anos que antecederam a I Guerra Mundial (1914-1918) cessou quase por completo a imigração de países da Europa. De qualquer forma, em 1921 já havia 40.000 habitantes em Erechim, na maioria italianos, alemães e poloneses (CASSOL, 1979, p. 128).

Nesse contexto histórico/político, as autoridades federais pretendiam construir grandes redes de viação e arrendá-las, em virtude das vantagens que isso trazia. A unificação das linhas possibilitava a integração de áreas isoladas, aumentava o poder de captação dos trens e representava de fato a expansão das zonas de influência, estimulando a criação de mercados, além de ampliar os existentes. Por outro lado, a unificação implicava a racionalização dos serviços e diminuição dos custos. Fundamentalmente, no entanto, era uma fórmula para equilibrar o tesouro público, livrando-o dos elevados encargos das garantias de juros (ILLA FONT, 1983).

Em julho de 1905 a Estrada de Ferro Santa Maria a Passo Fundo foi concluída, transformando-se a partir daí no tronco norte da rede de viação férrea do Rio Grande do Sul. Ducatti Netto (1981) destaca que, em 1907, tiveram início os trabalhos da ferrovia no local onde hoje se assenta a cidade de Marcelino Ramos, que, na época, era denominada “Barra”. Denominação, aliás, influenciada pelo fato de o rio do Peixe e o Pelotas terem sua foz no Rio Uruguai.

A necessidade de lenha para as locomotivas a vapor alimentou os primeiros passos da indústria madeireira, que foi, nas décadas imediatas a 1910, a principal atividade econômica na região do Alto Uruguai. Na concepção de Wolff (2005), as três primeiras décadas do século XX foram o tempo da ocupação e fixação. O trem, como símbolo do progresso, reforçava a confiança e exercia a atração necessária e justificadora, naquele período, ao novo êxodo de colonos rumo às matas nas cercanias do rio Uruguai.

Em 3 de maio de 1910 a estrada de ferro chegava até Capoerê, povoado que era o 7º distrito de Passo Fundo, e através dessa estrada grandes levas de colonos estabeleceram-se ao longo da ferrovia. Entre 1909 e 1911 foram construídas as estações de Erechim, Erebangó, Capoerê, Boa Vista, Barro, Viadutos e Marcelino Ramos. A ponte férrea sobre o Rio Uruguai,

ligando o estado do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, foi construída entre 1912 e 1913 (DUCATTI NETO, 1981, p. 76).

Carlos Torres Gonçalves sugeriu a transferência do traçado da ferrovia para Paiol Grande, e em 1916, a Diretoria de Terras transferiu o escritório da Comissão de Terras de Erechim (atualmente Getúlio Vargas) para Paiol Grande (atualmente Erechim). Com essa transferência, Paiol Grande passou a receber maiores atenções e investimentos, culminando por se tornar sede do município em 1918 (CASSOL, 1979, p. 29).

Sobre a mudança de sede de Erechim para Paiol Grande, Ducatti Neto (1981, p. 78) cita que o povoado mais importante era o de Erechim não só por “ser sede da colônia, mas ainda como centro da região que primeiro começou a colonizar-se”, mas traz também informações do Relatório da Direção de Terras e Colonização de 1916 (DUCATTI NETO, 1981, p. 175):

De todos os povoados da Colônia, é atualmente mais importante Erechim, infelizmente mal localizado e mal instalado, sem prévio estudo do terreno, sobretudo em consequência do atropelo havido na fase inicial da colônia, devido a entrada de grandes levas de imigrantes.

Segundo P. Rubem Neis (apud DUCATTI NETO, 1981, p. 76) a ferrovia foi o fio condutor para o processo de colonização da região, pois em torno de cada estação desenvolveu-se um núcleo populacional através de processos emancipatórios, e praticamente todas as estações da ferrovia deram origem a uma cidade:

Ao longo da estrada de ferro, que já em 1911 alcançara Marcelino Ramos, e que foi uma das causas da grande valorização da colônia Erechim, foram-se fornando diversos núcleos populacionais como Sertão, Erechim, Erebangó, Capoeirê, Paiol Grande, Balisa, Barro, Viadutos e Marcelino Ramos.

Zambonato (2000) esclarece que o processo de desenvolvimento urbano de Erechim, bem como a formação a partir de diferentes origens étnicas foi um facilitador para que os imigrantes e seus descendentes se reunissem a partir de clubes e associações, que em alguns casos tinham departamentos esportivos, sociais e culturais.

Mais da metade das famílias que vieram a Erechim antes dos anos de 1930 emigraram para os Estados de Santa Catarina e Paraná, onde adquiriram propriedades. As causas desse êxodo foram a necessidade de mais terras devido ao aumento familiar e o esgotamento das terras pela ação dos desmatamentos, das queimadas e da erosão do solo. Dessa forma,

Erechim, assim como municípios vizinhos, teve um decréscimo populacional após o auge da colonização (DUCATTI NETO, 1981, p. 96).

O crescimento populacional na colônia era espantoso. A mistura destas diferentes nacionalidades era a intenção da política governista. A produção agrícola, aliada à exploração de riquezas naturais como a madeira e a erva-mate, impulsionaram a ocupação do território até as margens do Rio Uruguai, inclusive com projetos de empresas colonizadoras particulares como a Jewish Colonization Association e a Luce Rosa e Cia Ltda. (CHIAPARINI, 2012, p. 48).

Sobre o colonizador, João Weiss descreve como enfrentava as dificuldades ao desbravar o território do Alto Uruguai:

Não havia dúvida. O imigrante é criatura coragem e iniciativa. Mas ser colono e vencer todas as vicissitudes, contrariedades e privações, vencendo exclusivamente pelos seus braços, é coisa de heroico. Para tal mister só servem mesmo os melhores entre os melhores (WEISS, 1949, p. 49).

Neste período da colonização surgiram as primeiras publicações. Segundo Karnal, o primeiro jornal surgiu no município em 1º de janeiro de 1919 e foi chamado *Erechim*, e encerrou sua publicação em 1923 “por ocasião do movimento revolucionário”, e teve como dirigentes o major Candido Cony e Mathias Lorenzon (KARNAL, 1926, p. 38).

Um dos jornais da região de Erechim de influência no período abordado foi *A Voz da Serra*, que surgiu em 22 de outubro de 1929 com o nome de *O Boavistense*, quando a cidade se chamava Boa Vista do Erechim, tendo com seu fundador o jornalista Estevam Carraro. Em “certa época foi órgão do Partido Republicano Liberal, sendo seu diretor João Frainer” (DUCATTI NETO, 1981, p. 254).

Neste contexto foi lançada a *Revista de Erechim* com objetivo diverso ao do jornal ao qual estava vinculada, pois continha publicações sobre música, literatura, filosofia, política, artes plásticas, vida social, poesia, arquitetura, filatelia, numismática, publicidade e entretenimento.

A *Revista de Erechim* circulou no início da década de 1950, mais precisamente de 1951 até 1953, e pertencia ao mesmo grupo do jornal *A Voz da Serra*:

Erechim pode orgulha-se de ter possuído uma das mais apreciadas revistas surgidas no Rio Grande do Sul, revalizando com sua congênere a valorosa Revista do Globo, de Porto Alegre. Contando com a colaboração de grandes jornalistas, escritores e poetas, como Romeu Paiva, Wilson Weber e tantos outros, surgiu em primorosa publicação gráfica, sempre profusamente ilustrada, e foi o órgão preferido pela classe intelectual de Erechim, marcando uma época áurea na vida da imprensa de

nossa terra. Surgiu nesta cidade em junho de 1951 tendo como fundador Estevam Carraro e como diretor o professor Rubio Brasileiro. Secretários: Paulo Lima e Aldemiro Arpini. Cessou de circular em dezembro de 1953, mas editou um número em 1966 (DUCATTI NETO, 1981, p. 258).

2.3 O POSITIVISMO NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DE ERECHIM

O positivismo é abordado como uma corrente filosófica importante para o pensamento social brasileiro, principalmente no período compreendido entre 1870 e 1930, no que se refere aos campos teóricos que fundamentaram as teorias de formação do caráter nacional e seus reflexos nas questões identitárias da crítica literária e na historiografia musical. Ideias cosmopolitas como a de civilização, progresso, modernidade, e no caso da música o conceito de “música do futuro” e wagnerismo, além de no contexto das teorias científicas da época o evolucionismo e o determinismo fazem parte do arcabouço positivista (VOLPE apud ANDRADE, 2013, p. 109).

Comte elaborou o positivismo como um sistema científico que definia as ciências experimentais como modelo do conhecimento humano e posteriormente instituiu uma religião, à qual chamou de Religião da Humanidade, que tinha como principal característica ser “científica”. Essa religião foi fundamentada no conhecimento científico, segundo o qual a moral e o civismo eram relevantes para o cumprimento do primordial objetivo que almejavam: a união e paz de toda a Humanidade (ANDRADE, 2013, p. 17).

Disposto a modificar o perfil econômico do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos teve o seu poder legitimado através da Constituição de 14 de julho de 1891, concentrando nas mãos do Executivo o poder necessário para implantar o projeto que objetivava modificar o perfil que marcaria a economia e a sociedade local desde o período colonial. As aspirações de Castilhos e seus seguidores enfrentariam a resistência de significativa parcela das elites pastoris e dos opositores do Partido Republicano Rio-Grandense (CHIAPARINI, 2012, p. 26).

A ideologia em voga era positivista, pela qual os militares e políticos brasileiros que proclamaram a República, em 1889, estavam fortemente influenciados, o que acabou refletindo no espaço urbano. Para parte das elites brasileiras, o positivismo representava a modernidade e justificava meios para alcançá-la.

Diante desta conjuntura, o poder público resolveu implantar, no norte do Estado gaúcho, a Colônia Erechim. Conforme Cassol (2003, p. 38), “esse território foi objeto de uma experiência positivista única no universo”. A colônia, com uma área de 5.029 Km², foi criada pelo então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa Gonçalves, de

formação positivista. O escritório da Colônia foi instalado inicialmente na atual cidade de Getúlio Vargas. Em 1916, o mesmo foi transferido para o prédio do Castelinho no povoado de Paiol Grande, atual cidade de Erechim.

Aldeando os índios, o positivismo acreditava ser possível prepará-los, ainda que de maneira lenta, para que fossem incorporados à sociedade “mais evoluída”. Na opinião de Chiaparini (1992, p. 27), mesmo com este cuidado para não fazer terra arrasada, o nosso índio não deixou de ser violentado. Teve uma personalidade traumatizada, indo a reboque da civilização branca. “Os índios e caboclos são os perdedores da história. Mas eles despertaram com um mínimo de consciência e resistência. Tanto é que a gente vê aí no Votoro (aldeamento indígena) um movimento forte de reivindicação de direitos” (CHIAPARINI, 1992, p. 27).

De acordo com Gritti (2004), a imigração foi defendida pelos positivistas, através da Diretoria de Terras e Colonização. Eles defendiam a ideia de que a tarefa de colonizar o solo gaúcho deveria ser de exclusiva responsabilidade do Estado.

Em tese, o positivismo defende os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Entende que, na sociedade, não somos todos iguais, mas temos que nos dobrar a uma mesma ordem de solidariedade. Segundo essa visão, nem todos teriam condições de serem proprietários dos meios de produção, por exemplo. Porém, o poder público exerceria o papel de mediador, fazendo com que os proprietários, por dever de patriciado, assumissem o compromisso moral e político de atender as necessidades sociais dos proletários.

Na concepção de Pesavento (1998, p. 97), “a ideologia positivista no Estado desempenhava o papel de contornar o conflito social, a fim de possibilitar o desenvolvimento de acumulação privada de capital”. Significa dizer que ajudou a preparar o terreno para o capitalismo industrial e de mercado, que viria a se consolidar em fase posterior. Na terceira década do século XX, o positivismo se enfraqueceu e começou a ser superado por outras forças sociais e econômicas advindas da Segunda Guerra Mundial.

Cabe salientar que o projeto de colonização positivista foi concebido com base na propriedade privada, observando-se a padronização dos módulos coloniais com 10 alqueires, ou seja, 25 hectares. Na realidade local, esta extensão de terra era considerada suficiente para a subsistência de uma família. O positivismo elegeu a família como unidade ideal de trabalho. Ligada por laços sanguíneos, afetivos e de solidariedade – não meramente por contrato jurídico – a família estaria menos propensa aos conflitos trabalhistas “como se verifica numa relação onde um compra e outro vende a mão-de-obra. Aqui o salário, o tempo e as condições de trabalho são sempre potenciais objetos de conflito” (CASSOL, 2003, p. 40).

A denominação positivismo vem da obra de Augusto de Comte, *Filosofia Positiva* (aquilo que pode ser provado cientificamente), em que o autor faz uma análise sobre o desenvolvimento de seu país ao longo do século, atribuindo à indústria e à elite industrial (grupo considerado esclarecido e capacitado) a responsabilidade pelo progresso econômico. Essas pessoas deveriam também estar no controle do Estado. Para Comte, à elite deveria governar enquanto o povo deveria trabalhar, dessa forma, a ordem do trabalho traria o progresso.

Para melhor compreensão é imprescindível estabelecer algumas considerações sobre a doutrina positivista, pois segundo Garcez (1997, p. 36) “a corrente positivista, no final do século XIX e no começo do século XX, foi determinante na maneira de planejar, preparar e executar a vinda dos imigrantes”. Tratou-se, pois, de colonização oficial, planejada, cuja legislação vigente era executada pelo organismo competente, a “Inspetoria de Terras”, que seguia o ideal positivista das autoridades do Estado, seguidores dos princípios do positivismo de Augusto Comte.

Sobre este assunto, Piran (2001, p. 22) acrescenta:

O positivismo tinha intenção de criar uma classe média no meio rural. Com o excedente populacional nas colônias velhas, tentou resolver o problema transferindo a população para outra região de fronteira agrícola e dando a possibilidade de ser dono de um pedaço de terra. O positivismo desenvolve toda uma ideologia do trabalho, que é uma das marcas da nossa região. É a ideia de que trabalhando mais você enriquece.

A colonização organizada para o Alto Uruguai foi administrada pela Comissão de Terras, órgão oficial encarregado da orientação das atividades e do processo imigratório.

Garcez (1997, p. 275) tece considerações à colonização oficial afirmando:

Era tempo em que o Positivismo era corrente dominante no Governo Nacional e também no Estadual. A criação de Colônias dinamizou a economia. Começou a aparecer a classe média agrícola, proprietária do seu pequeno pedaço de terra. O positivismo fazia reformas dentro da ordem.

O traçado das ruas da cidade de Erechim é um marco que pode ser observado da influência do positivismo na colonização e construção da cidade, assim como Paris, Buenos Aires e Belo Horizonte; Erechim têm um traçado planejado. Segundo Relatório de 1915:

A sede geral da colônia Erechim em Paiol Grande, será o primeiro caso, neste Estado, do estabelecimento de uma cidade com projeto previamente estudado. A sua situação e a sua instalação ordenada, a tornarão, certamente, uma bela cidadezinha

futura, cujo nome, Paiol Grande, deve ser trocado por um outro menos prosaico (apud DUCATTI NETO, 1981, p. 79).

O projeto de urbanismo de Erechim (Paiol Grande) foi organizado pelo então diretor da 3ª Seção de Terras e Colonização, engenheiro Torres Gonçalves, baseado no traçado de Belo Horizonte e Buenos Aires (DUCATTI NETO, 1981, p. 100).

Carlos Torres Gonçalves, engenheiro da Comissão de Terras, que na região de Erechim fundamentou a sua proposta de criação de uma nova colônia, foi o primeiro membro do núcleo sul-rio-grandense a aderir formalmente à Igreja Positivista do Brasil (CHIAPARINI, 2012, p. 38).

A colônia de Erechim teve um planejamento sob forte influência positivista, tendo sido um dos primeiros exemplos no estado do Rio Grande do Sul, que permanece no traçado das ruas de seu centro histórico e foi de fundamental importância para seu desenvolvimento político econômico, e fator decisivo para que a cidade seja um polo econômico regional.

3 FORMAÇÃO MUSICAL DE ERECHIM E AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS

3.1 FORMAÇÃO CULTURAL DE ERECHIM

Neste subcapítulo serão discutidos alguns conceitos de cultura, e para ilustrar alguns destes conceitos, utilizamos o texto *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia, o qual cita Confúcio, que quatro séculos antes de Cristo afirmava a respeito desta ideia: “A natureza dos homens é a mesma, são os hábitos que os mantêm separados” (LARAIA, 1986, p. 10). Montaigne por sua vez, “na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra” (MONTAINE, 1986, p. 13), além de entender que, “as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas” (MONTAINE, 1986, p. 16).

A palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica além de codificar várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo entram indistintamente em foco questões de “liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado” (EAGLETON, 2011, p. 10).

Segundo Bauman (2012, p. 90), o uso do termo “cultura” está profundamente ligado ao elemento comum pré-científico da mentalidade ocidental que é conhecida por todos, mesmo que sem muita reflexão:

Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela “falta de cultura”. Enfatizamos repetidas vezes a “transmissão da cultura” como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu nível cultural. Se o distinguimos como uma “pessoa culta”, em geral queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado “natural”, nobre. Presumimos tacitamente a existência de outros que não possuem nenhum desses atributos. Uma “pessoa que tem cultura” é o antônimo de “alguém inculto”.

O determinismo biológico imperou durante muito tempo, de forma que a cultura era colocada de uma forma hierárquica, sendo justificativa para inúmeros casos de preconceitos raciais:

São velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a “raças” ou a outros grupos humanos. Muita gente ainda acredita que os nórdicos são mais inteligentes que os negros; que os alemães têm mais habilidades para a mecânica; que os judeus são avaros e negociantes; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; que os portugueses são muito trabalhadores e pouco inteligentes; que os japoneses são trabalhadores, traiçoeiros e cruéis; que os ciganos são nômades por instinto; e finalmente, que os brasileiros herdaram a preguiça dos

negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses (LARAIA, 1986, p.17).

Segundo antropólogos, as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais:

Não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado (FELIX KEESING apud LARAIA, 1986, p. 17).

Para desmistificar este conceito hierárquico de cultura, Bauman (2012, p. 91) lembra que a cultura é parte separável do ser humano, é uma propriedade de tipo muito peculiar, ela partilha com a personalidade a qualidade singular de ser ao mesmo tempo a “essência” definidora e a “característica existencial” descritiva da criatura humana. Além do mais, a “cultura em seu significado hierárquico leva à mesma vida frustrante e pavorosa de um objeto que é seu próprio sujeito”.

Segundo Bauman:

A ideia de cultura que entrou em uso no final do século XVIII refletia de modo fiel uma ambivalência de atitudes, “restringindo” e “permitindo” simultaneamente. O conceito de cultura foi cunhado para distinguir e colocar em foco uma área crescente da condição humana destinada a ser “subdeterminada”, ou algo que não podia ser plenamente determinado sem a mediação de escolhas humanas (BAUMAN, 2012, p. 16).

A ideia de cultura implica também a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados de geração em geração, e várias tradições podem coexistir em uma mesma sociedade, dessa forma, trabalhar a ideia de tradição liberta os historiadores culturais da suposição de unidade ou homogeneidade de um determinado período e uma determinada sociedade (BURKE, 2005, p. 39).

Ainda Burke afirma que o termo cultura costumava se referir às artes e às ciências, mas que posteriormente, esse termo foi empregado para descrever seus equivalentes populares, como a música folclórica. Esse termo passou a abranger uma ampla gama de artefatos como imagens, casas e ferramentas, práticas como jogos e leituras (BURKE, 2005, p. 43).

O conceito de cultura como utilizado na atualidade foi definido pela primeira vez por Eduard Tylor (1832-1917), sintetizando o termo germânico *Kultur* e a palavra francesa *civilisation* no termo em inglês *culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este

todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR apud LARAIA, 1986, p. 25).

Uma possibilidade para esta suposição de homogeneidade cultural é a distinção entre cultura erudita e cultura popular em uma determinada sociedade, porém esse conceito de “cultura popular” tornou-se uma questão de debate, pois além da dificuldade de conceituar a cultura, se faz necessário conceituar quem é o povo (BURKE, 2005, p. 40).

Segundo Laraia (1986, p. 30), Tylor procurou demonstrar que a cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo e posterior análise, que possibilitem a elaboração de leis sobre o processo cultural e a sua evolução.

Segundo Tylor (apud LARAIA, 1986, p. 33) a cultura está no âmbito da antropologia, e entre suas tarefas estaria a função de “estabelecer uma escala de civilização”, colocando as nações europeias em um extremo da série e em outro as tribos selvagens, mostrando dessa forma que as “instituições humanas tão distintamente estratificadas quanto a terra sobre a qual o homem vive”. Elas se sucedem em séries substancialmente uniformes por todo o planeta, independente da raça e da língua, mas moduladas pela natureza humana semelhante.

Dessa maneira torna-se possível estabelecer uma escala evolutiva que não estava baseada em um processo discriminatório, através do qual as diferentes sociedades humanas eram classificadas hierarquicamente, com nítida vantagem para as culturas europeias. A ciência justificava o eurocentrismo. Segundo Boas, são as investigações históricas que trazem a luz a origem dos traços culturais em que seja possível interpretar a maneira pela qual se toma lugar num dado conjunto sócio cultural. Cada Cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que ocorrem (LARAIA, 1986, p. 33).

Concordado com Laraia, e além disso colocando nesse grupo as criações artísticas:

O homem criou seu próprio processo evolutivo. No decorrer de sua história sem se submeter a modificações biológicas raciais, ele tem sobrevivido a numerosas espécies, adaptando-se às mais diferentes condições mesológicas. Ao adquirir cultura perdeu a propriedade animal, geneticamente determinado, de repetir atos dos seus antepassados, sem a necessidade de copiá-los ou de se submeter a um processo de aprendizado. O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções (LARAIA, 1986, p. 42).

Sobre a origem da cultura, Claude Lévi-Strauss considera que surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, como a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades humanas. Leslie White considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro foi capaz de gerar símbolos. O atual estágio do conhecimento científico está convencido que a passagem da natureza para a cultura foi contínua e “incrivelmente lenta” (LARAIA, 1986, p. 56).

A formação histórica da identidade sempre é determinada por fatores normativos, até referindo-se à experiência histórica, mas somente quando esse acontecimento tem significado no presente. Esse significado e essa importância só resultam de posturas valorativas em relação a acontecimentos do passado, porém passam a vigorar padrões morais (RÜSEN, 2014, p. 149).

A ideia de “campo cultural” refere-se a um domínio autônomo que, em um dado momento, atinge a independência dentro de uma determinada cultura e produz suas próprias convenções culturais. A teoria de Bourdieu é chamada de “reprodução cultural”, processo pelo qual um determinado grupo mantém sua posição na sociedade por meio de um sistema educacional que parece ser autônomo e imparcial, quando na verdade seleciona para o ensino superior alunos com as qualidades que lhes são inculcadas naquele grupo social (BURKE, 2005, p. 76).

3.1.1 Os imigrantes

Partindo destes conceitos sobre cultura e história cultural, passa-se a uma abordagem sobre as principais etnias (numericamente) e sobre as sociedades culturais formadas por estas.

Segundo Wolff (2005, p.251), a efetivação da ocupação do espaço da colônia, o período de chegada dos colonos ao local coincidiu com a atuação direta do “Estado Positivista”. No relatório de 1913, Carlos Torres Gonçalves expôs o pensamento norteador da política de implantação de colônias, cuja intenção apontava para a organização de núcleos coloniais multiétnicos:

A fusão das raças há de realizar-se um dia, porém, mediante a fusão espontânea dos cérebros humanos, o que quer dizer fusão não somente sob o aspecto da atividade, como especialmente sob o da inteligência e particularmente do sentimento. Não são braços que faltam, mas, direção social efetiva (CASSOL, 2003, p. 66).

Apesar disso, a própria companhia colonizadora Luce Rosa destinou áreas específicas para algumas nacionalidades, como no caso dos alemães no local chamado de Nova Berlim,

que foi alterado para Três Arroios; e para os italianos a Nova Itália, que se tornou Severiano de Almeida.

Apesar de os imigrantes alemães, poloneses e italianos terem sido em maior número, foi constatada a presença de outras nacionalidades na colônia, como russos, ucranianos, lituanos, prussianos, espanhóis, holandeses, portugueses, austríacos e judeus. Segundo Wolff (2005, p. 252), os russos e ucranianos aproximaram-se culturalmente dos poloneses; os espanhóis e austríacos, dos italianos; os prussianos e holandeses dos alemães. Vale lembrar aqui que estes grupos multifacetados, oriundos de países não unificados, provinham de diferentes regiões europeias; tinham muitas vezes o registro no passaporte não pela sua nacionalidade, mas pelo nome do país que eventualmente dominava sua região, como é o caso dos antepassados do autor.

Dessa forma, mesmo imigrantes de diferentes nacionalidades, mas por algumas semelhanças culturais, acabam por reunir-se em uma mesma associação, na qual era possível compartilhar heranças culturais, e a música estava entre elas. Imigrantes de nacionalidades diferentes reuniam-se em um mesmo grupo, mesmo com tradições diferentes, mas com alguns elementos em comum, formando uma comunidade.

Sobre a formação de povo e nação:

Só por um impulso forte para formar um “povo” é que os cidadãos de um país se tornam uma espécie de comunidade, embora uma comunidade imaginada, e seus membros, portanto, passaram a procurar (e conseqüentemente achar) coisas em comum, lugares, práticas, personagens, lembranças, sinais e símbolo. Alternativamente a herança de partes, regiões e localidades do que havia se tornado “a nação” poderia ser combinada em uma herança nacional, de modo que até mesmo antigos conflitos vieram a simbolizar sua reconciliação em um plano mais elevado e geral (HOBSBAWN, 1990, p. 190).

No caso dos italianos, por exemplo, há a dificuldade de precisar o número exato de imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul entre 1875 e 1914 pela escassez e imprecisão das fontes oficiais. Outra razão que causa confusão entre austríacos e italianos ocorreu pelo fato de que Trento e Tirol pertenciam à Áustria na época da grande imigração, e apenas os primeiros relatórios fizeram a distinção entre tirolezes austríacos e italianos. Dessa forma, levas de trentinos e tirolezes foram considerados italianos, como os vênetsos, que pouco ou nada tinham a ver com um sentimento nacional mais consistente. Entretanto, as diferenças regionais e dialetais não impediram uma unidade da etnia, uma certa homogeneidade cultural (MANFROI, 1975, p. 87). Quanto aos alemães, podiam considerar-se prussianos, badenses, oldemburgueses etc. e, entre os poloneses, podiam existir lituanos, mazowianos ou rutenos (WEBER, 2002, p. 207).

Esta setorização espontânea das etnias aproximou os colonizadores propiciando a criação de sociedades de alemães, italianos e poloneses. Estas sociedades promoviam a cultura, o esporte, festividades, e dessa forma a música europeia se insere na colônia.

Frainer (1936) revela que as diversas sociedades teutas que existiam na vila Boa Vista fundiram-se na Sociedade Alemã G. W. C., com sede no antigo clube Germânia. Sociedade esta que “impõe-se pelo brilhantismo de suas festas, e pelo carinho que dispensa ao canto e a ginástica”.

Em 1914, um grupo de imigrantes alemães fundou a Deutscher Schuverein Paiol Grande, mudando sua denominação diversas vezes, Hindenburg-Cabral em 1920, Germânia em 1924, Verein GWC em 1933 e voltando a o nome Germânia em 1938. Sobre esse assunto Illa Font escreve:

Em 1933 “Verein GWC” (fusão com as sociedades “Waldesgruss” e Concórdia). A Germânia era uma entidade social e escolar, a Waldesgruss uma sociedade de cantores e a Concórdia de ginástica. Após a fusão e apesar do título GWC, representativo das sociedades reunidas, continuou sendo chamada de Germânia, título que adota em 1938. A diretoria eleita para 1939 compõe-se dos seguintes membros: presidente Frederico Müssig, vice Gustavo Matchinski, secretários Eurico Lerc e Albino Kreische, tesoureiros Henrique Hagers e Arthur Sperger, orador Nelcindo Hoffmann, guarda esporte Frederico Senff, bibliotecário Adolfo Sperger, conselheiros Maximiliano Finkler, Ernesto G. Lehmann, Adolfo Hoffstätter, Fritz Goldschmidt, Afonso Seger, Miguel Nunhofer Filho e Reinaldo Röehe, A diretoria para 1940 é encabeçada por Osvaldo Hartmann (HARTMANN, 1983, p. 276).

Na listagem da diretoria de 1939 é possível observar alguns nomes que fariam parte da fundação da Orquestra de Concertos de Erechim em 1950, o que demonstra que essas pessoas já tinham um envolvimento social relevante para aquela comunidade de imigrantes.

O Clube Germânia, que mantém uma escola, assinala decréscimo na frequência em suas festas, canchas de bolão e outras atividades sociais em 1931, sem igual desde sua fundação em setembro de 1914 (ILLA FONT, 1981, p. 221).

Alba (apud BREITKREITZ, 2016, p. 44) cita o Club Germânia, que reunia em seus quadros societários imigrantes alemães e seus descendentes, destacando que a sede do clube possuía biblioteca, coleção de selos, aparelhos de ginástica, cancha de bolão e um campo de futebol.

Na colônia Barro, distante de seu núcleo urbano, foi verificada a existência de outra sociedade alemã, na Linha 2, seção Suzana, a General Feldmarschal Von Hindenburg, a qual mantinha um calendário sistemático de atividades aos associados, para citar, ginástica, canto coral, bolão, teatro, bailes e festas. O relato a seguir se refere ao envolvimento político de

membros da sociedade alemã e também relacionado ao envolvimento das famílias Krüger e Moron com os bailes:

Era somente alemães aqui e quando tinha baile era cento e poucos casais que dançavam; a sociedade ficava na terra onde mora meu filho agora. O terreno era da sociedade alemã, eu participava. Ali tinha ginástica, tinha cantoria, tinha uma orquestra dos Krüger e Moron. Terminou por causa da guerra, o alemão era pela pátria dele. Aí criaram o partido integralista, eles eram nuns vinte, tinha uma porção, a maioria rapaziada, eles faziam passeatas [...] (LINCK apud WOLFF, 2005, p. 257).

A Sociedade Carlo Del Prete, que passaria a denominar-se Sociedade Recreativa e Beneficente Atlântico Futebol Clube, foi fundada em 1915 por um pequeno grupo de imigrantes italianos, nominada inicialmente Societá Mutuo Socorro XX Setembro, mas em agosto de 1929 mudando sua denominação para Carlo Del Prete (ILLA FONT, 1983, p. 275).

Segundo Frainer (1936), a Sociedade Italiana M. S. Carlo Del Prete mantinha o Grupo Artístico Vittorio Alfieri, que oferecia à sociedade da então Boa Vista “belíssimos espetáculos”.

Em uma reunião realizada na Sociedade Carlo Del Prete, no dia 18 de março de 1935, foi fundado o Clube do Comércio, e em 12 de outubro do mesmo ano inauguram sua sede provisória (ILLA FONT, 1983, p. 277).

O Clube 14 de Julho foi fundado em 20 de novembro de 1936 por 143 sócios (inicialmente), entre os quais é possível citar José Rigoni, Henrique Rigoni, Antônio Rigoni, Luiz Rigoni, Antônio Fontanelli, Luiz Chiapin e Hercolino Molossi. Sua primeira diretoria foi assim composta: Armando Picoli (presidente), Lázaro Molossi (vice), Orly Borges Duarte e Antônio Trentin (secretários), Carlos Rigoni (tesoureiro), Manoel Carmona (orador), Frederico Leopoldo Sefrin (porta estandarte), Normélio Reginatto (guarda esporte) (ILLA FONT, 1983, p. 277).

Os clubes na região de Erechim têm sua origem nas antigas associações e comunidades fundadas pelos imigrantes, muitas vezes ligadas à igreja e /ou a atividades coletivas como esportes, teatro, dança e a música. Seyferth (1974, p. 52) escreve que “a intensidade da vida associativa nos núcleos coloniais foi motivada pela falta de assistência do Estado no que se refere às suas obrigações básicas: saúde e educação”.

Para Max Weber (2002, p. 93), associação é “uma relação social que é fechada para estranhos ou restringe sua admissão por regulamentos, e cuja autoridade é imposta pelas ações de indivíduos especificamente encarregados desta função”. A participação em uma associação

poderá ser baseada num acordo voluntário, cujos estatutos serão válidos apenas para os membros associados por adesão destes.

O Estado Novo instaurou a Campanha de Nacionalização em 1937, que foi oficializada pelo governo federal no ano seguinte – os clubes da cidade que tinham nomes estrangeiros tiveram que ser alterados, como o clube dos alemães que passou a se chamar Centro Cultural 25 de Julho (Figura 1), que seria doado ao município no início da década de 1980, transformando-se no teatro oficial do município e local de ensaios para a OCE.

Dos diversos locais onde a OCE realizou concertos e apresentações é possível citar os teatros e clubes de Erechim: Cine Teatro Apollo, Clube Ipiranga, Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, Cine Teatro Ideal, Cine Luz, S. R. Clube Caixeiral.

Figura 1 - Antigo Centro Cultural 25 de Julho em 1959



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Os poloneses fundaram a Sociedade Micolaja Kopernika, e em 31 de maio elegeram a diretoria: Miguel Kowalski (presidente), Miguel Gwozdz, Francisco Biedacha, Henrique Shidlowski, Antônio Chikoski, José Makowski, Leonardo Kaplan, Ferdinando Braska e Estanislau Strenczywilk. Durante o Estado Novo esta sociedade mudaria seu nome para Sociedade Recreativa e Cultural Ruy Barbosa (ILLA FONT, 1983, p. 222).

Um fator importante para a cultura polonesa foi sua organização religiosa: “graças ao cristianismo católico foi mais rápida e efetiva a integração e fusão da herança cultural no processo de criação de um organismo político nacional” (GARCEZ, 1997, p. 180).

A leste de Erechim, junto à estrada de ferro, distante cerca de cinco quilômetros da sede do município, encontra-se a colônia polonesa chamada Balisa, onde uma escola foi fundada em 1914, e o canto fazia parte da educação escolar, é o que informa o depoimento do professor polonês Franciszek Kluch (apud GARDOLINSKI, 1976, p. 85):

Conseguimos, finalmente, que, em cerca de 40 escolas polono-brasileiras, a vida escolar e social se desenvolvesse admiravelmente. Dispúnhamos, então, de escolas repletas de crianças; além disso, o trabalho pedagógico decorria alegremente. Canções escolares polono-brasileiras, jogos infantis ou desportivos, organizados cada vez melhor, por técnicos experimentados, expressões teatrais, cooperativas, tudo isso enfim proporcionava à juventude tanto entusiasmo para viver e para estudar que os corações se enchiam de alegria diante de semelhante espetáculo. O professor chegava a esquecer todas as agruras e dificuldades com a obtenção de resultados tão belos e promissores.

Confortini (2002, p. 65) refere-se à cultura dos imigrantes afirmando: “Conservar a própria língua e o próprio patrimônio cultural era uma busca pela própria identidade étnica”.

Independentemente da etnia, estes clubes realizavam bailes e festividades, além de bailes realizados nas casas de particulares, o que invariavelmente contava com a presença de músicos.

A esse respeito Garcez (2014), referindo-se à colonização italiana no Alto Uruguai, seus costumes e lazer, ressalta parte de uma entrevista realizada com Amélia Passuelo:

Aos bailes, quase todos iam a pé porque, geralmente, dançava-se na casa de algum amigo que residia próximo. Famosos eram os bailes na casa dos Argenta, à luz de acetileno, ao som da gaita. Gaiteiros que alegravam os dançarinos, italianos e outros, foram João Gaiteiro e Angelim Pandolfi, todavia os clubes sociais eram o Atlântico, o Comércio e o Ipiranga (PASSUELO apud GARCEZ, 2014, p. 56).

Ainda sobre essas sociedades, outra entrevistada depõe sobre os bailes e festividades. “Os carnavais, os bailes e até casamentos, tudo era realizado na sociedade italiana Carlo Del Prete, que resultou mais tarde no Atlântico” (EMA SGARABOTTO, 1999, apud GARCEZ, 2014, p. 56).

Outro depoimento sobre a nacionalidade italiana na obra de Garcez (2009) informa sobre a presença da música, nas palavras de um músico fundador da Orquestra de Concertos de Erechim, Amélio Viero:

Eu com idade de 14 anos, já cantava no coral, onde meu pai era maestro... nós cantávamos na igreja (missa) canções religiosas, canções italianas, inclusive trechos de Ópera, e continua – na década de 40 existia dois conjuntos em Erechim: o Jazz Tangará, do qual o maestro era o Sr. Ernesto Kreische, e o Jazz Manhattan, do maestro Oswaldo Engel, sendo que esses dois eram os maiores conjuntos da cidade. Eu fui convidado pelo maestro Ernesto Kreische para integrar o Conjunto dele e tocar rabeção, ou seja, contrabaixo acústico, porque naquele tempo não havia instrumentos elétricos. Nesse tempo foram fundadas a Banda Municipal e a Orquestra Sinfônica, sob a regência do maestro Schubert, sendo que fui um dos fundadores. Na Banda tocava clarinete e sax e na Orquestra Sinfônica, contrabaixo e sax (EMA SGARABOTTO, 1999 apud GARCEZ, 2014, p. 57).

Em diversos pontos da colônia formaram-se sociedades, clubes e associações, independentemente da etnia, onde se realizavam reuniões, casamentos, festividades, jogos e bailes. Algumas sociedades mencionadas neste trabalho não são as únicas, muito pelo contrário, mas foram algumas das que de uma forma ou outra se tornaram bastante representativas dentro da sociedade em pleno século XXI.

3.2 A MÚSICA EM ERECHIM ANTES DA CHEGADA DE SCHUBERT

Pelos itens descritos até aqui é possível observar que a formação cultural de Erechim teve elementos próprios das etnias em suas escolas, associações culturais, recreativas e esportivas, os quais deram suporte para a adaptação à vida social e comunitária.

Segundo Wolff (2005, p. 275) os poloneses foram os precursores do cinema e, anteriormente, em Balisa (então distrito de Erechim), do teatro; os alemães, “pela sua afeição ao Lied, ao canto coral e à música, cooperaram, marcadamente, para transformar a colônia de Barro num local que eram vivenciadas a cultura e arte”.

A formação da primeira banda entre os colonos, já a partir de 1912, teve a contribuição de um italiano que havia fabricado sua própria gaita de 16 baixos e que era vizinho de um grupo de alemães migrados de São Marcos, e estabelecidos na Linha 1, secção Suzana (atual Linha Rambo):

O pai Martin Moron, que agora conhecemos como colono, também era amante da arte musical, e o instrumento dele era o clarinete, instrumento que ele gostava e tocava com perfeição... e o tempo ia passando e mais vizinhos vinham chegando, e entre outros veio também a família de Giacomo Bez, e ele tocava gaita. Ele ficou sabendo que o Moron tocava clarinete, encilhou a mulinha preta, botou a gaita embaixo do braço e foi lá no Moron e sem muito lero lero e apresentação, o Moron foi buscar o clarinete e lá começou a primeira valsa... Um belo dia, apareceu mais um músico, foi o Snr. Artur Krüger, que tocava violino [...]. E assim estava formado o primeiro trio musical aqui no mato (MORON, 1968, p. 4).

Aquele primeiro grupo musical que atuou na localidade de Barro manteve suas atividades como trio até 1917. O narrador Paulo Moron, em suas memórias manuscritas, detalha sobre o grupo de seu pai Martin Moron (Figura 2): “Foi a primeira orquestra que animou bailes da elite Barrense daquele tempo” (MORON, 1968, p. 6).

Figura 2 - Martin Moron



Fonte: Acervo do autor.

Devido às poucas e precárias edificações do povoado no período, o único local com condições para realização de bailes era a estação ferroviária. Em 1916, o ponto de reunião dos moradores foi transferido para o hotel e casa de comércio Stumpf, que segundo Moron “tinha uma sala mais ampla para essas festividades” (MORON, 1968, p. 7).

Com a chegada da Luce Rosa, em 1916, houve um crescimento populacional considerável, trazendo mais músicos ao povoado e uma nova formação da orquestra. Esse grupo era formado por Martin Moron no clarinete, Artur Krüger no violino, Antonio Fianco no pistão, Nicolau Linck na trompa, Gildo De Paris na flauta, Germano Schädler na trompa, João Simon no baixo de sopro (provavelmente tuba), Augusto Schädler no contrabaixo de cordas. Esse grupo teve uma atuação regional, tocando nas festividades de instalação do município de Erechim em 1918 (MORON, 1968, p. 8).

Devido aos conflitos da Revolução de 1923 que agitaram a região, não houve festividades e bailes, mas em 1924 a banda reestruturou-se com uma formação ainda maior, intitulada de Banda do Jaral (Figura 3), que era formada pelos músicos Artur Krüger, Affonso Krüger, Günter Krüger, Guido Deggerone, Paulo Moron, Max Moron, Alberto Burggraf, Augusto Rickovski e Eustacio Tagliari. Esse grupo na década seguinte atuaria sonorizando

filmes mudos, tocando em festividades como bailes, casamentos, festas religiosas e carnavais (MORON, 1968, p. 10).

Figura 3 - Banda do Jaral



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Da esquerda para a direita: Alfredo Degerone – Trompa; Paulo Carlos Moron – Flauta; Augusto Riekowski – Trompa; Affonso Krüger – Trompete; Arthur Krüger – Violino; Günter Krüger – Trombone; Max Moron – Tuba; Guido Degerone – Clarinete).

Segundo Wojciekowski (2012b, p. 57), diversas formações musicais que atuavam na região de Erechim durante a primeira metade do século XX utilizavam a nomenclatura “orquestra”, mesmo quando formado exclusivamente por instrumentos de sopro, em detrimento dos instrumentos de corda, tradicionalmente formadores de uma orquestra. Essa prática era comum na época, devido ao seu maior alcance sonoro destes instrumentos de sopro, necessário às suas funções, que incluíam (se não a principal), a animação de bailes para dançar e animação de festas, muitas vezes ao ar livre.

Outro distrito de Erechim que desenvolvia atividades musicais foi Rio do Peixe (posteriormente Nova Polônia, e atualmente Carlos Gomes); segundo padre Alberto Stawiniski (apud GOGULSKI, 1998, p. 91) os imigrantes poloneses:

têm queda para a música. São excelentes violonistas. Cada comunidade tinha sua orquestra que se compunha de violinos, violão e pandeiro. Destinava-se esta pequena orquestra para abrilhantar festas de casamento. O folclore polonês é rico em músicas regionais canções e populares.

Segundo Teodoro Klos e José Petkowicz (apud GOGULSKI, 1998, p. 91) “nunca faltavam cantores, tocadores. Desta região saíram muitos conjuntos e músicos que tocavam por aqui. Em quase todos casamentos cantava-se e canta-se em polônes o *dobry pan*”.

Uma banda musical foi fundada em 1935, chamada de Banda Carlos Gomes, em homenagem ao compositor brasileiro de grande projeção. Esse grupo apresentava-se em festas de casamentos, enterros, aniversários de diversas comunidades como Áurea, Getúlio Vargas, São João da Urtiga, Erechim (GOGULSKI, 1998, p.92).

Em uma região formada basicamente por imigrantes poloneses, com um tradição musical própria, ao nominar sua banda com o nome de um compositor brasileiro renomado dentro de um olhar nacionalista, nos sugere intervenção da Campanha de Nacionalização, sobre esse assunto Tiago Pereira escreve:

No mesmo período, entretanto, partindo essencialmente de centros urbanos maiores e mais integrados, intensificam-se, uma vez que o impulso unificador existia desde os idos da independência, ações em prol de um ideal nacional, da ideia de identidade e unidade brasileira, manifestas em todas as esferas da sociedade – política, administrativa, cultural, artística -, que obviamente iam de encontro da segregação étnica, ao pluralismo pretendido por parte das “colônias estrangeiras isoladas”; pois como bem lembrou Giralda Seyferth (2005, p. 20), a “diversidade cultural não é reconhecida a não ser como contribuição diluída na cultura nacional”. E o Brasil naquele período atravessava um período de profundas transformações em seus cenários, era a modernidade em efervescência, buscando estabelecer as fronteiras da nação e desta sua chamada “cultura nacional” (PEREIRA, 2014, p. 89).

O músico Paulo Kameneff, filho de imigrantes russos e fundador da OCE, menciona em sua entrevista que chegou a ser preso pelo fato de se descendente de russos, acusado se ser comunista: “mas como a gente era estrangeiro, todo estrangeiro era marcado, eram de origem russa, alemã era marcado. Naquela época não podia falar o idioma, só português, era crime” (KAMENEFF, 2010).

Muitos imigrantes, independente da etnia, sofriam perseguições e eram proibidos de falar a sua língua natal, bem como manifestar outras das suas expressões culturais:

Meu pai não gostava de falar alemão com nós, e eu, inclusive, não aprendi alemão, por causa que eles tinham receio das perseguições, das coisas. Então quando ele se encontrava com os amigos alemães, eles falavam alemã e meu pai sempre respondia em português, ele tinha receio dessas perseguições, dessas coisas que tinham. E minha mãe era italiana, não sabia alemão, então facilitava também pra ela saber o que eles estavam falando (KREISCHE, 2010).

A banda ensaiava na sacristia da igreja, e seu primeiro regente foi Pedro Schanchez, de Erechim, posteriormente substituído por Félix Petkowicz e Adam Rosiak. Entre os músicos

que a formavam é possível citar Jacob Dobosz, Boleslau Miguel Amadigi, Stanislaw Klosinski, Karol Klosinski, Artêmio Slusarek e Teodoro Klos. Esse grupo atuou entre 1933 até 1944, e acabou por nominar o município em sua emancipação de Erechim (GOGULSKI, 1998, p. 93).

Segundo Illa Font (1983, p. 277), com o decreto estadual número 7.589, de 29 de novembro de 1938, foram alterados os nomes de alguns distritos, o de Nova Itália para Severiano de Almeida e de Nova Polônia pra Ribeirão Torto, e este distrito mudaria novamente para Carlos Gomes pelo decreto número 7.842 de 30 de junho de 1939.

Dolfina Palma (1979) destaca, em sua pesquisa, a veia artística dos moradores da Floresta:

A música é uma forma de o homem expressar seus sentimentos, quer instrumentada, quer em conjunto com o canto vocal. Ela faz parte dos momentos felizes para expressar contentamento, comemorar acontecimentos e datas especiais, para solenizar atos importantes. Também em momentos graves e sombrios ela se faz solidária com aquele que a criou (PALMA, 1979, p. 65).

Na localidade de Floresta (atual Barão de Cotegipe) no ano de 1924, teve início uma banda que durou cerca de 40 anos, e teve como seu primeiro maestro o próprio autor do livro Antônio Ducatti Neto:

Corria o ano de 1924, quando elementos de proa da Floresta resolveram organizar uma banda de música para animar as festas que sempre se realizavam num povoado. O principal animador do empreendimento foi o professor Augusto Berton que logo recebeu o apoio entusiástico dos Srs. Achylles Tomazzeli, Guilherme, Alberto e Vítório Barella, Hilário Trizotto, Antônio Fianco e outros. Quanto ao maestro, não podia ser outro senão o autor destas linhas, um jovem de 20 anos incompletos, mas que já era conhecido por sua atuação numa orquestra de Monte Alegre e que aprendera a arte musical em Alfredo Chaves com o célebre maestro Leone Bolzoni. Referida banda esteve em franca atividade em Barão de Cotegipe (ex-Floresta) até a década de 60, ou seja, durante quase 40 anos. Com a ida do maestro Antonio Ducatti para a capital do Estado, assumiu a direção da banda um seu irmão, Altério Ducatti, que também transferiu sua residência para Chapecó na década de 50. O Padre Estanislau Pollom (mais tarde promovido a cônego) sempre se esforçou pela manutenção da banda e quando não havia mais maestro que a dirigisse, chegou a contratar um profissional de Getúlio Vargas, mas parece que não deu certo, aos poucos, e a banda acabou morrendo (DUCATTI NETO, 1981, p. 309).

Participavam da banda moradores de Monte Alegre, Lajeado Grande e Linha Cinco. Depois de seis meses de ensaio a banda realizou sua primeira apresentação em 30 de novembro de 1924. Na ocasião, foi organizada uma grande comemoração com churrasco, um desfile e baile que contou com as presenças do Intendente e subintendente de Boa Vista

(Erechim), Coronel Pedro Pinto de Souza e João Cancio Bastos (BITENCOURT, 2015, p. 44).

Nos meses seguintes a banda recebeu diversos convites de localidades vizinhas para apresentações em festas religiosas e bailes. No dia 7 de setembro de 1925, a banda apresentou-se na praça principal da sede da Vila de Boa Vista do Erechim, em comemoração à Independência do Brasil. Além de animar as festas, em quanto existiu, em todos os primeiros de janeiro dos anos seguintes, a banda saudava o ano novo, levando sua música às principais casas comerciais do povoado (BITENCOURT, 2015, p. 44).

Paralelamente a estas atividades musicais em Barro, Floresta e Rio do Peixe, na sede da colônia também se desenvolviam atividades culturais, como a fundação em 1921 do Cinema Central, pois nele:

[...] processou-se, por mais de um decênio, o cultivo quase cotidiano da arte musical, levada ao vivo por uma família de artistas que compôs a notável orquestra de câmara regida pelo maestro Ricardo Kreische”. Esse grupo executava músicas para receber os expectadores e também faziam a trilha sonora ao vivo para os filmes mudos, com a “interpretação das mais bonitas partituras musicais da época, brasileiras e estrangeiras (ILLA FONT, 1983, p. 320).

A família Kreische chegou ao Brasil por volta de 1914, em Erechim (Atualmente Getúlio Vargas), posteriormente foram para Cruz Alta por dois anos, depois para Passo Fundo, seguindo para Ijuí e no início da década de 1920 chegaram em Boa Vista (atual Erechim).

Ricardo Kreische construíra o prédio do Cinema Central com “precisa adequação de ampla e confortável sala de projeções, caixa de teatro e acústica apurada, quando inexistiam quaisquer aparelhos eletrônicos de amplificação de sons”. Esse prédio também era utilizado para apresentações teatrais e solenidades e comemorações cívicas (ILLA FONT, 1983, p. 320).

Ainda segundo os relatos na obra de Garcez (1997, p. 152) acrescenta-se:

O Ipiranga sempre foi uma sociedade em que a alegria imperava, porque todos nós, a mocidade que hoje são avós, faziam parte. Havia naquela época, por exemplo, o Baile Branco, o Baile Preto e Branco. Nós tivemos o arrojo de trazer aqui uma Companhia de Ópera no então Cinema Central, que pertencia à família Kreische. A família Kreische foi quem introduziu a cultura da música em Erechim. Eles tinham uma Orquestra própria dirigida pelo velho Ricardo Kreische. Faziam parte os filhos, os sobrinhos, mais tarde os netos. Tínhamos o Teatro, chamado Leopoldo Frois (em homenagem ao grande dramaturgo). Nós levávamos as peças para todo este interior.

Padre Benjamin Busato, sob seu pseudônimo Chico Tasso em seu livro *Meu Erechim Cinquentão* (TASSO, 1968, p. 26), traz seu depoimento sobre o Cinema Central e a atuação dos músicos durante as seções de filmes mudos:

O filme era mudo, preto e branco. Passava bastantes filmes de chorar. E trabalhavam celebridades como Rodolfo Valentino e atriz de fama, Essa impressionava tanto, que não raros meses depois aparecia batizado por exemplo com nome de Shirley Temple. Mudo como era durante a projeção tocava a nossa mais velha orquestra. Do Kreische. As vezes o piano dominava. Conforme a ação, lá vinham as valsas chorosas ou de Strauss, outras vezes Shotich, não faltando os tangos, maxixes, One Step, Two Step, então em voga, e considerados atrevidos. Osvaldinho Engel é desses bons tempos. Só Deus sabe quanto não tocou essa bôa alma naqueles saudosos cinemas. Era êle quem dava vida à cena muda. Sempre imperturbável e sempre presente. Mais tarde veio a vitrola, parece que o gramofone não funcionou aqui. Mas a vitrola sim.

Segundo Lori Kreische Cora (apud DAUDT, 1998, p. 22) a família Kreische migrou da Alemanha em 1914:

Em 1914, meu avô, Dominik Kreische, com esposa e seis filhos homens, todos com esposas e filhos, vieram da Alemanha para o Brasil. Deixaram parentes amigos, propriedades e conforto para trás, trazendo uma bagagem com aproximadamente oitenta caixões que continham roupas, louças móveis, coberta de penas, os grandes clássicos e diversos instrumentos musicais.

Nessa bagagem da família Kreische vieram instrumentos como um piano, um pequeno harmônio, uma viola, um contrabaixo, diversos violinos e flautas além de um flautim. Também trouxeram algo muito importante, diversos livros: “Álbuns de valsas, sonatas, métodos de ensino de diversos instrumentos; músicas de Beethoven, Händel, Bach, Chopin, Wagner, Mozart e de todos compositores conhecidos e que são importantes” (CORA apud DAUDT, 1998, p. 23).

A viagem da Alemanha para o Brasil durou 33 dias, enfrentando uma tempestade em alto-mar. Chegando a Erechim (atual Getúlio Vargas) Dominik Kreische comprou oito colônias onde se instalou. Ricardo (Richard) mudou-se para Passo Fundo entre 1914 e 1915, onde fixou residência na rua Moron, e abriu um café (CORA apud DAUDT, 1998, p. 23).

Segundo Illa Font o maestro era um “virtuose” em vários instrumentos musicais, e tocava violoncelo na orquestra familiar. Suas filhas Elsa e Berta (que viria a ser mãe de Oswaldo Engel) eram “exímias” pianistas, sendo esta última também flautista. Seus filhos Ricardo (Filho) e Ernesto (sobrinho) eram violinistas “do mais alto nível”. Fazia parte desse grupo o irmão do maestro Kreische, o contrabaixista e percussionista Ernesto (Ernest)

Kreiche, além de seus filhos Albino (Albin) e Guilhermina (Wilhelmine), que se revezavam entre violinos e flautas (FONT, 1983, p. 321).

A respeito de Ricardo (Richard) Kreische, sua sobrinha Lori Kreische Cora depõe:

Esse meu tio era formado em música pelo Conservatório de Praga. Ele tinha conhecimento de todos os instrumentos de corda, tecla e sopro; tocava muito bem piano, violoncelo e violino. Com a família, ele formou um conjunto musical que tocava no dito café. Assim, esse era muito frequentado pelas pessoas para ouvirem a orquestra tocar, a qual era formada só por membros da família Kreische (CORA apud DAUDT, 1998, p. 23).

Esse grupo musical teria uma projeção para além da então cidade de Boa Vista:

Esse admirável conjunto, que grangeou notoriedade nos círculos artísticos do Estado e do País, atraía ao Cinema não somente a sociedade local, mas inumeráveis pessoas de outras cidades, que aqui vinham especialmente para ouvi-la e deliciar-se em inolvidáveis horas de arte musical (ILLA FONT, 1983, p. 321).

Com o surgimento de novas tecnologias como o cinema falado, a relação do cinema e da música modificou-se gradativamente, dessa forma a atuação da orquestra família tomaria outros rumos como a docência, que de certa forma afetaria a fundação da Orquestra de Concertos de Erechim em 1950:

A evolução da cinematografia para a sonorização, a partir dos anos 30, e o desenvolvimento da radiodifusão, cavariam o desaparecimento das orquestras ao vivo nos cinemas. Mas o conjunto do maestro Kreische representou para a sociedade erechinense a formação de um viveiro de vocações musicais, cujo magistério se perpetuou através principalmente das irmãs Kreische, Dona Elsa Sperb e Dona Berta Engel, de Ernesto Kreische Sobrinho e seus primos Albino e Guilhermina, autênticos artistas musicais por vocação e amor à cultura (ILLA FONT, 1983, p. 321).

Além da música, as atividades de Ricardo Kreische também incluíam a ginástica, área na qual era formado pela Universidade de Praga. Ricardo Kreische fundou uma escola de ginástica para mulheres, chamada Clube Rítmico-Ginástico (FRAINER, 1936).

A influência musical de Ricardo Kreische e sua família seriam de fundamental importância para a criação de uma escola de música municipal e a Orquestra de Concertos de Erechim:

Foi em grande parte graças ao idealismo e à vocação musical de Ricardo Kreische que a cidade conta hoje com uma escola de Belas Artes que leva o nome do grande maestro e exímio pianista Osvaldo Engel, seu neto, e que é mantida pela Prefeitura de Erechim. E foi da orquestra da família Kreische que nasceu, há 30 anos, a atual orquestra sinfônica de Erechim, que a 13/9/1980, por ocasião do 1 Festival de

Folclore, em comemoração de seus 30 anos de fundação, fez apresentação admirável que deixou emocionados a todos que assistiram o espetáculo (DUCATTI NETO, 1981, p. 157).

De qualquer forma, vários descendentes da família Kreische atuaram como musicistas na Orquestra de Concertos de Erechim, como o filho de Ricardo Kreische, Ernesto, e seu neto Sérgio, além do seu outro neto já citado Osvaldo Engel, o flautista Albino Kreische e posteriormente César Kreische (DUCATTI NETO, 1981; ZAMBONATTO, 2000).

Outro músico sobre o qual foram encontradas informações relacionadas ao período anterior à formação da Orquestra de Concertos de Erechim, mas que atuou junto a esta foi Frederico Guilherme Stein, nascido em 31 de agosto de 1929, em Linha Rio Quinto, Viadutos, filho de Gustavo e Carolina Stein. Wili como era nominado por aqueles que o conheciam que foi também escultor em madeira e fotógrafo amador, construindo móveis e instrumentos musicais (GARCEZ, 2014, p. 46).

Como músico, Stein cantava e integrava o Coral de Pistões e Trombones de sua igreja Sinodal Evangélica de Erechim; este coro instrumental era dirigido pelo reverendo Conrad Heuman, e apresentou-se em diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul, como Panambi, Ibirubá e Não me Toque. (KRÜGER, 2016). Com a fundação da Orquestra de Concertos de Erechim, além de atuar como músico, Stein também auxiliava nas montagens dos espetáculos (GARCEZ, 2014, p. 47).

Dos diversos músicos citados até aqui, alguns teriam uma maior relevância na história da música de concerto em Erechim assim como na fundação da Orquestra de Concerto de Erechim juntamente com o maestro Frederico Schubert. São eles Arthur Carl Eugen Krüger, Affonso Krüger, Ricardo Kreische e Oswaldo Elemar Engel.

3.2.1 Arthur Carl Eugen Krüger

Arthur Carl Eugen Krüger era filho de um alfaiate chamado Carl Ferdinand Krüger. Arthur nasceu em Berlim, no dia 2 de fevereiro de 1873, onde viveu até setembro de 1912, quando migrou para o Brasil. Paralelamente às suas atividades musicais, Arthur Krüger tornou-se grão-mestre em alfaiataria pela Escola de Alfaiataria de Berlim, formando-se em 1890. Casou-se com Frida Krüger, que trabalhava como manequim em sua loja, com quem teve três filhos, Affonso (Berlim, 28/01/1903 – Erechim, 05/02/1980), Günther e Gertrudes, todos nascidos na Alemanha (WOJCIEKOWSKI, 2011c).

Arthur e sua família sofreram muitos preconceitos pelo fato de sua primeira esposa Frida, ser descendente de judeus. Como exemplo, órgãos ligados ao governo, como o exército, bem como pessoas comuns, deixaram de fazer encomendas em sua loja, por esta união (WOJCIEKOWSKI, 2011c).

Um fato de relevância para esta para esta pesquisa é que Arthur Krüger era músico integrante da Filarmônica de Berlim, onde tocava violoncelo (Figura 4). Segundo Aster (2012, p. 19) a Orquestra Filarmônica de Berlim foi criada como uma “associação musical autônoma e autogestada”, onde os músicos eram os próprios acionistas após romperem com a Bilseschen Kapelle. Na carteira de associado de Arthur Krüger, consta que ele é o sócio n.º 5 da Nova Orquestra Filarmônica de Berlim (NEUE PHILHARMONISCHE ORCHESTER – VEREINIGUNG BERLIN).

Figura 4 - Arthur Carl Eugen Krüger com a Filarmônica de Berlim



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Após a morte de sua primeira esposa Frida, casou-se com uma viúva, Ernestine Pauline Krüger (Berlim 18/11/1874 – Erechim 02/05/1955 - chamada no Brasil simplesmente de Paula Krüger), que já tinha um filho, e com toda a família migraram para o Brasil, onde adotaram mais uma filha em Porto Alegre (WOJCIEKOWSKI, 2011c).

Arthur e sua família chegaram ao Brasil no final de 1912, na localidade de Vila Jardim, em Barro (atual Gaurama), estabelecendo-se como agricultores, mesmo sem ter a

mínima noção do manejo com a terra. Na bagagem trouxeram instrumentos musicais, um violino e um violoncelo.

Arthur fundou o primeiro trio musical desta região, ainda em 1912, que contava além de Arthur Krüger no violino, também com Max Moron no clarinete, e Giacomo Bez no acordeom de oito baixos, e realizaram o primeiro baile na Estação Ferroviária de Barro.

Com o passar do tempo foram agregando mais músicos para este grupo, tocando em diversas festas e bailes, e em 1918, este grupo tocou na instalação do município de Erechim (WOJCIEKOWSKI, 2011c).

Com este grupo, tocam em diversas localidades da região, como Marcelino Ramos, Getúlio Vargas, Erechim e Três Arroios, por onde viajaram de trem e principalmente a cavalo, sendo que não era incomum, permanecerem na estrada mais de quinze dias.

Arthur Krüger mudou-se para Vila Baliza em 1947, onde abriu um estabelecimento comercial para negociar cereais, mas sempre paralelo a suas atividades musicais.

Com a chegada do maestro Frederico Schubert em Erechim, que aglutinou vários músicos ao seu redor, Arthur Krüger, assim como seu filho Affonso fundaram a Orquestra de Concertos de Erechim.

Arthur Krüger mudou com sua família ainda no início da década de 1950 para Erechim, onde estabeleceram uma casa de comércio no atacado e varejo. Esta mudança acabou facilitando os ensaios com a Orquestra de Concertos de Erechim.

Com o passar do tempo, seu filho Affonso Krüger, assumiu a casa de comércio, e Arthur, por sua vez, pode dedicar-se exclusivamente ao ofício da alfaiataria e à música.

Arthur Krüger ensinou onze dos seus netos a tocar violino, mas quanto ao violoncelo o seu único aluno foi o músico e luthier Frederico Stein, conhecido popularmente por “Villy Stein”.

Outra faceta menos conhecida de Arthur Krüger foi a associação à maçonaria, assim como diversos músicos que fundaram e integravam a Orquestra de Concertos de Erechim durante a década de 1950.

Dos seus filhos, o mais velho Affonso além de violino, também tocava trompete e juntamente com o maestro Frederico Schubert, foi cofundador da Sociedade Banda de Música de Erechim, em 1951, onde tocava bombardino, enquanto seu irmão Günter tocava trombone e viola de orquestra. O senhor Arthur Carl Eugen Krüger faleceu em Erechim, no dia 24 de junho de 1962, deixando seu legado musical com sua família (WOJCIEKOWSKI, 2011c).

Em 1968 a Orquestra de Concertos de Erechim tocou no Teatro São Pedro, em comemoração à inauguração da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, a convite do deputado Celso Testa, onde seis netos de Arthur Krüger tocaram violino.

Dos vários descendentes músicos de Arthur Krüger, seu bisneto Rudolfo Affonso Krüger é atualmente *spalla* da Orquestra de Concertos de Erechim, da Orquestra Sinfônica de Concórdia, toca violino nos grupos de música popular Nostalgia e Krüger e Músicos, além de ser professor de violino e viola da escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel em Erechim. Sua tataraneta Katiane Paula Krüger é violoncelista da Orquestra de Concertos de Erechim, bem como da Orquestra de Câmara da UPF e Orquestra Belas Artes.

3.2.2 Affonso Krüger

Affonso Krüger nasceu no dia 28 de janeiro de 1903 na cidade de Berlin, na Alemanha, e faleceu no dia 05 de fevereiro de 1980 na cidade de Erechim. Era filho de Arthur Carl Eugen Krüger e Frieda Sandler Krüger, ambos nascidos na cidade de Berlin na Alemanha, mas que emigraram para o Brasil (WOJCIEKOWSKI, 2012a).

Mudou-se com a família da Alemanha para o Brasil em meados de 1914, ainda menino, vindo a residir com os pais e irmãos na Vila Jardim, na localidade denominada Barro, atual Gaurama- RS.

O menino Affonso Krüger trazia na bagagem musical cinco anos de estudo de violino em Conservatório de Música em Berlin. No Brasil continuou os estudos de violino com o pai Arthur Krüger, além de estudar também com o músico Max Moron instrumento de sopro: trompete. Com Max Moron, seu pai Arthur Krüger fundaram o Trio: Max Moron, Arthur Krüger e Giácomo Bez, este o primeiro grupo musical na região do Alto Uruguai que tocava em bailes e festas (WOJCIEKOWSKI, 2012a).

Suas atividades iniciais foram a agricultura e a música; tinha preferência para o violino e o trompete. Ajudou a formação do Centro Cultural de Vila Jardim, mais conhecido popularmente como “Clube Alemão”.

Participou dos diversos grupos de músicos que animavam festas e bailes naquela região de Gaurama – RS e em 30 de abril de 1918 acompanhado com os músicos: Arthur Krüger no violino; Guido Degeroni no clarinete; Affonso Krüger no trompete; Paulo Moron na flauta transversa; Guther Krüger (seu irmão) no trombone; Augusto Riekowski na trompa; Willy Riekowski também na trompa e Max Moron na tuba, realizaram apresentação na cidade de Erechim durante a festa de emancipação do Município (WOJCIEKOWSKI, 2012a).

Participava ainda de um grupo de músicos em Vila Jardim como foto de 1928 (Figura 5) com a seguinte formação: Arthur Krüger no violoncelo; Gunther Krüger na viola; professor Weinhaenner no violino; Affonso Krüger no violino e professor Paul Richard no violino.

Figura 5 - Residência da família Krüger em Barro, 1928



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Arthur Krüger no violoncelo, Gunther Krüger na viola, professor Weinhianner no violino, Affonso Krüger no violino e professor Paul Richard no violino.

Em 1925 casou-se com Maria Magdalena Riekowski que residia em Perdizes - Santa Catarina, e tiveram quatro filhos: Gerhardt Arthur, Augusto Alfonso, Walter Carl e Madalena em Vila Jardim - Gaurama-RS. Em meados de 1950 transferiu residência com a família para a cidade de Erechim, no início sendo proprietário de uma casa de comércio varejista e mais tarde trabalhando como caixeiro viajante (WOJCIEKOWSKI, 2012a).

A convite do Maestro Frederico Schubert foi um dos músicos fundadores da OCE - Orquestra de Concertos de Erechim em 1950, e da Sociedade Banda de Música de Erechim (conhecida popularmente como Banda Municipal), fundada em 1951, e permaneceu com esta até meados de 1968.

Em 1969 a convite da SCAJHO- Sociedade Cultural e Artística de Joaçaba e Herval do Oeste, através de convênio com a Prefeitura Municipal e Secretaria da Cultura daquela cidade transferiu residência para Joaçaba – SC, para ensinar música na Escola de Belas Artes da cidade e ser *spalla* da SCAJHO durante o período de 6 anos até 1974 (WOJCIEKOWSKI, 2012a).

Em 1975, a convite do Prefeito Municipal Agostinho Zambonato, voltou a Erechim para lecionar música e reorganizar a Orquestra de Concertos de Erechim – OCE, através da Escola Municipal de Belas Artes e participar da Sociedade Banda de Música de Erechim. Lecionava violino, viola, violoncelo e instrumentos de sopros: como trompete, trombone,

bombardino e outros. Foi Maestro da OCE – Orquestra de Concertos de Erechim de 1975 a 1980 (OFÍCIO 12/75, 1975).

3.2.3 Ricardo Kreische

A família Kreische tem sua origem na Áustria, e os imigrantes que vieram para o Brasil foram o casal Dominik Kreische e Guilhermina Kreische, juntamente com seus seis filhos Ricardo Kreische, Anton Kreische, Carlos Kreische, Ernesto Kreische, Dominique Kreische Filho além de um sexto filho de nome desconhecido (KREISCHE, 2010).

Dominik Kreische tinha na Áustria uma casa de comércio, uma espécie de “brique”, onde ele comprava e vendia joias, quadros, móveis, armas, moedas, retratos, entre outras coisas (Figura 6). Toda a família era fortemente ligada à música, mas em especial Ricardo Kreische chegou a reger alguns corais e pequenos grupos musicais, e tinha uma sólida formação musical, pois tinha estudado e se formado em dois cursos, o de Ginástica (algo próximo a nossa Educação Física) e Música, ambas pela Universidade de Praga, no país vizinho à Áustria, a atual República Tcheca (WOJCIEKOWSKI, 2011d).

Figura 6 - Casa de Comércio de Dominik Kreische



Fonte: Acervo do autor.

Em 1914, mesmo antes de ter início a I Guerra Mundial, a família Kreische já esperava por este acontecimento, e fugindo deste conflito migraram para o Brasil, durante a viagem, quando a família estava em alto mar, explodiu o conflito na Europa.

Chegando ao Brasil, a família Kreische se estabeleceu em Erechim, mais precisamente onde se localiza a cidade de Getúlio Vargas, e Dominik Kreische adquiriu seis colônias, sendo uma para cada filho, mas em cerca de seis meses Dominik veio a falecer. Seus filhos, por não se adaptarem ao trabalho no campo, foram em busca de trabalho, se espalhando por diversos municípios como Ijuí, Santo Ângelo e Passo Fundo, somente Carlos Kreische permaneceu em Getúlio Vargas (WOJCIEKOWSKI, 2011d).

Vale colocar aqui que Ricardo Kreische foi convocado pelo governo de seu país para lutar na I Guerra Mundial, porém enviou uma correspondência ao governo dizendo que não o reconhecia como governo.

Nesse tempo, Ricardo e Ernesto Kreische foram a Passo Fundo, onde ganharam a vida como músicos tocando em um Café localizado na Rua Moron. Com o tempo seguiram a Santo Ângelo e posteriormente a Erechim, onde Ricardo Kreische montou o Cinema Central em 1921, que exibia filmes mudos, e ele (violino e regência) juntamente com sua esposa Emília Kreische (contrabaixo acústico) e seus filhos Ricardo Kreische Filho (violino), Ernesto Kreische Sobrinho (violino), Elza Kreische (harmônio) e Berta Kreische (flauta) faziam a trilha sonora ao vivo para os filmes (Figura 7).

Com um incêndio, o cinema e seu equipamento acabaram por serem destruídos, obrigando a família Kreische a buscar outras formas de trabalho; seus membros montaram então uma escola de ginástica (e patinação) e música (WOJCIEKOWSKI, 2011d).

Figura 7 - Orquestra da família Kreische 1918



Fonte: Acervo Vilie Stein.

Emília Kreische no contrabaixo, Elza Kreische no harmônio, Richard Kreische no violino, Ernesto Kreische Sobrino no violino, Ricardo Kreische Filho no violino e Berta Kreische na flauta.

Não devemos esquecer que nessa época (década de 1920), a sociedade tinha outros padrões de moral e de comportamento, e os trajés utilizados pelas alunas de ginástica incomodava algumas autoridades eclesiásticas da época como o padre Gregório, que combatia esta “obscenidade” com tamanho fervor que Ricardo Kreische teve que manter somente as aulas de música em sua escola. Esta escola de música era chamada popularmente de “Casa da Cultura”, e ficava localizada na Rua Valentin Zambonato (Erechim), na esquina onde atualmente está localizada a igreja Mormon. Anton Kreische foi para Alemanha, onde trabalhou como minerador. Paralelamente a isso, a família Kreische sempre tocava em festas pela região, mas na década de 1940 montam um grupo que batizam de Jazz Típica Ideal (WOJCIEKOWSKI, 2011d).

A partir da segunda metade da década de 1950 o *rock and roll*, tomou de ataque todas as paradas musicais surgindo novos grupos musicais adeptos a esse gênero, conquistando parte do público consumidor de música. Na década de 1960, Ernesto Kreische

Sobrinho e seu filho Sérgio Kreische saíram do grupo Jazz Típica Ideal e formaram seu próprio grupo, chamado de Jazz Típica Tangara.

Berta Kreische e seu filho Oswaldo Engel fizeram parte da fundação da Orquestra de Concertos de Erechim em 1950. Devido a inerentes dificuldades em ganhar a vida com a música, Ernesto Kreische, Ernesto Kreische Sobrinho e Ricardo Kreische Filho montaram uma fábrica de móveis para complementar a renda familiar.

Ricardo Kreische Filho foi para Porto Alegre, onde continuou com sua carreira musical chegando a tocar em orquestras como a OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre) e a Orquestra Renner (a mesma das Lojas Renner, que além de orquestra tinham clube de futebol).

Ernesto Kreische Sobrinho, que nunca se naturalizou brasileiro, conseguiu um trabalho no Banco da Província como forma de complementar a renda familiar, e a essa altura já contava com dois filhos, Sérgio Kreische e César Kreische, que seguindo a tradição familiar tinham grande amor pela música, sendo que Sérgio Kreische tocava contrabaixo, piano, acordeom e violino, e César Kreische por sua vez tocava violino, piano, trompete e acordeom (WOJCIEKOWSKI, 2011d).

César Kreische era professor de Educação Física da Universidade Regional Integrada, e professor aposentado do Estado, formou-se em piano pela Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel, onde estudou violino, além de tocar na Orquestra de Concertos de Erechim, onde começou tocando trompete em 1959, e foi fundador da Banda Marcial, da Escola Estadual Professor Mantovani. Teve dois filhos Débora e William Kreische, que atualmente estudam piano na Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel. Sérgio Kreische foi contrabaixista da Orquestra de Concertos de Erechim, e Elza Kreische que foi pianista e copista da mesma orquestra.

Dos outros membros da família, é possível citar o filho Ernesto Kreische (o tio), Albino Kreische, flautista que também tocou na Orquestra de Concertos de Erechim, e sua tia Lori Kreische Cora, que foi professora de pintura e violino na Faculdade de Artes da Universidade de Passo Fundo, onde atualmente existe uma sala com seu nome.

3.2.4 Oswaldo Elemar Engel

O nome do pianista Oswaldo Engel durante muitos anos esteve em cartaz, fosse frente a seu Jazz Típica Ideal, Quinteto Lírico ou tocando com a Orquestra de Concertos de

Erechim, além ser patrono da Escola de Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel, em Erechim.

Oswaldo Elemar Engel nasceu em cidade de Getúlio Vargas, no dia 01/09/1921, filho de Ewaldo Engel e Bertha Engel, e tendo como avós paternos, Luiz Engel e Joanna Engel, e avós maternos Ricardo Kreische e Emilia Kreische, como consta em sua certidão de nascimento, e nos orienta sobre a polêmica da escrita de seu nome Oswaldo ou Osvaldo, que se alternam em fontes pesquisadas.

Figura 8 - Oswaldo Elemar Engel



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Oswaldo, ainda na infância (aproximadamente seis anos), iniciou seu aprendizado musical ao violino, com seu avô materno Ricardo Kreische, além de forte influência de seus pais, pois seu pai (natural de Getúlio Vargas) era flautista, e sua mãe (natural da Áustria), fluente em piano, flauta, harmônio e órgão, e foi sua professora de piano (WOJCIEKOWSKI, 2011b).

Fez sua primeira apresentação musical aos seis anos tocando piano ao lado de seu pai na flauta, na cidade de Marcelino Ramos e aos oito anos de idade, mudou-se para Erechim com sua família, onde viria a residir na rua Pedro Álvares Cabral, hoje Valentim Zambonato, onde sua família dava aulas e posteriormente tinham um cinema mudo, o qual faziam a trilha sonora ao vivo. Posteriormente mudaram-se para a avenida Maurício Cardoso, n.º 898 (WOJCIEKOWSKI, 2011b).

Sua formação escolar se deu no colégio Marista, hoje Nossa Senhora Medianeira e na Escola Episcopal, hoje Instituto Anglicano Barão do Rio Branco, e além de músico, Oswaldo era funcionário público no cartório Mandelli.

Aos vinte anos de idade (1941), Oswaldo Engel iniciou sua carreira musical em um conjunto sob a regência de seu avô Ricardo Kreische, chamado Jazz Paiol Grande, do qual além de Oswaldo ao piano e Ricardo ao contrabaixo, também faziam parte seu tio Ernesto Kreische ao violino, Dante Dalmolin ao banjo, Hilário Spilm na bateria, João Sartori no trompete e Noly Schossler no saxofone. Com o grupo Manhata tocavam em diversos bailes da região, e nas diversas boates como a Indiano, do clube Ypiranga (WOJCIEKOWSKI, 2011b).

Oswaldo Engel participou da fundação da Orquestra de Concertos de Erechim, em 10 de junho de 1950, onde foi pianista e secretário, inclusive tendo redigido a Ata de fundação; e da fundação do Quinteto Lírico, em 23 de outubro de 1953, que além de Oswaldo, era composto por Norma Hackmann, Lia Weber, Giovanni Urtassum e Celestino Grando (WOJCIEKOWSKI, 2011b).

Oswaldo, juntamente com o maestro Frederico Schubert e a professora de música Lory Irma Schneider do Amaral Santos, faziam parte da primeira banca examinadora da Ordem dos Músicos em Erechim.

Entre outras atuações, Oswaldo era presença obrigatória no auditório da Rádio Erechim, numa época que a música em rádio tinha espaço para sua execução ao vivo, onde além das execuções solo, também acompanhava cantores e solistas.

Como compositor, Oswaldo Engel compôs a música do *Hino do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico* em Erechim, tendo a letra sido composta por Dorival da Cunha Antunes; a música do *Hino do Instituto Barão do Rio Branco*, e a letra composta por Sírio Joel de Moraes, além de ter sido o revisor do *Hino de Erechim*.

Oswaldo Engel morreu de acidente vascular cerebral no dia 11 de julho de 1969, não deixando herdeiros.

4 FREDERICO SCHUBERT UM CATALIZADOR CULTURAL

Neste capítulo será abordada a biografia de Frederico Schubert, dando ênfase a sua formação musical, o processo de sua vinda de Viena (Áustria) para Erechim e sua atuação na fundação da Orquestra de Concertos de Erechim, Sociedade Banda de Música de Erechim e outros grupos.

4.1 FORMAÇÃO EUROPEIA E MIGRAÇÃO

Frederico Schubert, com o nome de batismo Frederic, era chamado carinhosamente por seus amigos simplesmente de Fritz (Figura 9).

Figura 9 - Frederico Schubert



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Em Viena, Schubert cursou a Academia de Música, e até o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, trabalhou com fotografia (como fotógrafo, chegou a fotografar celebridades como Greta Garbo, Betty Davis e Leni Riefenstahl) e tocou violino em diversas orquestras, inclusive na Orquestra Sinfônica de Viena (Wiener Symphoniker), sob a regência de Arturo Toscanini (WOJCIEKOWSKI, 2011a).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, Schubert foi convocado e combateu em diversos países da Europa como Polônia, Rússia e Bélgica. Em 1944, foi levado pela Gestapo por sua mãe ser judia, tendo sido mandado em seguida para um campo de concentração nazista. Com o final da guerra em 1945, foi libertado pelos americanos, seguindo de bicicleta para Munique, onde teve sua bicicleta roubada, depois seguindo a pé até Saint Anton, onde estava sua família, que devido ao seu estado maltrapilho, não o reconheceu de início. Da Áustria foi para a Suíça, onde trabalhou como fotógrafo (WOJCIEKOWSKI, 2011a).

Devido o caos social e econômico em que se encontrava a Europa no pós-guerra, o ramo da fotografia assim como o da música estava bastante reduzido, Schubert decidiu vir com sua esposa Anny Prasmarer e suas filhas Traudel e Heleni para o Brasil, onde já se encontravam seu irmão e sua cunhada.

Schubert chegou ao Brasil em 21 de junho de 1949, buscando trabalho inicialmente em Santa Catarina, em cidades como Ibicaré e Treze Tílias. Chegou a Erechim em outubro de 1949, onde aos 10 dias do mês de junho de 1950, fundou a Orquestra de Concertos de Erechim, e no ano seguinte a Sociedade Banda de Música de Erechim.

Sobre a vinda de Frederico Schubert para Erechim, Kreische relata:

Ele veio da Alemanha, mas tava aqui em Santa Catarina, ele era fotógrafo, e aí, ele acabou vindo pra Erechim é onde tinha alemães aqui e coisa e tal, mas ele, procurou, eu acho, melhorar a sua vida. Por que quando ele veio, veio praticamente com uma bicicleta. Não tinha nada. A prefeitura é que ajudou ele a construir a sua casa, porque ele se tornou maestro da orquestra, né? Por que o Schubert não tinha nem uma “faiota” pra se apresentar no primeiro concerto. O pessoal teve que fazer vaquinha, cada um dá um pouco de dinheiro pra ele comprar uma “faiota”, pra ele poder se apresentar como maestro da orquestra no primeiro concerto (KREISCHE, 2010).

Frederico Schubert ficaria em Erechim até 1968, quando sua esposa Anny Prasmarer faleceu, e não havendo mais familiares na cidade mudou-se para Resende no estado do Rio de Janeiro, onde moravam suas filhas Traudel e Heleni.

4.2 A ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM

A Orquestra de Concertos de Erechim teve sua fundação a 10 de junho de 1950, quando foi escolhida sua diretoria além de Frederico Schubert (por unanimidade) como regente permanente:

Aos dez dias do mês de junho de mil novecentos e cinquenta, nesta cidade de Erechim, ás vinte horas, os abaixo assinados concordaram na organização de uma sociedade musical com a finalidade de cultivar a bôa musica e de promover concertos. Por unanimidade ficou resolvido que a sociedade ora fundada tomaria o nome de “Orquestra de Concertos de Erechim”, da qual poderiam fazer parte todos os músicos amadores desta cidade, sem distinção de sexo, raça ou nacionalidade e crença. Assim sendo, dentro da Orquestra de Concertos de Erechim não admitir-se-á questões religiosas, de raça ou politicas. Para administrar a sociedade foi eleita pelos presentes, socios fundadores, a seguinte diretoria: Presidente: Darvil Faraon; Vice-presidente: Max Heldveiss; Primeiro Secretário: Osvaldo Engel; Segundo Secretário: Pedro Mandelli; Primeiro Tesoureiro: Ireno Sponchiado; Segundo Tesoureiro: Artur Sperger; Conselho Deliberativo: srs. Carlos Irineu Pieta; Venturino Faccin, Franscisco Koeller, João Skrabe, e Cristiano Haffner. Para regente permanente da orquestra foi escolhido por unanimidade o professor Fritz Schubert a cujo cargo ficará a organização técnica e os ensaios. Ficou marcada a data de trinta do corrente para realizar uma reunião da Diretoria para tratar de outros assuntos referentes à sociedade (LIVRO DE ATAS, ATA n.º 1).

A OCE teve como primeira finalidade “a educação artística de seus associados e de todos que tenham interesse em música” e “elevar o nível cultural do povo”, buscando transformar os indivíduos, suas atitudes e costumes, assim como suas práticas sociais, econômicas e das manifestações culturais e artísticas, baseado no ideário burguês e positivista, como podemos observar no primeiro artigo do estatuto da associação:

[...] organização e manutenção de uma orquestra de concertos, a difusão e educação artística de seus associados e todos que tenham interesse em música, procurar elevar o nível cultural e artístico do povo, proporcionando lhes concertos sinfônicos e festivais de arte e, finalmente, manter o intercâmbio com instituições nacionais e estrangeiras (LIVRO DE ATAS, ATA n.º 5, p. 4).

Após sua fundação a Orquestra de Concerto de Erechim realizou seu primeiro concerto no Cine-Teatro Apollo, localizado na cidade de Erechim, no dia 6 de setembro de 1950 (Figura 10), tendo sido a única apresentação do ano, segundo documentação levantada:

Aos dez dias do mês de setembro de mil novecentos e cinquenta júbilo a efetivação do primeiro concerto levado a efeito no Cine-Teatro Apollo, desta cidade, no dia seis de do corrente. Esta diretoria deixa aqui consignado um voto de louvor ao Prof. Fritz Schubert pela dedicação demonstrada no desempenho de suas funções e pela bela apresentação da Orquestra em sua estreia (LIVRO DE ATAS, ATA n.º 4).

Figura 10 - Primeira apresentação da OCE em 1950



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Durante os 18 anos em que o maestro Frederico Schubert ficou frente à OCE, o grupo realizou diversos concertos, bailes, festivais e apresentações em geral. Apesar de algumas divergências entre as diferentes fontes pesquisadas, a orquestra realizou pelo menos 50 apresentações, uma em 1950, cinco em 1951, quatro em 1952, duas por ano nos anos de 1953, 1954 e 1956; três por ano nos anos de 1956, 1957 e 1958; duas em 1959, cerca de três por ano nos anos de 1960 e 1961, apenas uma em 1962, duas em 1963, três por ano nos anos de 1963, 1964, 1965 e 1966; cinco no ano de 1967 e apenas uma no ano de 1968.

A partir de 1955 foram encontradas referências à Orquestra Infantil, uma braço da OCE que reunia crianças e jovens para estudar música, na qual o maestro Frederico Schubert era o professor (LIVRO DE ATAS, ATA n.º 25, p. 20 verso), preparando-os para posteriormente integrar a orquestra de adultos; os entrevistados César Kreische (KREISCHE, 2010) e Rudolfo Krüger (KRÜGER, 2016) iniciaram suas atividades na orquestra dessa forma. Na figura 11 veem-se Rudolfo Krüger na segunda estante do primeiro violino, ao lado de seu irmão Nelson Krüger, e em pé sobre um banco César Kreische tocando contrabaixo.

Figura 11 - Apresentação da Orquestra Infantil no Clube Atlântico em 14/08/1959



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

O financiamento da associação era realizado através de subvenções municipal, estadual e inclusive federal, com o apoio de políticos relacionados com Erechim, além do patrocínio de empresários e comerciantes da região, e mensalidade paga pelos seus associados.

No ano de 1952 a OCE adquiriu um piano de meia cauda Essenfelder, pelo valor de Cr\$40.680,00 (quarenta mil e seiscentos e oitenta cruzeiros) através de um empréstimo que seria pago com a contribuição mensal dos membros da orquestra no valor de Cr\$250,00 (Duzentos e cinquenta cruzeiros) (LIVRO DE ATAS, ATA n.º 16, p. 15).

O dinheiro arrecadado através dos patrocínios e subvenções era utilizado para o pagamento do maestro Frederico Schubert assim como de seus regentes auxiliares (que recebiam um salário mínimo) além de diversas despesas com a manutenção da associação e realização dos concertos (KRÜGER, 2016).

Em outras localidades fora do município de Erechim, durante o período que o maestro Frederico Schubert esteve na regência, a orquestra apresentou-se nos seguintes locais: Cine Teatro Imperial (Passo Fundo – RS), Sociedade Concórdia (Marcelino Ramos – RS), Cine Teatro Vera Cruz (Getúlio Vargas – RS), Grêmio Esportivo (Pananbí – RS), Salão Paroquial (Getúlio Vargas – RS), Clube 10 de Maio (Joaçaba – SC), Teatro São Pedro (Porto Alegre – RS).

O cunho formativo da OCE também se torna visível com a sua constante participação e realização de eventos ligados a estabelecimentos de ensino como as escolas Colégio São José e Escola Normal José Bonifácio, com objetivos fundados claramente em uma orientação educativa e na difusão da chamada “alta cultura”.

A OCE era vista pela sociedade erexinense como o maior expoente de sua cultura musical, e como tal foi convidada para participar de alguns dos principais eventos locais, como 3º Festa Nacional do Trigo, 3º Congresso de triticultura, 1º Frinape, Jornada Anual da Associação Médica do Rio Grande do Sul.

Em 1968, apesar de o Relatório da OCE (2005) informar que não houve nenhuma atividade, a OCE realizou no dia 6 de julho um concerto em comemoração ao cinquentenário do município de Erechim, no Salão de Atos do Colégio São José. Este concerto foi gravado em mono com um gravador rolo por Aldo Castro. No programa do concerto, aparece uma inscrição a lápis mencionando sua previsão sobre o encerramento das atividades da OCE: “último ou 1 dos últimos concertos da OCE antes de sua dissolução, graças à falta de apoio dos que deviam obrigação de mantê-la (Prefeitura, “classes conservadoras”, clubes de serviços, etc)” (LISTAS DAS MÚSICAS, OCE, 1968).

Segundo informações no site do Arquivo Histórico Municipal de Erechim (ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT, 2011), em 1968 o maestro Frederico Schubert estava “aborrecido e desgostoso com os problemas que ocorriam na orquestra”, porém o site não cita quais seriam estes problemas, mas cita o depoimento da professora Lory Irma Schneider do Amaral Santos: “Schubert sofreu várias injustiças. Ele saiu triste de Erechim. Levou seu violino e nunca mais quis tocar e nem regressou à cidade. Nas cartas que escrevia demonstrava toda a sua mágoa”, o que se confirma nas palavras de Palhano (2016), “ele meio que se desiludiu com a cidade, foi embora e morreu lá”.

No ano seguinte à saída do maestro Frederico Schubert a OCE não realizou nenhuma atividade, tentando se reconstruir a partir de 10 de junho de 1970, com eleição de uma nova diretoria, na qual foi eleito Danton Hartmann como presidente e Ernesto Kreische como vice-presidente, porém somente em 2 de abril de 1971 a OCE teria um novo regente, o pastor Conrad Neumann, e a orquestra ficou inativa do ano seguinte até 1975 (RELATÓRIO DA OCE, 2005).

Porém para o jubileu de prata da OCE, o então prefeito Aristides Agostinho Zambonato convidou o maestro Affonso Krüger, que estava morando em Joaçaba-SC, trabalhando junto a SCAJHO para reger a OCE, cargo em que ficou até agosto de 1980 quando veio a falecer (OFÍCIO n.º 12, 1975).

O maestro Alfred Sigwalt assumiu a regência da OCE, tendo sido designada uma verba de Cr\$200.000,00 pelo prefeito municipal de Erechim para sua contratação até dezembro de 1982, porém permaneceu frente à OCE até julho de 1984 (RELATÓRIO OCE, 2005).

A pianista Rosemari Niederberger assumiu a regência da OCE em outubro de 1984, permanecendo até 1987, quando foi substituída pelo maestro Carino Corso, este por sua vez permaneceu até 1991, quando José Carlos Gheller a dirigiu por um curto período de tempo. Em 1992 o maestro Aldo Ademar Hasse assumiu a direção da OCE, e permaneceu até 2010, quando foi substituído pelo atual regente Maurício Castelli (RELATÓRIO OCE, 2005).

4.3 FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BANDA DE MÚSICA DE ERECHIM

A Sociedade Banda de Música de Erechim teve sua estreia em 7 de setembro de 1951 na administração do prefeito Angelo Emílio Grando, tendo como primeiro regente Frederico Schubert. Sobre essa apresentação a matéria da *Revista de Erechim* n.º 4 escreve:

[...] a Banda de Música de Erechim tornou-se uma feliz realidade para o povo dessa terra. Na praça Júlio de Castilhos, com a presença de várias organizações *ecolares*, após a Missa Campal ali realizada, foi a banda oficialmente entregue ao povo pelo Sr. Angelo Emílio Grando, M. D. Prefeito Municipal, cuja administração tem emprestado toda a colaboração à formação deste conjunto de arte. Seu representante foi o urbanista Francisco Riopardense de Macedo que pronunciou um curto discurso dizendo da satisfação que os animava e que, na certa animaria todos os presentes, de sentir uma realidade aquela aspiração popular, há tanto tempo alimentada por um grupo de ardentes cultores da arte musical. Foi sugerido ao mesmo tempo que naquele local se fizesse, no futuro, um amplo Auditório ao ar livre, para facilitar o funcionamento da Banda, embelezando, ao mesmo tempo, aquele trecho urbano. Após esse ato inicial, a Banda e a maioria dos presentes deslocaram-se até a Praça da Bandeira e tocaram mais algumas peças na sacada da Prefeitura Municipal tendo, nessa ocasião, usado a palavra o Tenente Venâncio Conte, num belo improviso, congratulando-se com o povo pela passagem da data que se assinalava e pela realização que se estava verificando no domínio da cultura popular (BANDA, 1951, p. 24).

Figura 12 - Primeira apresentação da Sociedade Banda de Música em 1951



Fonte: BANDA, 1951.

Nesta primeira apresentação (Figura 12) foi sugerido pelo padre Gregório Comasseto que fosse “dado o nome de Banda de Música Frederico Schubert, em homenagem ao maestro que conseguira reunir os valiosos elementos esparsos que aqui encontrou para a consecução de uma obra de cultura” (BANDA, 1951, p. 24).

A Sociedade Banda de Música de Erechim foi criada para um público, local e repertório bastante distinto da OCE, pois o seu repertório era mais popular, composto basicamente por marchas e dobrados (KRÜGER, 2016), suas apresentações eram geralmente em locais abertos como e em desfiles, não restrito a clubes como a orquestra, e Frederico Schubert destacadamente à frente de seu grupo, inclusive simbolicamente como na Figura 11.

Figura 13 - Banda Municipal



Fonte: Guia Geral do Município de Erechim, 1958.

Nas diversas fontes pesquisadas não foi encontrada a data em que Frederico Schubert permaneceu como regente, porém a citação sugere que ele ficou muito pouco tempo na função:

Para a formação da banda, o maestro Schubert reuniu os músicos da cidade e da região e entre eles estava Paulo Carlos Moron, professor, compositor, arranjador e instrumentista. Em função do seu envolvimento com a Orquestra de Concertos de Erechim, Frederic Schubert foi sucedido por Paulo Moron, que já dirigia também a Banda Municipal Carlos Gomes, de Getúlio Vargas. A Banda, em seu início, reuniu 31 componentes e recebia da Prefeitura subvenção para manter o maestro e conservar seus instrumentos. Na gestão do prefeito José Mandelli Filho foi transformada em Sociedade Banda de Música de Erechim, entidade privada, evitando desta forma onerar a Prefeitura com vínculo empregatício. Por 32 anos, Paulo Moron foi maestro da Banda Municipal. Com seu falecimento em 1982 assumiu a regência Paulo Kameneff que permaneceu por três anos no cargo. Seu substituto foi Carino Corso. Em 1989, Elírio Ernestino Toldo assume o comando da Banda Municipal. (ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT, 2002).

As diferentes fontes encontradas se contradizem de alguma forma, pois com o falecimento de Paulo Moron em 1982, e o fato de ele ter ficado “por 32 anos” como maestro da Sociedade Banda de Música de Erechim, presume-se que ele teria assumido a regência logo no início, porém a Figura 13 mostra Frederico Schubert frente à banda em 1958. Uma possibilidade seria que a foto foi tirada ainda em 1951, e reutilizada posteriormente, o que

sugere um certo status de Schubert, pois se deixa de utilizar a imagem de Paulo Moron, para utilizar a sua imagem. Outra possibilidade seria apenas por não terem outra foto.

Possivelmente Schubert teria recebido auxílio de Paulo Moron, como ensaiador ou regente adjunto; inclusive no livro de chamadas da Sociedade Banda de Música de Erechim, Schubert tem presença em apenas um ensaio mensal, enquanto Paulo Moron esta presente em todos os ensaios. A última presença de Frederico Schubert marcada neste livro é no dia 22 de junho de 1966, não tendo havido ensaios no mês seguinte, devido ao recesso da banda, e seu nome não aparecendo mais em nenhum momento (LIVRO DE CHAMADAS).

4.4 OUTROS GRUPOS MUSICAIS

Foi encontrada uma referência a um coro dirigido pelo maestro Frederico Schubert, no *Jornal Voz da Serra* de 18 de dezembro de 1951, em nota intitulada *O Natal do Clube Caixeiral*, que cita a estreia do Coro do Clube Caixeiral:

Nota que merece especial destaque, é a primeira apresentação do Côro do Clube Caixeiral, dirigido pelo prof. Frederico Schubert. O Côro executou inicialmente a canção de Gruber “Noite Feliz”, em língua alemã. A seguir interpretou o canto sacro “Santo, Santo”. Outra parte do programa que encheu de beleza e encantamento a festa do Clube Caixeiral, foi o bailado “Danúbio Azul”, apresentado pela menina Rosinda Cardoso, acompanhada ao violino pelo maestro Schubert. O Côro interpretou ainda outras canções, dando fim àquela hora de alegria em comemoração ao Natal de Cristo. (O NATAL, 1951).

Apesar de a citação do jornal indicar que o evento obteve o resultado desejado, o coro não teve um vida mais longa como a Sociedade Banda de Música de Erechim e a OCE, tanto que não foi encontrada mais nenhuma referência, inclusive nenhum dos entrevistados sabia da existência do coro, dessa forma, este projeto do maestro Frederico Schubert não obteve a mesma longevidade de seus outros projetos.

5 ASPECTOS SOCIAIS

O caráter civilizador e formador pode ser observado através das ações da OCE, que não buscava apenas a execução da música de concerto e o deleite da plateia, mas procurava um desenvolvimento estético de uma moral influenciada pelo positivismo, do qual os conceitos de civilização, progresso e modernidade fazem parte.

Frederico Schubert, o maestro que estava à frente da orquestra durante o período estudado, detinha o poder de decisão pela escolha estética do repertório, mantendo uma tradição tonal europeia no repertório apresentado, bem como na direção geral do grupo, e aos olhos da sociedade erexinense era o professor responsável por conduzir para um progresso musical, inclusive tendo sido convidado a dirigir o grupo e seu nome tendo sido aprovado por unanimidade pelos associados conforme consta no livro de atas.

A trajetória de Frederico Schubert e da OCE no curso de sua história está relacionada às demandas de uma parcela da sociedade erexinense do período pesquisado, que por sua vez ligam-se à sua própria estrutura. Sobre essas relações do indivíduo (neste caso W. A. Mozart) e a demanda social Norbert Elias escreveu:

É preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo. Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa – neste caso, um artista do século XVIII – formava em sua interdependência com outras figuras sociais da época (ELIAS, 1995, p. 19).

A partir deste modelo teórico elaborado por Norbert Elias, podemos compreender as ações de Schubert junto à OCE e à Sociedade Banda de Música de Erechim, por meio das quais ele buscava os ideais de beleza junto à parcela da sociedade que frequentava as apresentações de ambos os grupos, e a resposta positiva desta demanda social reforça a confiança nas escolhas e decisões do regente.

5.1 A IMPRENSA

Erechim ao longo de sua história teve diversos jornais e periódicos em geral, bem como vários jornalistas que atuaram nesse meio, que escreveram parte dessa história:

Erechim orgulha-se de haver tido um glorioso período de jornalismo e literatura, com intelectuais do mais elevado gabarito, nome de vultos que se destacaram na imprensa e na literatura do nosso Estado. Escritores, poetas e historiadores de grande

valor, como João Frainer, Luiz A. F. Souto Neto, Antônio Abade Chagas, Romeu Paiva, Wilson Weber, Pe. Benjamin Busato e muitos outros, militaram na imprensa erexinense apresentando trabalhos de grandes valor, dignos de figurar na imprensa das grandes metrópoles brasileiras (DUCATTI NETO, 1981, p. 251).

Os eventos em que a OCE participava tiveram uma divulgação por meio dos jornais e revistas erexinenses, o que sugere uma certa relevância da orquestra por estes meios de comunicação. Foram encontrados 25 artigos no jornal *Voz da Serra*, inclusive com duas capas do jornal, no período em que Schubert esteve na regência, e diversos outros jornais em épocas distintas, mas com referência a esse período.

A crítica jornalística da cidade, apesar de não ser especializada, escrevia de forma positiva tanto sobre a OCE, mas especialmente a seu maestro Frederico Schubert, deixando evidente os valores com os quais a sociedade erexinense tinha identificação, como na crônica de Rodrigo Magalhães, intitulada *A Música* do jornal *A Voz da Serra*, de 5 de setembro de 1951:

[...] a batuta como a espada, era um símbolo, e seus movimentos representavam comando, ordem, beleza, supondo que sem a batuta jamais haveria expressão na regência. Qual não foi, porém, minha surpresa, quando, ontem, 4 de setembro, no Apolo, com as mãos em movimento e os dedos abertos como pentagrama a polvilhar notas, ritmos, harmonias, melodias, inspiração, Frederico Schubert, dirigia sem batuta, a “Orquestra de Concertos de Erechim”. Vibrei com entusiasmo com a elite social que ali estava sem dúvida, como eu, para admirar e homenagear o eloquente conjunto orquestral de amadores que, num esforço titânico e digno dos melhores encômios, vem trabalhando pelo engrandecimento cultural e artístico de nossa terra. Não tenho infelizmente autoridade para uma crítica, mas tenho compreensão para analisar a significação do que ouvi, manifestando meus sinceros e irrestritos aplausos a quem os merece, no esplendor da Arte e seus eflúvios na educação do povo, que certamente não lhe negará seu apoio, comungando com minha opinião. Na síntese desta crônica vai, portanto, meu abraço a cada um dos legionários da cultura artística, que constituem o brilhante conjunto musical em que repousa uma das mais legítimas glórias do progresso erexinense (MAGALHÃES, 1951, p. 1).

Outra crônica de 8 de setembro de 1951, do jornal *A Voz da Serra*, referente ao mesmo concerto da OCE do dia 4 de setembro de 1951, escrita por Minuano¹, mostra que os outros músicos eram “amadores” e que “poucos despontam valores individuais”, mas que Schubert, um “mestre em música competente”, “músico de escola que domina completamente os figurantes”, através de seu trabalho “admirável” e “competente”, mas que “principalmente” a ação do maestro tem uma função formativa, educacional, pois está desenvolvendo na cidade uma “consciência musical e artística”:

¹ Minuano era o pseudônimo de um jornalista, porém seu verdadeiro nome não foi encontrado.

Dos mais justos, portanto, o orgulho de Erechim por sua orquestra de concertos. Feita de amadores, à custa de ingentes sacrifícios e sob a direção competente do maestro Frederico Schubert, faz ela convergir para a florescente cidade o interesse artístico e cultura de toda a região. O concerto do dia 4, por exemplo, constituiu-se num acontecimento artístico-social de grande repercussão, para ali levando dezenas de visitantes. E a impressão que deixou foi das melhores. Programa fino e variado com Supé, Straus, Brahms, Tchaikowski, Lehar, Dvorak e nossa popular aquarela do Brasil, de Ary Barroso, executada com orquestra e magnífico coro de vozes masculinas; direção sóbria e competente do maestro Frederico Schubert, um músico de escola que domina completamente os figurantes; execução segura dos trinta e tantos componentes da orquestra. Trabalho admirável, de conjunto, se atentarmos a que se trata, na grande parte, de amadores, e pouco despontam valores individuais. Resultado magnífico da tenacidade e dedicação do maestro e demais componentes da orquestra, muitos deles sujeitos a viagens penosas, não só para as audições propriamente ditas, como e principalmente para os numerosos ensaios que devem ser levados a efeito. O mais importante, porém, é que á margem de tudo isto, vem se formando, na vizinha cidade, uma consciência musical e artística desenvolvida, ao mesmo tempo que se estimula as novas gerações para uma profissão digna, ou, quando não, para um passa-tempo sadio e agradável. Damos, pois, razão ao nosso amigo Rafael Luiz Ponzi, quando, há tempos atrás, sugeriu pela imprensa, se conseguisse a vinda de um mestre de música competente para a nossa cidade. A verdade é que o professor Schubert foi a vara mágica que reuniu os valores musicais de Erechim, ao passo que, com sua reconhecida competência, esta formando uma nova geração de praticantes e admiradores da nobre arte (O NATAL, 1951, p. 1).

Em 1968 a OCE teve menção no jornal *Correio do Povo*, de circulação estadual, relativo à sua apresentação em 21 de setembro de 1967, quando tocou na inauguração do Palácio Farroupilha, no Teatro São Pedro em Porto Alegre a convite da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul.

Com o desenvolvimento econômico de Erechim a partir da década de 1950, mesmo que essa economia fosse baseada na produção rural, a cidade seguiu modelos das capitais da Europa e do Brasil. Com o excedente da produção rural, em especial a cultura do trigo, que Erechim seria reconhecida como “Capital Nacional do Trigo” realizando uma festa nacional no ano de 1953, a cidade passou por processos de modernização e incorporação de modelos de vida e consumo das grandes capitais. Dessa forma, a sociedade necessita de novas demandas como eventos sociais, produtos, bens de consumo além da necessidade de informação (NUNES et al., 2015, p. 1).

Segundo Cristine Machado Módolo (apud NUNES et al., 2015, p. 2), ocorreu no início do século XX uma série de transformações científicas e tecnológicas que se refletiam na vida cotidiana e na remodelação das cidades. “As revistas acompanham essa euforia – centenas de títulos são lançados – e, com as inovações na indústria gráfica, apresentam um nível de requinte visual antes inimaginável”.

A publicidade da *Revista de Erechim* continha publicações de propagandas que anunciavam bens de consumo considerados necessários para a chamada vida moderna, que de

certa forma, corroboram para a ratificação da imagem de cidade em pleno desenvolvimento amparando o discurso pela busca de uma pretensa modernidade, mesmo que advinda do crescimento resultante dos excedentes da produção agrícola (NUNES et al., 2015, p. 6).

Os concertos da OCE encontram espaço no discurso desta revista, pelo qual a orquestra é retratada com glamour, seja nas imagens fotográficas ou no discurso do texto, como na figura 14, onde é apresentada a OCE em traje de gala, ou no uso de termos como “magistrais” e “famosa” que fazem parte desse discurso: “Um flagrante de uma das magistrais apresentações da já famosa Orquestra de Concertos de Erechim”.

Figura 14 - Orquestra de Concertos de Erechim



Fonte: BANDA, 1951, p. 24.

Os leitores da *Revista de Erechim* eram uma parcela da plateia dos concertos da OCE, e o bom comportamento diante das apresentações era uma questão de uma população civilizada, e nas páginas da revista encontravam-se as colunas “A Música”, ou “Piano, Arte e Variações”, “A música pode ser uma fonte de inspiração em arquitetura”, que traziam ao leitor informações sobre obras, compositores e história da música de concerto ocidental.

Apesar do curto período de tempo em que a *Revista de Erechim* esteve em circulação, foram encontrados oito menções à OCE e/ou ao seu maestro Frederico Schubert, todas elas com fotos.

A corrente positivista comtiana presente na formação de Erechim trouxe um preceito moral que se unia ao cívico como um dos fatores que contribuíram para a valorização da “música como arte elevada” e da “música autenticamente nacional”, levando à recriminação

da “música de entretenimento”, talvez uma música mais “popularesca” (ANDRADE, 2013, p. 14).

Dessa forma a *Revista de Erechim* possibilitou o registro de um recorte dentro da história da cidade de Erechim vivia, e se expressava no período em que a revista esteve em circulação. Apesar de se tratar de uma mídia vinculada aos grupos de maior renda na cidade, o discurso da revista está ligado ao ufanismo perante a cidade e à pátria, e a corrente pregação de modernidade. A *Revista de Erechim* além de informar e entreter, também foi grande expositora de uma forma de vida considerada ideal (NUNES et al., 2015, p. 8).

Outras publicações encontradas como o *Guia Geral do Município de Erechim 1958*, organizado e elaborado pela Gráfica São Judas Tadeu Ltda, ou o *Álbum Oficial do Cinquentenário de Erechim (1918-1968)* também trazem informações sobre a OCE e de forma destacada a seu maestro Frederico Schubert, como na figura 15, onde aparece o nome do maestro e este se encontra em frente ao grupo.

Figura 15 - Orquestra de Concertos de Erechim



Fonte: Guia Geral do Município de Erechim 1958, p. 16.

A construção da imagem de Frederico Schubert pelos meios de comunicação da época foi bastante eficaz, pois seu nome ficou marcado no ideário dos erexinenses como um grande mestre em música, muito “considerado” pelos outros músicos, tornando-se sinônimo de música, e “ninguém mais chegou no estágio dele” (STANISÇUASKI, 2016).

5.2 O PAPEL DA MULHER

Diversas outras regiões do Brasil tiveram sua história “permeada pela cultura hierarquizada, desigual e machista, mesmo parecendo algo normal”, e a região de Erechim não foge a regra, “a hierarquia entre gêneros é estabelecida como algo normal, e estão solidificadas na estrutura social” (PEDRINI; MARTINS, 2004, p. 94). Essa dominação era velada, pois as mulheres não eram proibidas de participarem da OCE, porém apenas ajudando nas tarefas ou tocando, mas sem cargos na direção ou possibilidade de atuar de forma que não fosse como coadjuvante, e dificilmente em uma posição de maior destaque como solista ou regente.

Para um estudo das preocupações femininas sobre a prática histórica, é necessário compreender que as musicistas enfrentam dificuldades inerentes a todos os que atuam na música e também por serem mulheres. A respeito das mulheres artistas e sobre os obstáculos que encontraram ao longo de suas carreiras, observando como era difícil para elas serem levadas a sério por seus colegas homens, ou mesmo encontrar algum tempo para estudar, quer casassem ou entrassem para um convento (BURKE, 2005, p. 66).

Para Bourdieu os papéis masculino e feminino são muito diferentes nas diferentes sociedades:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção; a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visam legitimá-la. A ordem social funciona como uma máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça; é a divisão social do trabalho, divisão bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seus local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2002, p. 16).

Apesar de os principais atores citados até aqui serem do sexo masculino, havia constante presença das mulheres participando da Orquestra de Concerto de Erechim, mesmo sendo em menor número, como é possível observar na figura 16 em 1956, onde somente mulheres aparecem tocando seus instrumentos.

Figura 16 - Musicistas em 1956



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

As filhas de famílias tradicionais na cidade de Erechim, com melhor poder aquisitivo, tinham em sua formação o estudo da música, e Schubert era um desses professores, juntamente com outros músicos da OCE:

Na orquestra ou particularmente eram poucos que ensinavam. Antes de fundar a orquestra só quem gostava mesmo de tocar, então essas moças, filhas de gente de bem da cidade gostavam de aprender piano e violino, então iam com meu pai, com o Oswaldo, com minhas tias e o Schubert também as vezes ensinava (KREISCHE, 2010).

Mas apesar das posições de maior destaque como a diretoria, solistas e regência serem dominadas por homens, em 1959 a pianista Rosemari Niedenberger (Figura 17) fazia sua estreia nos palcos erexinenses junto à OCE. Ela teria um papel de destaque no grupo como solista, chegando a dirigir o grupo como maestrina no período posterior ao analisado, entre os anos de 1985 até 1987.

Figura 17 - Primeira apresentação da pianista Rosemari Niederberger em 1959



Fonte: Acervo Rudolfo Krüger.

Segundo Pedrini e Martins (2004, p. 88), o conceito de gênero vai além das diferenças perceptíveis entre os sexos, pois também podemos considerar o gênero como uma forma básica de representação de poder, ou melhor, “como construções e representações sociais, constituído diferentemente em épocas, lugares, culturas, religiões, condições econômicas e políticas”.

Para Bourdieu (2002, p. 20)

[...] a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente constituída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

A visão androcêntrica é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina, ou seja, pelo fato que suas disposições resultam do preconceito desfavorável contra o feminino, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito (BOURDIEU, 2002, p. 43).

Ainda Bourdieu escreve sobre a dominação masculina:

A dominação masculina encontra reunida todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se firma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõe-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê

investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, às relações de poderem que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação destas relações de poder e que se expressam nas oposições flutuantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (BOURDIEU, 2002, p. 44).

A OCE no período pesquisado representa esta estrutura social de dominação masculina, pois nenhuma mulher fez parte da diretoria, assim como nenhuma mulher foi regente não somente da orquestra, mas de nenhum coro participante conjuntamente nos concertos, isso mudaria apenas na década de 1980, quando algumas mulheres como Dilma Manoelita Faccin (2.º Secretário em 1982), Neiva Groch e Rosemari Niederberger (Conselho Deliberativo em 1982), Roseli Hachmann (Vice-presidente em 1985), Mara Pilotto (1.º Secretário em 1985) passaram a integrar a diretoria da OCE, assim como para o papel de solista a grande maioria foram homens, porém algumas das poucas exceções no período pesquisado foram as pianistas Rosemari Niederberger e Maria Elisa Sperb, além da cantora Lia Weber, em apenas um concerto.

No que se refere a maestrinas de coros que participaram conjuntamente com a OCE, outra exceção no período pesquisado aparece no último concerto, no qual a professora Edith era regente do Coro Juvenil da Escola Normal José Bonifácio e a Irmã Clarisse era regente do Coral São José. Porém a regência do concerto ficou a cargo do maestro Frederico Schubert, cabendo a ambas as musicistas apenas o papel de coadjuvantes.

5.3 O REPERTÓRIO

O repertório verificado ao longo dos 18 anos em que Frederico Schubert esteve frente à OCE era em sua grande maioria e formado essencialmente por trechos de óperas, música ligeira, músicas militares e composições dos séculos XVIII e XIX, sendo basicamente um repertório tonal.

O que se verificou também foram as escassas, porém significativas composições novas de autores erexinenses apresentadas pela OCE, como *Valsa Serenata*, e *Crepúsculo* de Darvil Faraon, além de diversos hinos como *Hino do Cinquentenário* de Oswaldo Engel e Terezinha Becker Dilélio, *Hino da Frinape*, do Irmão Ivo, além do *Hino de Erechim*, com letra de Terezinha Becker Dilélio e música de Frederico Schubert. Destes compositores locais

conhecidos, todos exerciam uma posição social de destaque, e de alguma forma colaboravam com a OCE, seja pecuniariamente e/ou com participações artísticas.

A presença constante de diversos hinos, principalmente o *Hino Nacional*, nas apresentações da OCE demonstram um caráter patriótico, ou seja, uma ideologia na qual o indivíduo deve lealdade e devoção ao Estado Nacional, e não necessariamente relacionado ao termo aplicado, que defendia a incorporação de elementos nacionais característicos à música (WOJCIEKOWSKI, 2012b, p. 112).

Da mesma forma, composições como *Aquarela Brasileira* de Ary Barroso carregam este estigma nacionalista, influência não somente positivista, mas também fruto da formação histórica do ideal nacional através da Campanha de Nacionalização. Assim como as elites econômicas e políticas, neste caso uma elite musical se “articulava em processos de resistência, acomodações e negociações com os governos a fim de legitimarem suas posições de influências” (PEREIRA, 2014, p. 48).

Segundo Frotscher (apud PEREIRA, 2014, p. 49), “o Estado apropriava-se dos espaços de representação simbólica das elites, significando-os, dando-lhes um novo uso, de acordo com seus interesses”, e a música na Campanha de Nacionalização teve um papel de “importante ferramenta para a interiorização de valores disciplinares e de convivência social”, segundo Marcelo Téó (apud PEREIRA, 2014, p. 52).

A obra *Aquarela Brasileira* tanto em sua letra (exaltando os valores brasileiros) como no seu ritmo (samba, ritmo escolhido como representativo de brasilidade), trazem à tona essa articulação citada por Frotscher.

Dentre os compositores de óperas mais executados pela OCE podem-se citar os italianos Ruggero Leoncavallo (1857-1919), Pietro Mascagni (1863-1945), Giacomo Puccini (1858-1924), Giuseppe Verdi (1813-1901), Gaetano Donizetti (1797-1848), dos quais foram apresentadas diversas árias e aberturas ao longo do período que Schubert foi regente. O fato de as árias terem melodias agradáveis, com virtuosismo vocal, mesmo que os aspectos orquestrais e harmônicos não sejam prioridade, colocou este gênero como preferidos do grande público, chegando a tornar-se cânones. Aliado a tudo isso, por expressarem ideais de liberdade e patriotismo, justificam a escolha do maestro na sua inclusão no repertório da OCE.

Além deles é possível o citar compositor tcheco de música militar Julius Ernest Wilhelm Fucik (1872-1916), o compositor alemão de ópera cômica Albert Lortzing (1801-1851), o compositor pomerano Karl Albert Hermann Teike (1864-1922), o austríaco Rudolf Siczynski (1879-1952), os compositores tchecos Ralph Benatzki (1884-1957) e Zdenek

Fibich (1850-1900), o compositor polonês Rudolf Herzer (1878-1914), o compositor francês de operetas Jacques Offenbach (1819-1880), o compositor austro-húngaro de música militar Alphons Czibulka (1842-1894), o compositor de operetas Friedrich von Flotow (1812-1883), o compositor irlandês de óperas Michael William Balfe (1808-1870), o croata Franz Von Suppé (1819-1895), o compositor de operetas austríaco Carl Adam Johann Nepomuk Zeller (1842-1898), o compositor romântico alemão de óperas Giacomo Meyerbeer (1791-1864), o russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893), Johannes Brahms (1833-1897) e W. A. Mozart (1756-1791).

Frederico Schubert, ao escolher o repertório da OCE, fazia uma articulação mesclando cânones como Mozart, Brahms e Tchaikovsky com compositores menos conhecidos, tchecos, poloneses, alemães, justamente as etnias dos imigrantes, numa possível tentativa de preservação de sua cultura apesar da Campanha de Nacionalização.

Porém os compositores mais recorrentes (numericamente) em obras apresentadas pela OCE no período de 1950 até 1968 foram os compositores austríacos de música ligeira para dança e operetas Johann Strauss II (1825-1899) principalmente Franz Lehár (1870-1948), neste caso, Frederico Schubert parece expressar a sua própria influência, ao escolher compositores de seu país natal.

5.4 OS CLUBES, TEATROS E CINEMAS

Diversos clubes de Erechim descendem das antigas associações de imigrantes, que com a Campanha de Nacionalização tiveram seus nomes e formas de atuação alterados. O Clube Germânia, fundado pelos imigrantes alemães, que passou por diversas denominações, atualmente é chamado de Clube Caixeiral, assim como a antiga Societá Mutuo Socoro XX Setembro, fundado por imigrantes italianos, passou a ser chamado Clube Esportivo e Recreativo Atlântico, da mesma forma a sociedade dos imigrantes poloneses Nicolaia Kopernica, tornou-se o Clube Rui Barbosa.

Com a proibição do uso da língua e cultura dos imigrantes pela Campanha de Nacionalização, estes clubes se adaptaram não somente em sua nomenclatura, como também suas ações. Dessa forma a OCE sob a batuta de Frederico Schubert encontrou um espaço físico, assim como a estrutura social destes clubes para apoio de suas atividades, inclusive com a criação de um coro no Clube Caixeiral.

Os clubes onde Frederico Schubert se apresentava com a OCE também eram locais para a camada mais privilegiada da sociedade, não somente em Erechim como também das

outras cidades onde se apresentou. Destes diversos clubes, o Clube Esportivo e Recreativo Atlântico de Erechim foi o que teve maior número de apresentações da OCE no período que o maestro Schubert esteve na regência, com pelo menos 5 apresentações.

Outros locais em que a OCE realizou apresentações foram os cinemas, não só de Erechim, como de outras cidades como o Cine Teatro Imperial de Passo Fundo – RS, com três apresentações, o Cine Teatro Apollo, em Erechim, onde a OCE teve sua estreia em 1950, totalizando seis apresentações, e com sua extinção, e o surgimento de um novo estabelecimento, o Cine Luz, com pelo menos nove apresentações.

Estes clubes, assim como os cinemas da época, eram representativos para as elites locais, eram locais “grandes” e “bonitos”, e naquele momento, muito disputados pelo público em geral, como um local simbólico, onde a vida era bela e tudo acontecia (STANISÇUASKI, 2016).

Apesar de velada, a escolha dos locais para realizar apresentações sugere um pensamento classista e racista, pois OCE não realizou nenhuma apresentação em clubes das camadas mais baixas da sociedade e nem nos clubes de origem étnica diferente da europeia, como por exemplo, o Clube Treze de Maio em Erechim, o chamado “clube dos pretos”.

Porém outro ambiente em que a OCE esteve presente com suas atividades foram as escolas, como a Escola José Bonifácio com duas apresentações e o Colégio São José com pelo menos dez apresentações, que de certa forma ilustra o caráter formativo da atuação do maestro Frederico Schubert.

Os locais onde realizou apresentações se restringem aos clubes, teatro e cinemas que contemplavam uma determinada elite econômica, bem como as etnias de origem europeia. Acrescentam-se ainda as escolas, localizadas geralmente em regiões centrais da cidade, sugerindo a importância que as questões formativas representavam para Schubert.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Erechim teve um grande desenvolvimento econômico a partir da década de 1950. O fato se deve, principalmente, à intensa produção rural, a exemplo do trigo, cultura que legou ao município o título de “Capital Nacional do Trigo” e para a qual se realizam festividades em 1953. O excedente econômico propiciou novas possibilidades à classe dominante e, com isso, a busca por uma pretensa modernização e imitação dos gostos e dos modelos de vida das capitais.

Paralelamente a essa transformação econômica, arquitetônica e social, a Orquestra de Concertos de Erechim representou a faceta musical nesse processo de modificação da paisagem sonora da vila José Bonifácio para cidade de Erechim. Nesse contexto, o papel desenvolvido pela OCE, bem como a atuação de seu regente, o maestro Frederico Schubert, muito além de um mero entretenimento, foi de cunho formativo, educacional e morigerador na sociedade erechinense no período de 1950 a 1968, fosse por meio de bailes, festivais ou concertos realizados.

A partir de sua chegada a Erechim, em 1947, Frederico Schubert desenvolveu um papel catalizador na classe musical da cidade, reunindo sob sua batuta os músicos que já habitavam em toda a região, inclusive em municípios de maior porte, como Passo Fundo. Esses músicos já tinham alguma atuação, inclusive com formação de bandas, que tiveram suas atuações ceifadas pela Campanha de Nacionalização.

A Sociedade Banda de Música de Erechim, fundada por Frederico Schubert em 1951, tinha uma função diferente da OCE. Seu repertório estava baseado em um repertório popular, tendo como função animar festas e solenidades cívicas, ou seja, apesar de um repertório distinto, ainda assim mantinha a proposta “civilizadora” advinda do civismo em uma sociedade construída nos pilares do positivismo.

As fontes pesquisadas mostraram que a manutenção da associação e o custeio de suas despesas com manutenção e realização de eventos, inclusive do salário de seu regente e seus adjuntos, era feita por todos os associados, por meio de mensalidades, patrocínio de empresários e comerciantes da região, além de subvenção dos poderes executivos municipal, estadual e federal.

Alguns fatores permitem a construção do olhar que os músicos e associados tinham em relação a seu maestro Frederico Schubert, como o fato deles contribuírem pecuniariamente para o pagamento de seus honorários, além de colocar completamente a direção artística em suas mãos.

Frederico Schubert detinha todo poder e responsabilidade de decisão sobre o repertório apresentado, em sua expressiva maioria, constituía-se basicamente de trechos de óperas, músicas militares, hinos e música ligeira, sendo um repertório totalmente tonal. Não foi encontrada nenhuma obra do período Barroco ou anterior.

O maestro Frederico Schubert mesclava no repertório apresentado pela OCE grandes cânones da música europeia, hinos e canções que evocavam o espírito nacionalista exigido pela Campanha de Nacionalização, obras de compositores de origem comum aos imigrantes, bem como obras de compositores locais, numa tentativa de preservação de sua cultura.

Os autores mais recorrentes em todo o período pesquisado foram os compositores austríacos de música ligeira e operetas Johann Strauss II (1825-1899) e principalmente Franz Lehár (1870-1948). Tratava-se de gêneros musicais de fácil assimilação por parte do público e, conseqüentemente, geradores de popularidade. Além disso, há que se considerar o fato de os compositores serem conterrâneos do maestro Frederico Schubert.

A sociedade erexinense que frequentava os concertos da OCE avistava em Schubert um “sacerdote da música mais elevada”, um professor que tinha a responsabilidade de “civilizar” a cidade. A imprensa do período – tanto o jornal *Voz da Serra* quanto principalmente a *Revista de Erechim* – destinava espaço à divulgação da orquestra com destaque ao nome e à figura de seu regente, representando-os com *glamour* e sofisticação.

Outro aspecto do projeto formativo da OCE empreendido foi a criação da Orquestra Infantil dentro da orquestra, que tinha função de educar e “civilizar” crianças e jovens, preparando a futura geração de música da orquestra principal, sendo o próprio maestro Frederico Schubert o professor que orientava e dirigia o grupo.

Perante à elite da sociedade erexinense, a OCE figurava como maior representante de sua música e, portanto, o grupo a representá-la em ocasiões oficiais do município relacionadas a essa elite econômica.

O projeto de Schubert relacionado à OCE, que pretendia ser um veículo educacional para determinada camada da sociedade erexinense, apesar de satisfatório em seu início, revelou-se, no entanto, frustrante ao seu idealizador, devido ao seu descontentamento, inclusive pela falta de reconhecimento econômico.

Mesmo havendo um projeto de renovação de músicos, por meio da Orquestra Infantil, que desenvolveu a geração sucessória dos músicos da OCE, fatores externos, como o surgimento de novos gêneros musicais e movimentos culturais – a exemplo do rock e da Jovem Guarda – obtiveram parte considerável da atenção do público e da mídia, alterando o *status* inicialmente detido pela música de concerto.

Tendo tudo isso em vista, e após a pesquisa empreendida para o presente trabalho, pode-se concluir que houve dois momentos bem distintos da música de concerto no período histórico estudado. O primeiro se deu em 1950, logo depois da chegada de Schubert, havendo um terreno fértil para o seu projeto de formar uma orquestra de concertos. Maestro e músicos receberam apoio tanto da iniciativa privada quanto da classe política, e foram aclamados pelos meios de comunicação. O poder público proporcionava a Schubert apoio financeiro, oferecendo, inclusive, moradia e um salário. Nota-se que sua missão era mais do que puramente oferecer entretenimento, mas sim instituir ares de “modernidade” à elite regional, num processo de “civilização” alinhado com os ideais positivistas da época.

O segundo momento, já em fins da década de 1960, foi marcado por grandes mudanças mundiais, com outros valores em voga e outros padrões estéticos e musicais, como o *rock*, por exemplo, de modo que a música de concerto não tinha mais primazia. Não obstante, as relações internas da OCE já apresentavam desgaste. Possivelmente, Schubert buscava um resultado melhor, inclusive financeiro, pois recebia um valor pequeno pelo seu trabalho. Este quadro, aliado à perda de sua esposa e à ausência de familiares na cidade e, vendo que seu projeto perdia forças, talvez tenha gerado mágoas a Schubert.

As ações do maestro Frederico Schubert no período que esteve na regência da OCE tinham um caráter formativo, que buscava transformar o gosto musical de uma parcela da sociedade erexinense e seu comportamento, imitando o ideal estético das principais capitais do Brasil e especialmente da Europa, locais que estariam em um estágio civilizatório mais avançado.

Após a saída de Schubert, diversos maestros estiveram frente à OCE, cada um com seus objetivos e personalidades merecendo um estudo aprofundado. Porém mesmo depois de quase meio século que de sua partida, seu nome está ligado à história não somente da orquestra, mas está marcado na memória e se tornou sinônimo de música de concerto para determinada parcela da população erexinense.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Clarissa Lapolla Bomfim. *A Gazeta Musical: positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- ANZE, Melissa. *Sociedade Pró-Música de Curitiba (SPMC): análise histórico-social da música erudita na capital paranaense (1063-1988)*. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT. *A banda mantém viva a cultura das etnias*. 2002. Disponível em: <<http://arquivohistoricoerechim.blogspot.com.br/2011/07/banda-mantem-viva-cultura-das-etnias.html>>. Acesso em: 28 maio 2016.
- ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT. *Schubert o idealizador da Orquestra de Concertos de Erechim*. 2011. Disponível em: <<http://arquivohistoricoerechim.blogspot.com.br/2011/07/schubert-o-idealizador-da-orquestra-de.html>>. Acesso em: 4 jun. 2016.
- ASTER, Misha. *A orquestra do Reich: a filarmônica de Berlim e o nacional-socialismo, 1933-1945*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BANDA de música de Erechim: inauguração e festividades que acompanharam no dia 7 de setembro. *Revista de Erechim*, Erechim, p. 24. set. 1951.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BECKER, Itala Irene Basile. *O índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Unisinos, 1995.
- BITENCOURT, Alexandra. *Barão de Cotegipe 50 anos: um centenário de histórias*. Erechim: All Print, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 168-182.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BREITKREITZ, Luciano Anderson. *À sombra do colosso da lagoa: uma história de futebol em Erechim*. Erechim: Habilis Press, 2016.
- CASSOL, Ernesto. *Histórico de Erechim*: CESE. Passo Fundo: Instituto Social Padre Berthier, 1979.

- CASSOL, Ernesto. *Carlos Torres Gonçalves: vida e obra e significado*. Erechim: São Cristóvão, 2003.
- CHIAPARINI, Enori José. *Início de Paiol Grande Erechim*, 1992.
- CHIAPARINI, Enori José. *Erechim: retratos do passado, memórias no presente*. Erechim: Graffoluz, 2012.
- CIMA, Sônia Mári. *Reza e política: uma combinação na história do Padre Busato em Erechim*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- CONFORTINI, Helena. Bilinguismo polonês na Região Norte do Rio Grande do Sul: aspectos históricos. *Projeções: Revista de Estudos Polono-Brasileiros*, Erechim, p. 65-92, 2002.
- COSTA, L. J. *Cinquentenário de Erechim: álbum oficial*. Porto Alegre: Metrópole, 1968. (Não Paginado).
- DAUDT, Ondina Marques. *O resgate da música em Passo Fundo: depoimentos e memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- DUCATTI NETO, Antônio. *O grande Erechim e sua história*. Porto Alegre: EST, 1981.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Michael Schröter. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FRAINER, João. *Album do município de Erechim*. Boa Vista do Erechim: Modelo, 1936. (Não paginado).
- GARCEZ, Neuza Cidade. *Colonização e imigração em Erechim. A saga da família polonesa 1900-1950*. Erechim: Edelbra, 1997.
- GARCEZ, Neuza Cidade. *A grande mestre e a eterna aprendiz: a história e eu*. Erechim: EdiFapes, 2014.
- GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- GOGULSKI, Pe. Stanislau. *Caminhando para a terra prometida: do Rio do Peixe, a Nova Polônia até Carlos Gomes*. Erechim: Edelbra, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ILLA FONT, J. M. *Serra de Erechim: tempos heróicos*. Erechim: Carraro, 1983.

KAMENEFF, Paulo. Entrevista concedida a Gleison Juliano Wojciekowski em 29 de julho de 2010. Erechim, 2010. (Registro Gravado).

KARNAL, Oscar da Costa. *Subsídios para a história do município de Erechim*. Porto Alegre: Globo, 1926.

KREISCHE, César. Entrevista concedida a Gleison Juliano Wojciekowski em 29 de julho de 2010. Erechim, 2010. (Registro Gravado).

KRÜGER, Rudolfo Affonso. Entrevista concedida a Gleison Juliano Wojciekowski em 30 de maio de 2016. Erechim, 2016. (Registro Gravado).

_____. *Histórico de Frederico Schubert*. 1997. 5p. (Original no acervo Rudolfo Affonso Krüger).

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LISTAS DAS MÚSICAS, OCE. *Repertório apresentado e gravado em fita rolo pela OCE em 6 de julho de 1968*. 1968. 1p. (Cópia datilografada e manuscrita no acervo de César Stanisçuaski).

LIVRO DE ATAS da Sociedade Orquestra de Concertos de Erechim, 1950-2017. 200p. (Original no acervo da Orquestra de Concertos de Erechim).

LIVRO DE CHAMADAS, Sociedade Banda de Música de Erechim. (Original no acervo da Sociedade Banda de Música de Erechim).

MAGALHÃES, Rodrigo. A música. *A Voz da Serra*, Erechim, 5 set. 1951, p. 1.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: IEL, 1975.

MORON, Paulo Carlos. *Pequena história sobre o começo e evolução e continuidade da música na região do Ato Uruguai desde 1912 até 1968*. 1968. 68p. (Cópia manuscrita no acervo do autor a partir de original não localizado).

NEUE PHILHARMONISCHE ORCHESTER – VEREINIGUNG BERLIN. *Carteira de sócio n.º 5 de Arthur Krüger da Nova Orquestra Filarmônica de Berlim*. 1p. (Original no acervo de Rudolfo Affonso Krüger).

NUNES, Luís Ranulfo Costa et al. Revista de Erechim: registro de uma época. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA; 10. Porto Alegre, 2015. *Anais...* Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 2015. p. 41-51.

OFÍCIO n.º 12, de 1975: convite a Affonso Krüger. 16 jan 1975. 1p. (Original no acervo de Rudolfo Krüger).

O NATAL do Clube Caixeiral. Erechim, *A Voz da Serra*, p. 1, 8 set. 1951.

PALHANO, Ubirajra Augusto Domingues. Entrevista concedida a Gleison Juliano Wojciekowski em 15 de junho de 2016. Erechim, 2016. (Registro Gravado).

PALMA, Dolfina Terezinha. *Histórico de Barão de Cotegipe*. Barão de Cotegipe: [s. n.], 1979.

PEDRINI, Dalia Maria; MARTINS, Ana Paula. As relações entre mulheres e homens no associativismo civil em Blumenau. In: WARREN, Ilse Sherer; CHAVES, Lara Maria (Orgs.). *Associativismo civil em Santa Catarina: trajetórias e tendências*. Florianópolis: Insular, 2004. p. 88-101.

PEREIRA, Magnus Roberto. *Semeando iras rumo ao progresso: andamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense, 1829-1889*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

PEREIRA, Tiago. *Pela escuta de Heinz Geyer na “Cidade ressoante”*: música e campanha de nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945). 2014. 210 f. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O velho / novo positivismo. In: GRAEBIN, Cleusa M. G. (Org.). *Revisitando o Positivismo*. Canoas: La Salle, 1998. p. 67-105.

PIRAN, Nédio. *Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai*. Erechim: EdiFapes, 2001.

RELATÓRIO OCE. *Histórico OCE*. 2005. 26p. (Original no acervo da Orquestra de Concertos de Erechim).

ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RUBENICH, Wilmar Wilfrid. *Marcelino Ramos: a guerra e o pós-guerra do Contestado*. Erechim: São Cristóvão, 2002.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

STANISÇUASKI, César Tadeu. Entrevista Concedida a Gleison Juliano Wojciekowski em 9 de junho de 2016. Erechim, 2016. (Registro Gravado).

TASSO, Chico. *Meu Erechim cinquentão*. Erechim: Modelo, 1968.

VALENTINI NETO, Pe. Antonio. *Dados históricos da Diocese de Erechim e Região*. Passo Fundo: Berthier, 2007.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

WEBER, Regina. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Org.). RS: *200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002. p. 77-92.

WEISS, João. *Colonos na selva: emigrantes como agricultores*. Rio de Janeiro: Méier e Blumer, 1949.

WOJCIEKOWSKI, Gleison Juliano. A família musical de Arthur Carl Eugen Krüger. *Diário da Manhã*, Erechim, p. 8, 2011c.

_____. A musicalidade da família Kreische. *Diário da Manhã*, Erechim, p. 8, 2011d.

_____. *Harmonia tonal e positivismo: uma análise dos repertórios da Orquestra de Concertos de Erechim na década de 1950*. Erechim, RS: AllPrint Varella, 2012b.

_____. Maestro Frederico Schubert. *Diário da Manhã*, Erechim, p. 8, 2011a.

_____. O maestro Affonso Krüger. *Diário da Manhã*, Erechim, p. 8, 2012a.

_____. Oswaldo Elemar Engel. *Diário da Manhã*, Erechim, p. 8, 2011b.

WOLFF, Gladis Helena. *Trilhos de ferro, linhas de barro: a ferrovia no norte do Rio Grande do Sul – Gaurama (1910-1954)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

ZAMBONATTO, Aristides A. Antonio. *Os meus Erechim*. Erechim: Edelbra, 2000.

APÊNDICE A - INFORMAÇÕES SOBRE MÚSICA NAS FONTES DOCUMENTAIS

Data / Caderno	Conteúdo
15 de janeiro de 1947	Sociedade Musical “Amor á Arte”
16 de janeiro de 1951	A orquestra de Concertos de Erechim exhibir-se-á em Passo Fundo
25 de abril de 1951	Concerto da Orquestra de Erechim em homenagem ao Governador do estado
4 de setembro de 1951	A Orquestra de Erechim deliciar-á hoje os erechinenses com um magnífico concerto (Capa)
6 de setembro de 1951 – Ano XXII	Parabéns, Orquestra de Concertos de Erechim! (Capa) Bom Dia Leitores – À Orquestra de Concertos de Erechim
27 de fevereiro de 1952	Mais uma apresentação da Orquestra Municipal em Passo Fundo
4 de abril de 1952	Segunda apresentação da Orquestra de Erechim em Passo Fundo
24 de abril de 1952	Concerto em comemoração ao 34 aniversário de Erechim
14 de agosto de 1952	Nova apresentação da Orquestra em Erechim
4 de setembro de 1952	Amanhã novo concerto da Orquestra Municipal de Erechim
1 de outubro de 1952	Grandioso Baile da Orquestra de Concertos de Erechim
15 de maio de 1953	Orquestra de Concertos apresentar-se-á hoje
25 de abril de 1954	Brilhou novamente a Orquestra de Concertos de Erechim
16 de junho de 1955	Orquestra de Concertos de Erechim
7 de agosto de 1955	Finalmente dia 12 o Concerto da Orquestra Sinfônica
14 de agosto de 1955	O Coro da Orquestra – Um espetáculo inesquecível
17 de janeiro de 1956	O Coro da Orquestra
20 de abril de 1956	Orquestra de Erechim
29 de abril de 1956	Orquestra de Concertos de Erechim
21 de dezembro de 1956	Orquestra de Concertos de Erechim
25 de maio de 1957	Dia 30 em Passo Fundo, Grande Concerto Popular pela Orquestra de Erechim
7 de junho de 1957	Foi espetacular a Atuação da Orquestra Sinfônica de Erechim
20 de outubro de 1957	Em Passo Fundo a Orquestra e Coro de Erechim
24 de outubro de 1957	Mais um Consagrador Triunfo da Orquestra de Erechim
14 de junho de 1963	Treze anos de glória na Orquestra Sinfônica de Erechim
14 de julho de 1968	A grande Orquestra de Erechim
11 de setembro de 1975	Bodas de ouro – Affonso e Maria Magdalena Kruger
23 de agosto de 1980	Trinta anos de Nossa Orquestra
8 de novembro de 1984	Ballet ao requinte da música antiga
2 de outubro de 1986	Escola Municipal de Belas Artes “Oswaldo Engel”
4 de outubro de 1986	Um piano e um violão
6 de novembro de 1992	Apresentação da Orquestra de Erechim (Orquestra de Concertos)

3 de julho de 1999	O talento reconhecido de Arnaldo Savegnago
29 de maio de 2001	Smec entregou uniformes à Banda de Música de Erechim
11 de setembro de 2001	Erechinenses param para ver a Banda passar

Jornal Bom Dia

Data / Caderno	Conteúdo
9 de novembro de 2005	Banda Municipal festeja 54 anos de fundação
13, 14 e 15 de abril de 2013 – Geral	Grande nome da música erudita morre em Erechim

Jornal Diário da Manhã

Data / Caderno	Conteúdo
30 de abril de	A Banda Municipal faz parte da história de Erechim
5 de junho de 2000	Famílias na vida da Orquestra de Concerto de Erechim em 50 anos
27 de março de 2002	Concerto “Grandes Momentos do Violão” lota Salão de Atos da URI – Campus Erechim
15 de julho de 2005	Gesto solidário
9 de novembro de 2005	Banda Municipal festeja 54 anos de fundação
21/22 de abril de 2011 – Blitz	Maestro Frederic Schubert (Gleison Juliano Wojciekowski)
13 de maio de 2011 – Blitz	Carino Corso: maestro autodidata e sua devoção pela música italiana e sacra (Gleison Juliano Wojciekowski)
20 de maio de 2011 – Blitz	Oswaldo Elemar Engel (Gleison Juliano Wojciekowski)
22/24 de junho de 2011 – Blitz	A história viva da música: Paulo Kameneff (Gleison Juliano Wojciekowski)
15 de julho de 2011 – Blitz	A família musical de Arthur Carl Eugen Krüger (Gleison Juliano Wojciekowski)
3 de setembro de 2011 – Blitz	O maestro e professor Aldo Ademar Hasse (Gleison Juliano Wojciekowski)
16 de setembro de 2011 – Blitz	O maestro e professor Pedro Paulo Mandelli (Gleison Juliano Wojciekowski)
30 de setembro de 2011 – Blitz	O maestro Elfrio Ernestino Toldo (Gleison Juliano Wojciekowski)
28 de outubro de 2011 – Blitz	A musicalidade da família Kreische (Gleison Juliano Wojciekowski)
10 de fevereiro de 2012 – Blitz	Reinaldo Centenaro, uma história de muitos carnavais (Gleison Juliano Wojciekowski)
9 de março de 2012 – Blitz	O maestro Paulo Carlos Moron (Gleison Juliano Wojciekowski)
6 de abril de 2012 – Blitz	O maestro Affonso Krüger (Gleison Juliano Wojciekowski)
11 de maio de 2012 – Blitz	A sexagenária Sociedade Banda de Música de Erechim (Gleison Juliano Wojciekowski)

18 de maio de 2012 – Blitz	A Orquestra de Concertos de Erechim (Gleison Juliano Wojciekowski)
1º de junho de 2012 – Blitz	Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel (Gleison Juliano Wojciekowski)
20 de julho de 2012 – Blitz	O maestro Amélio Viero (Gleison Juliano Wojciekowski)

Jornal Boa Vista

Data / Caderno	Conteúdo
29 de outubro de 2010	Clarinete usado na instalação de Erechim está com bisneto de imigrante

Jornal Brasileiro da Indústria e Comércio

Data / Caderno	Conteúdo
Maio de 2005	Orquestra de Concerto de Erechim (Altair José Menegatti)

Jornal Correio do Povo

Data / Caderno	Conteúdo
9 de outubro de 2010	Imigração inspira documentário (José Ody)

Jornal Zero Hora

Data / Caderno	Conteúdo
23 de setembro de 2001	Pra ver a banda passar – Festival de Erechim reuniu mais de 600 músicos e homenageou a Sociedade Banda

Revista de Erechim – Sociedade, Cultura e Arte

Data / Caderno	Conteúdo
1951	Banda de Música Municipal – Ano de 1930
1951 – Ano 1 – Número 4	Banda de Música de Erechim – Inauguração e festividades que acompanharam no dia 7 de setembro
1951 – Ano 1 – Número 5 – 6	Orquestra de Concertos de Erechim
1951 – Ano 1 – Número 7-8	Leda Mársico, soprano erexinense, saudada pela crítica
1951 – Ano 1 – Número 11-12 Edição especial de aniversário	Sociologia Musical no Brasil Conservatório Municipal de Música de Passo Fundo
1953 – Ano 2 – Número 20 – 21	Luís Gonzaga visitou a “Capital do Trigo”
1953 – Ano 3 – Número 28 – 29	p. 33 Orquestra Sinfônica de Erechim. Um grupo comandado por Frederico Schubert o “maestro” que encarna a essência da arte musical.
1953 – Ano 3 – Número 30	Orquestra Sinfônica de Erechim, conjunto musical que representa a mais bela expressão de arte em nossa cidade. Estréia da Orquestra Infantil, organizada pelo maestro Schubert. Foi uma maravilhosa

	surpresa durante os festejos da Festa Nacional do Trigo.
--	----------------------------------------------------------

Programas de Concerto

Localização	Data	Local / Título
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	5 de janeiro de 1951	Segundo Concêrto
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	2 de fevereiro de 1951	Cine Teatro Imperial – Passo Fundo
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	22 de dezembro de 1951	Quinto Concêrto
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	7 de março de 1952	Cine Teatro Cruzeiro - Iraí
Arquivo Gleison Juliano Wojciekowski	23 de outubro de 1953	Quinteto Lírico – 1º Concerto
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	29 de novembro de 1953	Festa Nacional do Trigo – C. E. R. Atlântico – Erechim
Arquivo Gleison Juliano Wojciekowski	28 de agosto de 1955	Pela primeira vez em Marcelino Ramos (Sociedade Concórdia)
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	22 de dezembro de 1956	Sociedade Concórdia – Marcelino Ramos
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	18 de dezembro de 1959	Cine Luz – Erechim Part.: Anton Lieb (Timbales OSPA) e Reg. Pablo Komlos
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	11 de agosto de 1960	A Orquestra de Concertos de Erechim em homenagem ao seu 10º aniversário – Sala CER Atlântico – Erechim
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	26 de agosto de 1960	Cine Teatro Vera Cruz – Getúlio Vargas – Terceira Apresentação
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	14 de setembro de 1960	Pavilhão da Escola Normal José Bonifácio – Erechim Concerto em benefício à AEE
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	25 de março de 1961	Panambi
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	14 de novembro de 1965	1º Jornada de Medicina – Salão de Atos do Colégio Normal São José - Erechim
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	10 de junho de 1968	Grande Festival Artístico Municipal – Clube 10 de Maio – Joaçaba - Com a SCAJHO – Cinquentenário de Joaçaba
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	6 de julho de 1968	Orquestra de Concertos de Erechim - Salão de Atos do Colégio Normal São José – Erechim
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	5 de novembro de 1968	Orquestra de Concertos de Erechim – Erechim
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	19 de novembro de 1977	São de Festas do Colégio São José – Erechim – Participação da SCAJHO e do Coro Misto São José Maestro OCE: Affonso Krüger
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	5 de agosto de 1978	S D – Participação do Coral Misto São José (Reg: Irmã Clarisse Holz) e Agrupacion Coral Mater Amábilis de Buenos

			Aires (Reg: Helena Pérsico)
Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font	30 de abril de 1983		Concerto Inaugural do Centro Cultural 25 de Julho – Erechim (Reg: Alfredo Sigwalt)
Acervo Gleison Wojciekowski Juliano	11 de maio de 1988		Comemoração “70 Aniversário” – Centro Cultural 25 de Julho – (contém breve histórico da OCE)

Documentos Variados

Localização	Conteúdo
Acervo Rudolfo Krüger	Ofício N° 12/75 de 16 de janeiro de 1975 – O prefeito Aristides Agostinho Zambonato convida Affonso Krüger para reger a Orquestra de Concertos de Erechim
Acervo Rudolfo Krüger	Histórico de Frederico Schubert digitado e não publicado escrito por Rudolfo Krüger a partir de conhecimento pessoal e outros músicos
Acervo Rudolfo Krüger	Cartão de Sócio N°5 da Nova Orquestra Filarmônica de Berlim de Arthur C. E. Krüger – 1912
Acervo Rudolfo Krüger	Neue Phillarmonische Orchester – Vereinigung Berlin – 31/12/1910 Carteira de Sócio da nova Filarmônica de Berlim

APÊNDICE B - Lista do Repertório

Nº Concerto	Data	Local	Repertório
1º	6 de setembro de 1950	Cine-Teatro Apollo Erechim - RS	1º Parte 1 - Hino Nacional (F. M. da Silva) 2 - Ouro e Prata (Franz Lehár) 3 - Schoenfeld March – Ziehrer 4 - Intermezzo da Cavaleria Rusticana – Mascagni 5 - Não me esqueças – pelo barítono Alderico Massignan 2º Parte 6 - Danúbio Azul (J. Strauss) 7 - Marcha da Coroação – da ópera “O Profeta” (Mayerler) 8 - Reverie (Schuman) Solo de sax por Aristeu (ilegível) 9 - Parla-me de Amor Mariú – pelo barítono Alderico Massignan 10 - Beguin the Beguine (Cole Porter) 11 - Viena sempre Viena (Schramell)
2º	5 de janeiro de 1951	Cine Teatro Apollo Erechim - RS	1º Parte 1 – Overture da Ópera Lameuri (Albert Lortzing) 2 – Florentinier Marsch Op. 214 (Julius Fucik) 3 – Schatz-Waltzer Op. 418 (Johann Strauss Jr.) 4 – Nada mais que um coração solitário (Tchaikovsky) 5 – Teu é meu coração (Franz Lehár) 2º Parte 6 – Marcha Nupcial (Felix Mendelssohn) 7 – Edera Serenata (Ermenegildo Carosio) 8 – Messias de Viena – Valsa Op. 388 (Ziegler) 9 – O Dolce Fanciulla (Franz Lehár) por Alderico Massignan 10 – Nós tocamos Lehár (Pout Pourri) (Franz Lehár) 11 – Marcha do 1º Regimento Op.41 (Dominik)
3º	2 de fevereiro de 1951	Cine Teatro Imperial Passo Fundo - RS	
4º	25 de abril de 1951	Cine Teatro Apollo Erechim - RS	1 - Hino Nacional (Francisco Manuel da Silva) 2 - Ouverture de Lammenuti (Albert Lortzing) 3 - Meninas de Viena (Zeher) 4- Marcha da Coroação (Meyerbeer) 5- Edera Serenata (Ermenegildo Carosio) 6 - Só quem conhece a saudade (P. Tchaikowsky) 7 - Seleções de Lehár (Franz Lehár) 8 - Ouro e prata (Franz Lehár) 9 - Florentinier Marsch Op. 214 (Julius

			Fucik)
5º	4 de setembro de 1951	Erechim - RS	1º Parte 1 - Hino Nacional (Francisco Manuel da Silva) 2 - Cavalaria Rusticana (Pietro Mascagni) 3 - Sob a bandeira estrelada (J. P. Souza) 4 - Conto dos bosques de Viena (Johann Strauss) 6 - Dança Húngara N5 (Johannes Brahms) 7 - Valsa Serenata (Darvil Faraon) COMPOSIÇÃO DE UM MEMBRO OCE 8 - Humoresque Op. 101 (Anton Dvorak) 9 - Dança Russa (P. Tchaikowsky) 2º Parte 10 - Agora Avante (Franz Lehár) 11 - Amor Cigano (Franz Lehár) 12 - Ouverture Viúva Alegre (Franz Lehár) 13 - Aquarela Brasileira (Ary Barroso) 14 - Castaldo March (Rodolfo Morocik)
6º	22 de dezembro de 1951 Natal dos Pobres	Salão do Clube Ipiranga Erechim – RS	1 - Ouverture As Bodas de Fígaro (W. A. Mozart) 2 - Valsa Rosas do Sul (Johann Strauss) 3 - Seleção da Opereta Der Zarewitsch (Franz Lehár) 4 - Cavalaria Rusticana (Pietro Mascagni) 5 - Viena Cidade dos meus sonhos (Rudolf Siczynski) 6 - Core Ingrato (S. Cardilo) Voz: Alderico Massignan e piano: O. Engel 7 - Incantesimo (Dino Olivieri) cantada por Alderico Massignan 8 - Serenata Italiana – Pout Pourri (E. Carosio) 9 - Dança das estrelas (H. Schineider) 10 - Serenata (F. Schubert) 11 - Prelúdio (Sergei Rachmaninoff) Solo de piano: Osvaldo Engel 12 - Noite Feliz (Franz Gruber) Canto Coro sob regência de Carlos Pieta
7º	7 e 8 de março de 1952	Cine Teatro Cruzeiro Irai - RS	1º Parte 1 – Sob a bandeira estrelada (J. P. Souza) Marcha 2 – Cavalaria Ligeira (Franz Von Suppé) Ouverture 3 – Rosas do Sul (Johann Strauss) Valsa 4 – Dança Húngara N° 5 (Johannes Brahms) 5 – Dança Russa Op.30 (Peter Tchaikowsky) 6 – Viena cidade dos meus sonhos (R. Siczynki) 7 – Nada mais que um coração solitário (Peter Tchaikowsky) 8 – O Tesouro (Johann Strauss) Valsa da Opereta O Barão Cigano 2º Parte 9 – Marcha da Coroação (G. Meyerbeer) da ópera O Profeta 10 – Viúva Alegre (Franz Lehár) Pot-

			pourri 11 – Amor Cigano (Franz Lehár) 12 – Castaldo (ilegível)
8º	4 de abril de 1952	Cine Teatro Imperial Passo Fundo - RS	
9º	30 de abril de 1952 Emancipação de Erechim	Cine Teatro Apollo Erechim - RS	
10º	12 de setembro de 1952 Homenagem à Pátria	Cine Teatro Apollo Erechim – RS	
11º	15 de maio de 1953	Cine Teatro Apollo Erechim – RS	1º Parte 1 - Hoch Heidecksburg (Rudolf Herzer) 2 - Espanã (Emil Waldeufel) 3 - Cavalo Branco (Ralph Benatzki) 4 - Ouverture de Poeta e Camponês (Franz Von Suppé) 5 - La Boheme – Aria de Mimi (Giacomo Puccini) Solo: Lia Weber 6 - Noturno Op. 9 nº2 (F. Chopin) Piano solo: Elza Sperb 7 - La Gaccia (Paganini/Liszt) Piano solo: Maria Eliza Sperb 2º Parte 8 - A Sertaneja (Brasílio Itibere) Piano solo: Maria Eliza Sperb 9 - Liebesleid (Fritz Kreisler) Violino Solo: Ernesto Kreische 10 - Sonho de Amor, Noturno nº3 (Franz Liszt) 11 - Serenata Amorosa (Giuseppe Becas) 12 - Aída – Abertura (Giuseppe Verdi)
12º	29 de novembro de 1953 3º Festa Nacional do Trigo e 3º Congresso de Triticultura	Clube Esportivo e Recreativo Atlântico	1º Parte 1 – E. dos hóspedes de Wartburg – Coro e Marcha da Ópera Tannhauser (Richard Wagner) 2 - Cavalaria Ligeira – Abertura (Franz Von Suppé) 3 – Viúva Alegre – Pot-pourri (Franz Lehár) 2º Parte 4 – O Guarani – Abertura (Carlos Gomes) 5 – Rigoletto – Grande Fantasia (Giuseppe Verdi)
13º	21 de abril de 1954	Clube Esportivo e Recreativo Atlântico Erechim – RS	1º Parte 1 - Marcha Triunfal Op.68 (Julius Fucik) 2 - Valsa do Imperador Op.437 (Johann Strauss) 3 - De Viena para o mundo – Potpourri de operetas (Viktor Kruby) 4 - O Barbeiro de Sevilha – Abertura (Giacomo Rossini) 2º Parte 5 - Especialidades Vienenses – Potpourri (Viktor Kruby) 6 - Legende D´Amour – Serenata (Giuseppe Becce) Solista: Frederico Schubert 7 - Orpheu no Inferno – Abertura (Jacques

			Offenbach /Binder)
14º	15 de outubro de 1954	Cine Teatro Ideal Erechim - RS	1º Parte 1 - Floretiner – Marcha (J. Fucik) 2 - Poeta e Camponês – Abertura (Franz Von Suppé) 3 - Crepúsculo – Serenata (Darvil Faraon) 4 - La Traviata (Giuseppe Verdi) 2º Parte 5 - Orfeus – Abertura (Jacques Offenbach) 6 - Il Trovatore (Giuseppe Verdi) 7 - Nabuco (Giuseppe Verdi) 8 - Cavaleria Rusticana (Pietro Mascagni)
15º	12 de agosto de 1955	Cine Luz Erechim – RS	1º Parte 1 - Marcha de Homenagem (Franz Liszt) 2 - Cigana – Abertura (Von Suppé) 3 - Vida de Artista (Johann Strauss) 4 - Serenata Amalfi (C. Becce) 5 - Melodia Op.3 Nº3 (S. Rachmaninoff) 6 - Madame Butterfly (G. Puccini) 2º Parte (pela Orquestra Infantil) 7 - Mística (P. A. Tirindelli) 8 - Sole Mio (Eduardo Di Capua) 9 - Il Trovatore (G. Verdi) pela OCE, coros e solistas
16º	28 de agosto de 1955	Sociedade Concórdia Marcelino Ramos - RS	1º Parte 1 - Castanda Marsch Op.40 (R. Novacek) 2 - Die Hiegeunerin – Abertura (Von V. Balfe) 3 - Tanz and Operettansterme (Hans Scheneider) 4 - Serenata D´Amalfi (C. Becce) 5 - Dichter und Bauer – Abertura (Franz Von Suppé) 6 - Vien Bleibt Vien Marsch (Johann Schrammel) 7 - Die Lustige Vitve – Viúva Alegre (Franz Léhar) 2ºParte (pela Orquestra Infantil) 8 - Mística (P. A. Tirindelli) 9 - Sole Mio (Eduardo Di Capua) 10 - Il Trovatore (G. Verdi) pela OCE, coros e solistas
17º	4 de maio de 1956	Cine Luz Erechim - RS	1º Parte 1 - Piava Marsch (Franz Lehár) 2 - O Califa de Bagdad – Abertura (A. Boieldieu) 3 – Fantasia Rústica (Pedro Paulo Mandelli) 4 – Lustspiel – Abertura (Keler-Bela) 5 – Norma (Bellini) 2º Parte La Traviata (G. Verdi) Aquarela Brasileira (Ary Barroso)
18º	14 de dezembro de 1956	Cine Luz Erechim - RS	
19º	22 de dezembro de 1956	Sociedade Concórdia Marcelino Ramos – RS	1º Parte 1 - Marcha Triunfal (G. Verdi) 2 – L Italiana in Algieri (G. Rossini)

			<p>3 – Pagliacci – Fantasia (Leon Cavallo) 4 – Serenata (Alberto Costa) 5 - La Traviata – ária e cena (G. Verdi) 6 – Num mercado persa (Albert William Ketèlbey) 7 – Prim... (ilegível) (Conrad Heutmann/ João F. Buchn) 8 – Intermezzo – Agnus Dei (Ilegível) 2º Parte 9 – Velhos Camaradas (Karl Albert Hermann Teike) 10 – Vida de Artista (J. Strauss) 11 – Ket Dal (Lavota Rude) 12 – Paganini (Franz Lehár) 13 – Orfeu no Inferno (Jacques Offenbach)</p>
20º	8 de novembro de 1957	Cine Luz Erechim – RS	<p>1º Parte 1 - Hino Nacional (F. M. da Silva) 2 - Marcha Triunfal (Edvard Grieg) 3 - Cavalaria Ligeira (F. V. Suppé) 4 - Norma (V. Bellini) 5 - Conto dos bosques de Viena (J. Strauss) 6 - La Paloma (S. Iradier) com Orquestra Infantil 7 - La Golondrina (N. Serradel) com Orquestra Infantil 8 - Primavera (F. Mendelssohn) com Orquestra Infantil 2º Parte 9 - Poeta e Camponês (F. V. Suppé) 10 - Sangue Vienense (J. Strauss) 11 - Parade de Anões (Jessel) 12 - O Cavalinho Branco (Stalz /Ralph Benatzky)</p>
21º	20 de outubro de 1957	Cine Teatro Imperial Passo Fundo - RS	
22º	30 de abril de 1958 40 anos de emancipação de Erechim	Clube Esportivo e Recreativo Atlântico Erechim - RS	<p>1º Parte 1 – Hino Nacional (F. M. Silva) 2 – Marcha Triunfal (E. Grieg) 3 – Cavalaria Ligeira (F. Suppé) 4 – Norma (Bellini) 5 – Bosques de Viena (J. Strauss) 6 – La Paloma (Yradier) 7 – La Golondrina (N. Serradel) 8 – Primacera (F. Mendelssohn) 2º Parte 9 – Poeta e Camponê (F. Suppé) 10 - Sangue Vienense (J. Strauss) 11 – Parada de Anões (Jessel) 12 – O Cavalinho Branco (Stalz/ Benatzky)</p>
23º	7 de julho de 1958 Baile da OCE	S. R. Clube Caixeiral Erechim - RS	
24º	5 de dezembro de 1958	Cine Luz Erechim - RS	
25º	7 de agosto de 1959 Festival de Arte	Cine Luz Erechim - RS	<p>1º Parte 1 – Martha (F. Flotow) 2 – Tragédia do mar – poesia (Eloi Pieta) 3 – Canto Pagé (H. Villa-Lobos)</p>

			<p>Orquestra Juvenil</p> <p>4 – Nabuco (G. Verdi)</p> <p>5 – Branca (Zequinha de Abreu) Conjunto de acordeons de Oswaldo Engel</p> <p>6 – Relógio (R. Cantoral)</p> <p>7 – O Maior espetáculo da Terra (V. Joun)</p> <p>8 – Tradicionalismo – Galpão Campeiro</p> <p>2º Parte</p> <p>9 – Manhã, tarde e noite em Viena (F. Suppé)</p> <p>10 – Barqueiros do Volga (Folclore Russo)</p> <p>11 – Granada (A. Lara)</p> <p>12 – Torna Suriento (E. Curtis)</p> <p>13 – O Guarani (C. Gomes)</p> <p>14 – Hino Nacional (F. M. da Silva)</p>
26º	18 de dezembro de 1959	Cine Luz Erechim - RS	<p>1º Parte</p> <p>1 – Dance Aux Flanbeaux (G. Meyerbeer)</p> <p>2 – Zigeunerliebe (F. Lehár)</p> <p>3 – Cavalaria Ligeira (F. Suppé)</p> <p>4 – Dança Húngara Nº6 (J. Brahms)</p> <p>2º Parte</p> <p>5 – Martha (F. Suppé)</p> <p>6 – Heintzelmannchen (K. Neack)</p> <p>7 – Schützenpolka (Ben Born)</p> <p>8 – Watch Tower (R. Herzel)</p> <p>9 – Bayadera (Emmerich Kálmán)</p> <p>10 Manhã, tarde e noite (F. Suppé)</p>
27º	11 de agosto de 1960 OCE 10 anos	C. E. R. Atlântico Erechim - RS	<p>1º Parte</p> <p>1 - Rosen a. d. Süden (J. Strauss)</p> <p>2 – Italianerin in Algier (G. Rossini)</p> <p>3 – Romance (P. Tchaikowsky)</p> <p>4 – Noite (L. V. Beethoven)</p> <p>5 – Sa... (Ilegível) (Carlos Gomes)</p> <p>Regência: Cláudio Czarnobai</p> <p>6 – Pol... (ilegível) F. Chopin) Piano: Rosemari Sperger</p> <p>7 – Danz... (ilegível) (A. Ponchielli)</p> <p>8 – La Traviata (G. Verdi)</p>
28º	26 de agosto de 1960	Cine Vera Cruz Getúlio Vargas – RS	<p>1º Parte</p> <p>1 – Rosas do Sul (J. Strauss)</p> <p>2 – Die Italianerin in Algier (G. Rossini)</p> <p>3 – La Traviata (G. Verdi)</p> <p>4 – Dança das Horas (A. Ponchielli)</p> <p>5 – A Grandeza de Deus (L. V. Beethoven) Coro Masculino da cidade – regência: Jacaob Gremelmaier</p> <p>2º Parte</p> <p>6 - Marcha Triunfal (G. Verdi)</p> <p>7 – Romance (P. Tchaikowski)</p> <p>8 – Czardas (Monti)</p> <p>9 – Polonaise Op.40 Nº.1 (F. Chopin)</p> <p>Piano: Rosemari Sperger</p> <p>10 - Salvador Rosa (C. Gomes)</p>
29º	14 de setembro de 1960 Concerto Beneficente a Associação	Escola Normal José Bonifácio Erechim - RS	<p>1º Parte</p> <p>1 – Velhos Camaradas (C. Teike)</p> <p>2 – Rosas do Sul (J. Strauss)</p> <p>3 – Uma italiana na Algéria (G. Rossini)</p>

	Erexinense de Estudantes		4 – La Traviata (G. Verdi) 2º Parte 5 - Czardas (V. Monti) 6 - Polonaise Op.40 N°.1 (F. Chopin) Piano: Rosemari Sperger 7 – Marcha Triunfal – Ópera Aida (G. Verdi) 8 – Salvador Rosa (C. Gomes)
30º	22 de dezembro de 1960 Festival OCE	Cine Luz Erechim - RS	
31º	25 e março de 1961	Salão de Festas do Grêmio Esportivo Panambi – RS	1º Parte 1 – Triumphmarsch (G. Verdi) 2 – Leitchfe Kavallerie (F. Suppé) 3 – Traviata (G. Verdi) 4 – Oppereltensterne (Versch. Komponisten) 5 – Rosen aus den Süden (J. Strauss) 6 – Männerchor – Panambi 7 – Florentinermarsch (Fucik) 8 – Hainzelmaennchen (Nolke) 2º Parte 9 – Ein Mergen, ein Mitag, ein Abend in Vien (F. Suppé) 10 – Zigounerlieben (Franz Lehár) 11 - Männerchor – Panambi 12 – Deuthches Potpourie, 1 Teil 13 - Deuthches Potpourie, 2 Teil 14 – Schützenpolka (Bern)
32º	Junho de 1961 Aniversário da OCE	Aratiba - RS	
33º	15 de dezembro de 1961	Cine Luz Erechim - RS	
34º	14 de setembro de 1962 44º aniversário de Erechim		1- Marcha dos Gladiadores (Fucik) 2 - Manhã, tarde e noite em Viena – Abertura (Franz Von Suppé) 3 - Lúcia de Lamermoor – Fantasia (Gaetano Donizetti) 4 - Poema – Fantasia (Fibich) 5 - Stephanie – Gavotte (Alphons Czibulka) 6 - Sangue Vienense – Valsa (Johann Strauss II) 7 - Marcha do 99º Regimento (Richard Hunyaczek)
35º	27 de setembro de 1963 Festival em benefício do Colégio São José	Colégio São José Erechim - RS	
36º	11 de outubro de 1963	São Paroquial Getúlio Vargas – RS	
37º	1964 Baile	Clube Esportivo e Recreativo Atlântico Erechim - RS	
38º	1964 Concerto 1	Pavilhão do Colégio São José Erechim - RS	
39º	1964 Concerto 2	Pavilhão do Colégio São José Erechim - RS	

40°	6 de setembro de 1965 Semana da Pátria	Colégio São José Erechim - RS	1° Parte 1 – Grande Itália Macia (Fucik) 2 – Dichter u Bauer (F. Suppé) 3 – La Traviata (G. Verdi) 4 – Fantasia sobre o Hino Nacional (Gottschalk) Piano: Oswaldo Engel 5 – Salvator Rosa (Carlos Gomes) 6 – Um Sonho – Violino Solo: Ernesto Kreische 7 – Wiener Spezialitatei – Melodia Vienense Grandes Composições de óperas 2° Parte 8 – Ondas do Danúbio (Ivan Ivanovici) 9 – Pistão – Solo “Correio Pistonista” 10 – Canto – Solo Duetto: Terezinha Dilélio e Maria Basso – Vendedor de Pássaros (Carl Adam Johann Nepomuk Zeller) 11 – Cavalo Branco (Franz Lehár) 12 – Morgen Wittag e Atends – Abertura (F. Suppé)
41°	14 de novembro de 1965 1° Jornada de Medicina	Salão de Atos do Colégio São José	1° Parte 1 – Dichter und Bauer – Abertura (Franz Von Suppé) 2 – Fantasia da Ópera Norma (Bellini) 3 – Concerto de Varsóvia (Richard Addinsell) Piano Solo: Oswaldo Engel 4 – Vendedor de Pássaros (Carl Adam Johann Nepomuk Zeller) Voz: Terezinha Dilélio e Maria Basso 5 – Fantasia da Ópera La Traviata (G. Verdi) 2° Parte 6 – Die Cxxdasfürstin (E. Kálman) 7 – Die Zigeunerin (W. Balfe) 8 – Aquarela Brasileira (A. Barroso) 9 – Ein Morgen ein Mittag, ein Abend in Vien – Abertura (Franz Von Suppé)
42°	19 de novembro de 1965 1° Semana da Cultura	Atos do Colégio São José Erechim - RS	
43°	29 de abril de 1966 48° Aniversário de Erechim		
44°	5 de novembro de 1966 Abertura da 1° Frinape	Salão de Atos do Colégio São José Erechim - RS	
45°	10 de dezembro de 1966 Jornada Anual da Associação Médica do Rio Grande do Sul	Pavilhão de Artes do Ginásio São José Erechim - RS	1° Parte 1 – Tannhäuser (R. Wagner) 2 – Rigoletto (G. Verdi) 3 – Sonho d’Amor (Franz Liszt) 4 – Ballada (Carlos Gomes) Voz: Terezinha Dilélio 5 – Concerto N°2 Op.18 (S. Rachmaninoff) Solista: Oswaldo Engel 2° Parte 6 – Princesa das Czardas (F. Kálman) 7 – Matin (Franz Von Suppé)
46°	10 de junho de 1967	Clube 10 de Maio Joaçaba	1° Parte

	Grande Festival Artístico – Musical a convite da Sociedade de Cultura Artística de Joaçaba e Herval d'Oeste – Scajho 50º Aniversário de Joaçaba	- SC	1 – Manhã, Tarde e Noite em Viena – Abertura (Franz Von Suppé) 2 – Rigoletto – Fantasia da Ópera (Giuseppe Verdi) 3 – Concerto de Varsóvia (R. Addinsell) 4 - Pagliaccio – Fantasiada Ópera (Ruggero Leoncavallo) 5 – Poeta e Camponês – Abertura (Franz Von Suppé) 2º Parte 6 – La Traviata – Fantasia da Ópera (Giuseppe Verdi) 7 – Sonho D'Amor (Franz Liszt) Solo de piano: Oswaldo Engel 8 – Princesa das Czardas (E. Kálman) 9 – Espanã Cañi (P. Marquina) 10 – Orfeu no Inferno (J. Offenbach)
47º	18 de agosto de 1967	Escola Normal São José Erechim - RS	
48º	21 de setembro de 1967 Inauguração do Palácio Farroupilha	Teatro São Pedro Porto Alegre - RS	1º Parte 1 - Manhã, tarde e noite em Viena (Abertura) – Franz Von Suppé 2 – Liebsfreud – Fritz Kreisler 3 – Schenkt na sich Rosen (Lied) – C. Zeller 2º Parte 4 – Norma (Fantasia) - Bellini 5 – Lustspiel (Abertura) – Keller - Bella 6 – I Pagliacci (Fantasia) – Leoncavallo 7 – Zigeunerin (Abertura) – Balfe 8 – Princesa das Czardas (Poutpourri) - Kalman
49º	24 de novembro de 1967	Escola Normal São José Erechim - RS	
50º	Dezembro de 1967 Concerto beneficente “campanha de natal da criança” patrocinado pela Sociedade José Bonifácio de Erechim		
51º	6 de julho de 1968	Salão de Atos do Colégio São José Erechim - RS	1º Parte Hino do Cinquentenário (Oswaldo Engel/ Terezinha Dilélio Becker) Hino da Frinape (Irmão Ivo) Marta – Sinfonia (Friedrich von Flotow) Lucia di Lammermoor (Gaetano Donizetti) Italianos na Argélia – Abertura (Gioachino Rossini) 2º Parte Hino de Erechim (Terezinha Dilélio Becker /Frederico Schubert) La Zingara (Michael William Balfe) Dança Húngara Nº 5 (Johannes Brahms) Compasso do 1º Regimento Imperial de Viena (H. Jurek) Seleções de Operetas – Pot-pourri (Emmerich Kálman)
52º	5 de novembro de		1º Parte

	<p>1968 Concerto pelo 50º de Erechim</p>		<p>1 - Hino Nacional Brasileiro (F M. da Silva) Orquestra 2 – Hino de Erechim (Terezinha Dilélio Becker /Frederico Schubert) Orquestra e Coral 3 – Discurso do sr. Danton Hartmann) 4 – O Calife de Baddad – Abertura – Orquestra de A. Baildieu 5 – Vozes da Primavera (J. Strauss) Orquestra 6 – Coro da Ópera Nabuco (G. Verdi) Orquestra e Coral 7 – Serenata Noturna (W. A. Mozart) Orquestra 2º Parte 8 – Coronel Boy – Orquestra 9 – Love Story (Francis Lai) Arranjo: Pedro Paulo Mandelli – Orquestra e Coral 10 – A última Inspiração – Valsa de Peter Pan – Orquestra 11 – Vibra em mim uma canção – Parte da Valsa do Adeus - Orquestra 12 – Carinhoso (Pixinguinha) Orquestra 13 – Rondó sobre o tema – O Pequeno Tambor - Orquestra 14 – A Spagnola – Orquestra</p>
--	--------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Jornal Voz Regional / A Voz da Serra.

ANEXO A - Recorte de jornal de fonte desconhecida

o Arrastão do Domingo, com a coleta de casa em casa, quando
 as carentes indicadas pelas entidades assistenciais da Cidade, de
 gria a um número cada vez maior de crianças de Erechim.

Três Arroios**“A Pequena Germânia”**

FOTO ARQ./ALTAIR MENEGATI



Esq. p/ dir. em cima: Nicolau Link, Fianco, Moron e Krüguer. Em baixo: Germano Schaedler, De Paris, João Simon e Augusto Schedler

Na colonização do Alto Uruguai formaram-se vilas com habitantes da mesma etnia, Três Arroios e Rio Novo (Aratiba) por alemães predominando, da mesma forma que os italianos ocuparam as terras de

Nova Itália (Severiano de Almeida) e Nova Veneza (Mariano Moro) e tudo proposto e organizado pela empresa colonizadora Luce, Rosa.

Os imigrantes e seus filhos traziam do berço uma iniciação musical e determinadas famílias como que um atavismo eram músicos e as bandas de músicos foram surgindo e animando as festividades cívicas, casamentos, convescotes e bailes.

Três Arroios, desde sua colonização sempre teve sua banda de música e a foto nos mostra uma banda de 1926, integrada por: (da esquerda para a direita e em pé): Nicolau Link, Fianco, Moron, Kruger e sentados: Germano Schaedler, De Paris, João Simon e Augusto Schedler (maestro) sendo que alguns não residiam em Três Arroios, mas em Rio Novo e Barro (Gaurama) e compunham a banda.

A festa que se realiza em Três Arroios e que com o passar do tempo vai se tornando uma das festas populares de maior expressão na região, teve sua origem nos primeiros moradores e nos músicos de Três Arroios.

Um mundo da al

ANEXO B - Ofício 12/75



Prefeitura Municipal de Erechim
Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Of.nº 12/75

Erechim, 16 de janeiro de 1.975.

Prezado Senhor:

Tem o presente a finalidade de formular um convite a Vossa Senhoria, para reger a Orquestra Sinfônica de nossa cidade, salientando que terá colocação, através da Escola Municipal de Belas Artes Osvaldo Engel, a partir de 1º de março do corrente ano.

Aceitando Vossa Senhoria este nosso convite, estará nos proporcionando grande prazer, bem como colaborando com enorme parcela para a difusão da arte e da cultura entre o povo erechinense através da música.

Colhemos o ensejo para expressar-lhe nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente


Aristides Agostinho Zambonato
Prefeito Municipal

Ilmo.Sr.
Affonso Krüger
NESTA

ANEXO C - Reportagem Correio do Povo - OCE na Assembleia Legislativa

CORREIO DO POVO

**ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM**

Fundada em 1950, graças à iniciativa do maestro Schubert, um europeu que fugira aos horrores da guerra, a Orquestra de Concertos de Erechim está constituída de amadores filhos da cidade. Suas apresentações, invariavelmente, têm finalidade beneficente. Embora convites já recebidos de Santa Catarina e Paraná, o sonho do regente Schubert é trazer a Orquestra a Pôrto Alegre para apresentar-se no Teatro São Pedro. Na foto, a Orquestra de Concertos de Erechim em sua última exibição, na data festiva de 20 de Setembro.



ASSEMBLÉIA APLAUDE ORQUESTRA DE ERECHIM

A orquestra de concertos de Erechim, um grupo amador que goza de grande prestígio na região, veio à nossa Capital a fim de, em homenagem ao Poder Legislativo, participar de um programa especial, na noite de 21 do corrente, no Teatro São Pedro. Ontem, a bancada da oposição na Assembléia apresentou um requerimento, pedindo a consignação em ata de

um voto de aplausos àquele conjunto de Erechim. O deputado Flávio Ramos foi à tribuna, elogiando os músicos daquele município. Também o deputado Carlos Santos oficiou à orquestra de Erechim, enviando os agradecimentos do Poder Legislativo. Na foto, a orquestra de Erechim, quando era apresentada no Teatro São Pedro. A sua vinda à nossa Capital, foi uma iniciativa do deputado Celso Testa.

ANEXO D - LISTA DAS MÚSICAS OCE, 1968

ORQUESTRA DE CONCERTOS DE ERECHIM

Dia 03 de Julho de 1968 - Regência do Maestro Frederico Schubert.

1ª PARTE

- 1) Hino do Cinquentenário, pelo côro juvenil da Escola Normal José Bonifácio; sob a regência da Professora Edith.
- 2) Hino da Prínape, pelo Côro Orfeônico do Medianeira, sob a regência do Irmão Ivo;
- 3) Marta, sinfonia de F Flotow;
- 4) Lúcia de Lemermoer, fantasia de X Donizetti;
- 5) Italianos na Argélia, Ouverture de G Rossini.

2ª PARTE

- 1) Hino de Erechim, pelo Coral São José, sob a regência da Irmã Clarisse;
- 2) La Zíngara, sinfonia de W Balfé;
- 3) Dança Húngara nº 5, de J Brahms;
- 4) Compasso do 1º Regimento Imperial de Viena, de H Jurek, e
- 5) Seleções de Operetas, poutpurri de E Kálmann

Último, ou 1 dos últimos concertos da OCE, antes de sua dissolução, graças à falta de apoio dos que teriam obrigação de mantê-la (Professura, classes "Conseradoras", clubes de Sertão, etc.).

Hino de Bechheim =

*Letra: Maestro Frederico Schubert
Música: Teuziula Bilélio*